

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



**Viver a Morte: ritos funerários e  
permanência do culto da memória no  
Japão contemporâneo – estudos de caso  
das zonas de Okazaki, Osaka e Maizuru**

Alexandra Sofia Tocha Carmo

Tese orientada pelo Prof. Doutor António Barrento,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de  
mestre em História e Cultura das Religiões

*(Dissertação)*

2016

*A vós uma vez mais,  
Avô Manuel e Avó Mimi  
Ao avô Delfim*

### **Agradecimentos**

Tantas pessoas na minha vida de alguma forma tornaram possível o culminar desta fase. Sem o seu apoio, provavelmente não teria chegado aqui nem seria a pessoa que hoje sou.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor António Barrento, que gentilmente aceitou a ser o orientador deste projeto. Professor dedicado, incansável e o mais prestável, sempre propondo as melhores ideias e desafios, gostaria de lhe deixar aqui a minha mais sincera gratidão por ter aceitado orientar esta tese e por toda a ajuda prestada!

Deixo também o meu agradecimento ao colega André Pinto que tão gentilmente aceitou ajudar-me na tradução dos materiais escritos que obtive em Kariya.

Aos meus Pais e Irmã, obrigado por compreenderem e apoiarem as minhas loucuras. Obrigada por aceitarem as minhas paixões, mesmo que por vezes não as compreendam totalmente.

Às avós, obrigada pelo apoio, apesar de até ao último segundo terem mantido sempre uma certa esperança que eu desistisse da viagem ao Japão.

Às minhas irmãs, não de sangue, mas presentes como tal, Mónica, Cátia, Carina, Elsa, Filipa, Maria, Joana, Rita e Ana obrigada por serem o meu apoio nos bons e maus momentos, aguentarem os meus desabafos e impulsionarem mesmo as ideias mais estranhas.

Ao Bernardo, poderia expressar agradecimento de mil e uma formas mas vou simplesmente constatar que por vezes não sei o que seria de mim sem o seu apoio, nos momentos em que faltou a confiança e a vontade de continuar.

Aos Sugimoto: Keitaka e Sayaka, agradeço terem-me acolhido tão bem e terem sido tão grande ajuda na recolha prática de dados que tornaram grande parte desta tese possível. Um obrigado não é suficiente para demonstrar a minha gratidão por tudo o que fizeram por mim durante a minha estadia em Osaka.

O maior dos agradecimentos aos meus restantes amigos japoneses, que me ajudaram e apoiaram ao máximo, fosse durante o estágio ou mesmo fora dele, mostrando-me sítios vários e novas experiências.

*«Se quiseres suportar a vida, está pronto para aceitar a morte»*

*Sigmund Freud*

*«Death is not the opposite of life, but a part of it»*

*Haruki Murakami*

*«The funeral is only the first of a series of rites conducted on behalf of the spirit  
of the deceased»*

*Smith*

*«A vida é o início da morte.»*

*Autor desconhecido*

### **Resumo**

Apesar da sua inovação, o ritual funerário continua a ser hoje tão importante no Japão como o era ontem, ou há 500 anos ou até mesmo há 1000 anos. Hoje, a cerimónia que nos é apresentada é uma mistura de rituais cuja origem se perde nos tempos, formando o modelo típico ou normalizado da cerimónia fúnebre, de natureza budista. Basicamente, divide-se em cinco partes essenciais: preparação do corpo, velório e cortejo fúnebre, cremação, permanência no altar doméstico e, finalmente, deposição no cemitério. Tratam-se dos chavões que podem ser encontrados em todos os funerais japoneses, podendo existir mais ou menos rituais intermédios dependendo da zona geográfica e das crenças religiosas e espirituais do defunto. Como adiante se verá, o funeral mais não é que um longo processo de apaziguamento e purificação do espírito do defunto.

Contudo, não é só o apaziguamento dos espíritos dos mortos que faz o funeral. Igualmente ou mais importante é o apaziguamento do espírito dos vivos e a aceitação da morte de quem é mais chegado e o funeral japonês, como se verá engloba as duas partes num ritual que se pauta sobretudo pela memória e memórias partilhadas entre quem fica e quem parte.

**Palavras-chave:** Japão; Morte; Superstição; Ritual; Funeral; Espiritualidade; Memória; Contemporaneidade; Tradição; Cultura.

### **Abstract**

Despite their innovation and modernity, the funerary rites are still as important nowadays as they were back in the very distant past. Today, the ceremony that they practice is a mix of ancient and not so ancient rituals that put together make for the standard Japanese funeral, Buddhist in its essence. Basically, we can divide it in five essential parts: preparation of the dead person's body; wake and funerary procession; cremation; placing the ashes in the household altar; finally, moving the urn to the family's grave at the cemetery. These essential parts can be found at every Japanese funeral, with the possibility of having extra features depending on the region and the deceased's religious and spiritual beliefs. So, the funeral really is a long ritualized process of appeasing the dead's spirit.

However, the funeral isn't only about appeasing the spirits of the dead. Much on the contrary. Equally or even more important is the appeasing of the spirits of the living, those who stay behind and must accept the parting with their departed close loved ones.

As we will see, the Japanese funeral nowadays combines both these aspects in a ritual that is all about collective memory and at the same time, personal shared memories between those who stay and those about to begin a new spiritual journey.

**Key-words:** Japan; Death; Superstition; Ritual; Funeral; Spirituality; Memory; Contemporary; Traditional; Culture.

## Índice

1. Introdução .....	8
1.1. Motivação e Metodologia de trabalho .....	11
1.2. Estado da Arte .....	13
2. Contextualização teórica do tema em estudo	
2.1. A evolução dos funerais japoneses a partir do séc. XIX .....	17
2.2. Será que existem funerais xintoístas? .....	30
2.3. Como o morto se torna morto – conceção espiritual .....	41
2.4. O funeral japonês contemporâneo – um modelo budista estandardizado .....	43
2.5. Inovação na continuidade .....	58
3. Apresentação e análise das recolhas obtidas em trabalho de campo	
3.1. Configuração do cemitério: Okazaki (Aichi-ken), Osaka e Maizuru (Kyoto-ken) ..	68
3.2. A preservação da memória dos defuntos – relatório de recolha prática .....	76
3.3. Recolha de Testemunhos .....	82
3.4. Análise e tradução de panfleto de agência funerária e livro de <i>sutras</i> budista .....	96
Conclusão .....	104
Bibliografia .....	109
Anexo 1º	
Glossário 1	
Glossário 2	
Anexo 2º	
Izumo Funeral Hall	
Cemitério em Okazaki	
Cemitério em Osaka	
Cemitério em Maizuru	
Altars domésticos	
Outras imagens	

## 1. Introdução

A presente dissertação serve o propósito de abordar uma conjugação de temáticas que me são próximas: a Morte (com os seus impactos sociais e culturais) e a Cultura Japonesa, sendo que o principal objetivo da presente tese é perceber e dar a conhecer como é a vivência dos japoneses atuais com a morte e espiritualidade associada.

Por esta via irei expor a vivência da sociedade japonesa atual face à morte, abordando a questão dos funerais e ritualísticas postas em prática, não sem antes falar da História e Evolução dos ritos funerários nipónicos desde o século XIX e finalizando com uma abordagem à superstição, na forma dos vários espíritos e almas penadas desde os mais inofensivos até aos mais perigosos movidos por uma tremenda sede de vingança.

Considero que, apesar de recorrer a vários artigos académicos já com alguns anos, esta dissertação não deixa de ser um contributo para o estudo deste tema. Porém, irei recorrer a materiais que me foram dados, um deles de carácter tão específico que se torna impossível de traduzir com exatidão, na forma de *sutras* lidos durante as cerimónias. Contudo, disponho também de um panfleto que me foi oferecido durante a visita a uma agência funerária que nos permite, mesmo de forma resumida, um olhar sobre a realidade da indústria funerária nipónica. Utilizarei os artigos académicos fruto da minha pesquisa de forma a contextualizar os materiais recolhidos em campo. Assim, pretendo dar o meu contributo através da apresentação e análise de vários elementos e testemunhos recolhidos.

No presente ano de 2016, tendo-me sido dada a oportunidade de estagiar como professora de inglês em Osaka, aproveitei para aprofundar a recolha de materiais, na forma de algumas entrevistas (duas delas gravadas), na observação de três celebrações domésticas (de duas escolas budistas e xintoísta), e da visita e manutenção de sepulturas familiares (acompanhando os membros da família) e a realização de visitas a templos de carácter mais mortuário.

Escolhi, por questões pessoais, a zona de Okazaki, na prefeitura de Aichi, berço de um dos célebres unificadores do Japão (Tokugawa Ieyasu). A já mencionada visita à agência funerária foi também nesta prefeitura, na cidade de Kariya. Inicialmente considerava que a ritualística variaria consoante as regiões, contudo, na verdade, nos dias de hoje encontra-se bastante uniformizada, pelo menos de acordo com o que apurei na recolha de testemunhos, e respondendo a todas as necessidades dos defuntos e famílias, como o panfleto e a visita deixaram bem claro. Na apresentação desta dissertação recorrerei



também à parafernália mais usada nas cerimónias fúnebres nipónicas, nomeadamente, os envelopes de oferendas e as contas budistas de oração, bem como o incenso (de carácter purificante).

Este ano, tendo mudado a área geográfica, mas não o tema, manter-se-á a informação que obtive em Okazaki, mas irei enriquecê-la com tudo o que vivenciei em Osaka. Desta forma, disponho de dois estudos de caso diferentes que poderão ainda assim ser interligados, como se verá pelas informações presentes nas amostras, não deixando porém de ser diferentes no seu conteúdo.

Em suma, este trabalho abordará, como já disse, a questão da evolução dos funerais a partir do século XIX, passando pelas inovações hoje visíveis, abordando a ritualística posta em prática (enquadrada com algumas questões do campo supersticioso) e também a questão isolada dos funerais xintoístas. Em jeito de contextualização, explicarei também o que torna o defunto como tal aos olhos da cultura nipónica e explicarei também como se constitui o típico cemitério japonês, cuja fórmula se mantém praticamente inalterada em todas as regiões que estudei, seguindo um modelo muito linear.

Assim, nas zonas de Okazaki/Kariya, a minha recolha consistiu na visita do cemitério da cidade de Okazaki (recolha fotográfica) e na visita à agência funerária Izumo Funeral, onde recebi um panfleto informativo e um livro com *sutras* da Escola Budista da Terra Pura para serem lidos durante as cerimónias fúnebres. Na cidade de Osaka fiz também uma recolha fotográfica no cemitério da zona de Abeno e no templo de Isshin-ji, tendo tido também oportunidade de gravar algumas leituras de *sutras* e rituais domésticos, bem como de recolher testemunhos por parte de amigos meus acerca dos ritos funerários. Em relação à zona de Maizuru, zona rural, fiz uma última recolha fotográfica no cemitério local de forma a poder contrapor com os exemplos recolhidos em Okazaki e Osaka.

Finalizarei esta dissertação com as minhas recolhas de testemunhos (provenientes de residentes da região de Kansai), para o qual muito gentilmente colaboraram conhecidos e amigos chegados de nacionalidade japonesa, que me deram o seu parecer acerca dos funerais a que assistiram bem como vários pontos de vista em relação aos seus rituais preferidos e qual consideram ser o grande objetivo do funeral.

Espero com esta dissertação dar o meu contributo, por muito ínfimo que seja, para a compreensão desta temática que considero relevante de se conhecer, pois não podemos ignorar que cada cultura expressa luto e o temor da morte com as suas especificidades,

sendo por isso que considero pertinente expor estes tópicos. Iremos ver, no final, qual é o grande objetivo do funeral japonês, depois de abordarmos toda a ritualística e segundo o contexto das amostras que obtive. Da mesma forma irei também responder a algumas questões que me coloquei aquando do início desta investigação, nomeadamente, acerca do papel das agências funerárias e da permanência do ritual tradicional.

### ***1.1. Motivação e Metodologia de Trabalho***

A presente dissertação de Mestrado é o fruto de duas das minhas paixões: a morte e os estudos japoneses. Inicialmente planeada como um estudo da mitologia e superstições da morte e submundo japoneses, depois planeada para ser relativa à faceta xintoísta da morte, a temática aqui explorada acabou por ser alterada para o estudo da morte e funerais sobretudo na conjuntura japonesa contemporânea, destinando-se sobretudo ao meio académico.

Inicialmente, esta seria uma dissertação puramente teórica, até que por sugestão do Professor António Barrento, orientador deste trabalho, decidi viajar até ao Japão para tentar fazer algum trabalho de campo. Durante um mês vivi numa cidade chamada Okazaki, na prefeitura de Aichi, onde tentei recolher informações relativas aos funerais. Infelizmente, pelo foi-me impossível visualizar um, porém, consegui visitar e fotografar uma agência funerária, a sucursal da cidade de Kariya da empresa Izumo, que além de funerais também disponibiliza serviços matrimoniais, uma tendência crescente no País do Sol Nascente. Nessa agência, onde fui muito bem recebida apesar de um certo nível de barreira linguística, foram muito gentis em deixar-me fotografar as salas usadas para velórios, bem como por me terem oferecido um pequeno livrinho onde constam os *sutras* recitadas nas cerimónias fúnebres, bem como um panfleto com os serviços oferecidos pela empresa.

Na cidade de Okazaki proporcionou-se também a oportunidade de efetuar vários registos fotográficos do cemitério local, ao qual dedicarei um breve capítulo neste trabalho.

Para além dos *sutras* e do panfleto, consegui obter alguns objetos em uso nos funerais e nas visitas aos cemitérios, como contas budistas de oração e incenso, bem como postais normalmente oferecidos nos funerais contendo as ofertas monetárias.

Finalmente, no presente ano de 2016, para minha alegria pude regressar ao Japão, desta feita por 3 (três) meses na cidade de Osaka. Assim, tive a oportunidade de fazer vários registos escritos, fotográficos e também em vídeo, com especial destaque para as entrevistas de recolha de impressões e testemunhos face ao funeral, incluindo o registo fotográfico do cemitério da zona rural de Maizuru, pois uma das pessoas que colaborou para a recolha de testemunhos é proveniente desta área. No fim, fiquei a perceber que o funeral japonês não era só o aspeto formal da ritualística.

Desta forma, este estudo começará por apresentar textos teóricos de teor académico de forma a contextualizar a informação obtida nas recolhas práticas, bem como uma breve história do cerimonial fúnebre japonês desde o período Meiji, de forma a compreender-se melhor o rito atual.

## ***1.2. O estado da arte***

Desde logo me deparei com limitações a nível de publicações e artigos académicos que pudesse consultar, de forma a contextualizar as minhas amostras.

Com efeito, existem diversas publicações sobre a temática dos funerais japoneses, porém, muitas vezes são inacessíveis ou muito dispendiosas ou estão escritas em japonês e aí impõe-se a barreira linguística.

Constatei, ainda assim, que a principal fonte de consulta para artigos académicos reside nas plataformas geridas pela Nanzan University de Nagoia, que tem a seu cargo a publicação das revistas *Japanese Journal of Religious Studies* e *Asian Ethnology*, bem como as publicações de artigos em nome da própria instituição. Estas duas revistas são publicadas 2 vezes por ano (cada uma), abordando estudos académicos relativos às religiões no Japão e aos povos e culturas do continente asiático, respetivamente, estando a sua publicação a cargo do *Nanzan Institute for Religion and Culture*, pertencente à já mencionada Nanzan University.

É de destacar também outras publicações periódicas, como a revista *Ethos* e *The Journal of Asian Studies*. Ambas as revistas são publicadas 4 vezes por ano. A primeira é a revista oficial da *Society for Psychological Anthropology* e apresenta artigos abordando as inter-relações entre o indivíduo e o ambiente sociocultural em que se insere nas perspetivas da psicologia, cultura e antropologia. A segunda é publicada pela Universidade de Cambridge para a *Association for Asian Studies*, abrangendo artigos sobre os mais variados temas aplicados às culturas de cada país asiático.

Relevante também é a constatação de que a maior abundância de obras cobrindo esta temática abrange o intervalo de tempo entre 1996-1997 e 2000.

Algumas dessas obras estão citadas na bibliografia da presente dissertação, porém serão incluídas no levantamento bibliográfico que se segue.

Considero também importante constatar que para as áreas onde fiz a recolha prática de materiais, nomeadamente, Okazaki, Kariya, Osaka e Maizuru, não encontrei qualquer publicação nem em japonês (muitas vezes deparo-me com títulos traduzidos, mas não foi o caso aqui), nem em inglês.

Da autoria de Murakami Kokyo, o artigo Changes in Japanese Urban Funeral Customs during the Twentieth Century (publicado em *Japanese Journal of Religious Studies* no

ano 2000, em inglês) pega no caso da cidade de Tóquio e analisa as mutações sofridas no rito fúnebre desde a era Meiji até à era Heisei, mencionando a influência de novos atores no processo e a crescente popularidade de novas práticas funerárias.

Publicado na revista *Ethos* no ano 2006 (em inglês), o artigo de Tsuji Yohko intitulado Mortuary Rituals in Japan: the hegemony of tradition and the motivations of individuals faz uma abordagem aos ritos que compõem o funeral japonês e os que têm como objetivo a preservação da memória do defunto baseando-se nas motivações dos praticantes, sejam elas fruto de “pressão social” ou individuais tendo como contexto recolhas e observações em campo.

De Nakamaki Hirochika, surgiram dois títulos na minha pesquisa: Continuity and Change: funeral customs in modern Japan (publicado em inglês na revista *Japanese Journal of Religious Studies*, no ano de 1986) e Shaso no keie jinruigaku (The anthropology of administration: company funerals) que está publicado em língua japonesa por Toho Shuppan (Tóquio; 1992). No primeiro artigo o autor analisa áreas geográficas distintas, sendo que uma é urbana: Hamamatsu e duas são rurais: Tokoro e Abashiri (em Hokkaido). Examina os funerais destas áreas, bem como conclui que é decrescente o temor da poluição da morte, em especial na área urbana, sendo também o cerimonial mais extravagante, enquanto nas áreas rurais os funerais se caracterizam por uma maior simplicidade. Em relação ao segundo artigo apenas tive acesso aos dados que apresentei. Contudo, não tive acesso a estes artigos na íntegra, mas sim apenas aos seus títulos traduzidos para inglês e breves sinopses do seu conteúdo.

O autor Mark Rowe no seu artigo Stickers for nails: the ongoing transformation of roles, rites and symbols in Japanese funerals (publicado em língua japonesa no ano 2000, na revista *Japanese Journal of Religious Studies*) aborda a questão da modernização e comercialização dos funerais japoneses que se reflete no afastamento da família do corpo físico do defunto, a cargo das agências funerárias, cuja popularidade tem vindo a aumentar, o que leva à adaptação e mutação dos ritos tradicionais que agora dão mais ênfase ao corpo físico do defunto em detrimento do seu espírito.

Publicado em língua inglesa no ano 2012 na revista *Asian Ethnology*, o artigo The purification process of death: Mortuary rites in a Japanese rural town apresenta uma descrição detalhada do funeral japonês, indo de encontro à questão da separação do espírito do defunto do seu corpo físico, transformando-se em antepassado divinizado da

sua família. Esta obra aborda a persistente questão da poluição trazida pela morte e de como esta vai desaparecendo através de toda a ritualística levada a cabo antes, durante e depois do funeral, sempre com o objetivo de purificar os locais, intervenientes e defuntos.

Publicado pela Nanzan University (Nagóia) no ano 2000 e da coautoria de Edmund Gilday e Elizabeth Kenney, o artigo (em inglês) Mortuary Rites in Japan – Editor's Introduction traça uma introdução à obra *Mortuary Rites in Japan* publicada em 1907 pelo sociólogo Robert Hertz e apresenta de forma resumida todos os rituais que compõem o funeral japonês, apresentando também um breve levantamento bibliográfico para esta temática, maioritariamente em língua japonesa, que irei de seguida apresentar: editado por Minzoku Kenkyu Bu a obra *Shi, Soretsu, bōsei Shiryō shūsei (Death, funeral rites, grave system: a collection of documents)* e publicado em 1999 pelo National Museum of Japanese History (Chiba) em língua japonesa é o produto da investigação de 60 investigadores que em 1997 documentaram as práticas funerárias e suas mudanças desde a década de 1960; da coautoria de Ito Yuishin e Fuji Masato, a obra *Sosai Bukkyō: Sono rekishi to gendai-teki kadai (Funerary Buddhism: Its history and contemporary issues)*, publicada em japonês pela Nonburi (Tóquio) em 1997, compila a história antiga e recente dos funerais executados pela Escola *Jodo Shinshu* e inclui os testemunhos de 618 padres budistas deste grupo e os de 1428 cidadãos japoneses. Da autoria de Kato Takahisa a obra *Shinsosai daijiten (Shinto funeral dictionary)* publicada em língua japonesa pela editora Ebisu Kosho (Tóquio) em 1997 compila diversos materiais, desde glossários específicos sobre os funerais de personagens históricas às crenças da vida no Além até aos funerais xintoístas contemporâneos.

Voltando ao primeiro levantamento, o artigo Funerary Rites in Japanese and Other Asian Buddhist Societies (publicado em inglês na revista *Japan Review* em 1997) examina os rituais funerários japoneses e compara-os com os de outras sociedades budistas da Ásia, concluindo que para rituais funerários a principal religião é a budista quando em contexto de sociedades asiáticas que tal como a japonesa conjugam mais que uma só religião. Em cada sociedade as práticas budistas e as funções dos monges diferem, bem como a manutenção da memória dos antepassados. Em suma, esta obra aborda as diferenças e semelhanças entre cada sociedade asiática budista no aspeto funerário.

No contexto da preservação da memória, da autoria de John Nelson, o artigo Social memory as ritual practice: commemorating the spirits of the military dead at Yasukuni Shinto Shrine (publicado em inglês em 2003 na revista *The Journal of Asian Studies*)

aborda a preservação da memória dos mortos em combate ao serviço do império japonês cuja sede é o santuário Yasukuni em Tóquio. Conclui que esta prática, além do objetivo de relembrar os mortos serve também o propósito de unir a comunidade e relembrar conflitos passados.

Finalmente, de Elizabeth Kenney, o artigo Shinto Funerals in the Edo Period (publicado na revista *Japanese Journal of Religious Studies* no ano 2000 em inglês) descreve com exatidão os funerais de dois padres xintoístas no final do século XVI e em meados do século XVIII, respectivamente. Ambos são únicos pois o primeiro é o primeiro funeral xintoísta de que há registo escrito e o segundo tenta duplicar práticas e símbolos funerários observados nas crónicas históricas japonesas, sendo que não podemos ver estes casos como típicos, dada a sua especificidade.

Finalizando a questão dos funerais xintoístas, podemos também encontrar várias informações *online* na plataforma gerida pela Kokugakuin University (Tóquio), que é um dicionário de xintoísmo e pode ser acedido no seguinte *link*: [http://k-amc.kokugakuin.ac.jp/DM/detail.do?class\\_name=col\\_eos&data\\_id=23262](http://k-amc.kokugakuin.ac.jp/DM/detail.do?class_name=col_eos&data_id=23262)



## 2. Contextualização teórica do tema em estudo

### 2.1. A evolução dos funerais japoneses a partir do século XIX

Tudo está sujeito a mudanças e as práticas mortuárias não são certamente exceção, refletindo evoluções e mutações da mentalidade humana ao longo dos tempos.

Abordando o caso nipónico, é de salientar o artigo da autoria de Murakami Kokyo, subordinado ao título Changes in Japanese Urban Funeral Customs during the Twentieth Century (MURAKAMI; 2000). Para efeitos de melhor compreensão deste assunto optar-se-á, tal como o autor, por fazer uma divisão cronológica por reinados imperiais: Meiji, que diz respeito ao imperador Mutsuhito, que reinou entre 1868 e 1912; Taisho, nome imperial e póstumo do imperador Yoshihito, que governou entre 1912 e 1926; e Showa, período que corresponde ao reinado do imperador Hirohito, entre 1926 e 1989. Presentemente, decorre o período Heisei, cujo imperador, Akihito, se encontra em funções desde 1989.

Este capítulo servirá o propósito de uma breve introdução às mudanças nos ritos fúnebres japoneses ao longo dos anos para que se possa perceber o contexto das práticas hoje em uso que serão posteriormente apresentadas.

Assim, este capítulo introdutório começará por se focar na cidade de Tóquio, o local mais urbanizado e onde as mudanças ocorrem mais rapidamente.



Figura 1 - Localização da área metropolitana de Tóquio no mapa do Japão.

Fonte: [http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Maps\\_of\\_Tóquio#/media/File:Location\\_TóquioJapan.jpg](http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Maps_of_Tóquio#/media/File:Location_TóquioJapan.jpg)

Durante o período Edo, tal como referido pelo autor, os funerais eram acontecimentos de proporções modestas para o grosso da população sem grande estatuto social, que levavam a cabo todo o cerimonial durante a noite (por norma os cortejos tinham lugar durante a tarde) e praticamente sem elaborados adereços religiosos (MURAKAMI; 2000, p. 336), que eram feitos e vendidos na hora pelos “cangalheiros” locais, o que implicaria um preço relativamente inacessível para a maioria da população. A partir de 1887 assiste-se ao elaborar das cerimónias e consequentemente, da parafernália em uso, que era agora alugada, logo, mais barata, o que conduz ao alargar do espectro a favor dos mais pobres, que começam também nesta altura a fazer os seus cortejos durante a tarde. Na era Meiji os funerais começam a ser encarados como eventos sociais em relação com as demonstrações públicas de luto (MURAKAMI; 2000, p. 336).

É apontado que é justamente durante a era Meiji que surgem em Tóquio as primeiras agências funerárias, cuja função era a de preparar os adereços necessários às cerimónias fúnebres tanto budistas como xintoístas, bem como organizar funerais menos dispendiosos. Isto devia-se ao facto de até esta altura existirem “cangalheiros” (*Koshiya*, ou seja, “fazedor de caixões”, num sentido literal) especializados que cobravam elevadíssimas quantias pelos serviços prestados. Ora estas novas agências funerárias vieram facilitar a realização das cerimónias fúnebres, pois eram também agentes a favor da empregabilidade, no sentido em que mobilizavam funcionários suficientes para cobrir toda a cerimónia, desde o cortejo à cremação, que se torna frequente neste período, pois até aqui era praticado, sobretudo, o enterramento dos corpos (*Dosoo*) (MURAKAMI; 2000, p. 336).

É na era Meiji que se celebram os funerais mais vistosos e com mais intervenientes, divididos em várias “sub-cerimónias” que compõem o todo do funeral de era Meiji. Entre vizinhos e parentes eram escolhidas duas pessoas para informar a comunidade que o funeral iria ter lugar, sendo que ao mesmo tempo o *sogiya* prepararia o local da cremação, as decorações e o caixão. Membros da família elaborariam as últimas vestes do defunto (*Kyokatabira*) a partir de algodão descolorado (*Sarashi*) e após vestirem o corpo e reunirem todos os principais membros da família, o defunto seria colocado no caixão (*Nokan*), sendo que aqui apenas a família estaria exposta à poluição causada pela morte, que é a razão pela qual esta pequena cerimónia não incluía amigos nem vizinhos. Posto isto e a montagem do altar, alguns monges budistas viriam à casa do defunto recitar os *sutras Makuragyo*. O corpo permaneceria então na casa durante o velório (*Otsuya*) e

qualquer pessoa poderia entrar e dar as suas condolências, mesmo sem ter conhecido o defunto. O velório durava toda a noite e o defunto era velado pelos familiares directos e outros com ligações de sangue e amizade tanto com o defunto como com os restantes familiares, que mais tarde participavam no restante cerimonial. Geralmente, durante o velório, haveria música, comida e bebida, o que tornavam esta cerimónia algo bastante animado (MURAKAMI; 2000, p. 337). O funeral *per se* começava após o final do cortejo fúnebre (*Soretsu*) desde a casa do defunto até ao templo ou casa funerária, sendo típico que a urna saísse da casa familiar às 10 horas da manhã do dia seguinte à noite de velório. Amigos e parentes dividir-se-iam em tarefas várias desde carregar a urna aos vários adereços necessários, como flores e lanternas, sob orientação do cangalheiro. Após o monge budista terminar a recitação dos *sutras* necessários, a procissão partiria da casa até ao templo em ordem específica: lanternas, flores, pássaros (que seriam libertados para mérito do defunto), queimadores de incenso, tabuleta memorial e urna com o corpo. A dita tabuleta estaria coberta com um pano de seda e seria levada pelo herdeiro (homem) do defunto. Saliente-se que apenas os homens carregavam toda esta parafernália, sendo que as mulheres seguiriam atrás em riquexós. Os homens do cortejo usariam *Kimonos* formais adornados com o brasão da família (MURAKAMI; 2000, pp. 337-338).

Ao chegarem ao templo, era montado um altar e uma pequena mesa de receção aos convidados ficava ao encargo de um dos familiares juntamente com um dos vizinhos. Durante o funeral (*Soshiki*) a família sentava-se em lugares separados dos restantes participantes e também sendo a primeira a oferecer incenso ao defunto, seguida então pelas restantes pessoas. Note-se que de acordo com o estrato social do defunto, o funeral teria mais ou menos participantes; entre 30 e 50 para a população comum (MURAKAMI; 2000, p. 338). Eram dados pequenos doces aos convidados, por norma gomas de feijão doce em forma de folhas e flores de lótus, e por uma questão de educação havia sempre mais gomas que convidados, pois seria escandaloso se não fossem suficientes para todos. As que sobrassem eram vendidas e dadas aos trabalhadores envolvidos no processo. Posto isto, chegava a hora de cremar o corpo do defunto (os enterramentos haviam sido proibidos a partir do ano de 1891), num local específico escolhido pelo cangalheiro. A urna era carregada para este sítio pelos homens da família e apenas certos trabalhadores. Nesta altura, devido ao uso de madeira para alimentar os fogos, as chamas eram muito fracas e fediam, pelo que normalmente as cremações tinham lugar durante a noite. O caixão era colocado no forno, o documento de autorização emitido pelo templo era

entregue e a porta do forno era fechada e selada com papel carimbado. O corpo arderia pela noite fora. No dia seguinte só a família estaria presente para recolher os restos mortais. Após esta tarefa, a família dirigir-se-ia às várias habitações da comunidade para agradecer a participação de todos no bairro. Em suma, os funerais do período Meiji tinham o intuito de colocar o defunto em contacto com e de ser enviado para o Além pelo máximo de intervenientes possíveis, o que se reflete pelas suas várias etapas em que o número de presentes vai aumentando até à cremação (MURAKAMI; 2000, p. 338). É de salientar também que em momentos posteriores já não se verifica a visita dos familiares aos diversos participantes, optando-se, ao invés disso, por postais de agradecimento enviados pelo correio.

Com a mudança para a era Taisho, também os funerais sofrem algumas mudanças formais, como é o caso da eliminação do cortejo fúnebre das cerimónias, pois, segundo o autor, após o Terramoto de Tóquio em 1923, não teria sobrevivido ninguém que pudesse atuar como líder do cortejo, apesar de em momentos anteriores se verificar que várias famílias não incluíam o dito cortejo (MURAKAMI; 2000, p. 340), sendo estas das classes mais elevadas, pelo que é natural pressupor-se que isto tenha criado uma tendência social que se terá propagado às classes mais baixas.

Aliada a esta tendência, reafirma-se uma outra: a das cerimónias domésticas de última despedida, que teriam lugar na habitação da família do defunto, sendo que os poucos funerais sem esta característica, ao invés teriam lugar no templo ou no crematório local. Estes velórios domésticos deixavam de ser somente reservados à família e amigos chegados (que velavam o defunto toda a noite) e passavam a abranger toda uma série de convidados não aparentados, que se dirigiam à casa do defunto para oferecer as suas condolências à família e não permanecendo durante a totalidade da noite (seria um “meio velório”, ou *Han Tsuya*) (*idem*).

Estas já mencionadas agências funerárias vieram facilitar todos os processos funerários, desde a preparação do corpo ao sepultamento. Originalmente, eram as familiares mais próximas que teciam o *Kimono* do defunto, mas após surgirem estas empresas, as roupas começaram a ser compradas e além disso, eram os próprios agentes que lavavam e barbeavam e maquilhavam os defuntos, bem como colocavam os corpos nas urnas. Assim, veio a tornar-se cada vez mais aceitável a participação de não familiares nas cerimónias e no tratamento dos corpos. Eram também estas empresas quem tratavam da obtenção de documentos necessários, como certidões de óbito. Toda esta velocidade no encurtar do

luto e na facilidade na aceitação de estranhos em todo o processo, refletem, de certa forma, o diminuir do tabu da morte. Acrescente-se, que estes fenómenos têm sido associados a uma forma de protesto durante a era Taisho aos funerais elaboradíssimos da era Meiji (MURAKAMI; 2000, pp. 341-342).

Na era Taisho dada a impossibilidade de se realizarem enormes cortejos fúnebres, as expressões de luto e condolências passaram a fazer parte integrante do cerimonial levado a cabo no templo, depois de terminar a parte privada e doméstica do serviço fúnebre na casa da família do defunto. Nos finais da era Taisho, este processo veio a simplificar-se ainda mais com ascensão da popularidade do envio de cartões e postais e assim cada vez mais, o funeral foi mudando de uma cerimónia de envio do defunto para o Além para uma cerimónia de receção e aceitação de condolências por parte da família, pois os vizinhos e amigos que outrora estavam incluídos no grupo que recebia passam a agora a fazer parte do grupo que oferece. Este fenómeno ilustra na perfeição o cortar dos laços comunitários e o diminuir drástico da esfera social, pois os vizinhos originalmente ajudavam na organização e agora são relegados para a posição de convidados na cerimónia. Da mesma forma, expandem-se de forma tremenda os negócios e agências relacionadas com a morte e serviços fúnebres, pois os vizinhos e amigos, como já foi dito, já não estavam encarregues dessas tarefas (*idem*).

Com a entrada na era Showa começam a ter lugar novas mudanças no panorama funerário, como o surgimento de cemitérios-parque (*Koenbochi*) e os crematórios semelhantes aos dos dias de hoje. Acrescente-se ainda que a partir de 1891 foram proibidos os sepultamentos dentro do perímetro das cidades, o mesmo acontecendo com os cemitérios, salvo aqueles de importância histórica, em que os restos mortais lá contidos seriam transferidos para templos especiais (*Tokusha Nokando*). Em 1923 surge o primeiro cemitério-parque urbano do Japão, o *Tama Reien Bochi*, e aliado a estes novos cemitérios torna-se cada vez mais universal a prática da cremação dos corpos. No ano de 1926 torna-se possível pela primeira vez cremar os corpos e recolher os ossos e cinzas no próprio dia, graças ao uso de combustíveis fósseis, já que na era Meiji, devido ao uso maioritário de madeira, a cremação era um processo muito longo e poluente, já para não mencionar que frequentemente ineficaz, o só contribuía para denegrir mais e mais a ideia comum da população em relação a estes locais, como sítios sinistros e horríveis devido à ineficácia dos métodos de combustão do passado. Assim, estes novos crematórios e parques

memoriais, para além de aumentar a simplicidade dos ritos fúnebres serviam também para combater a imagem negativa e tabu da morte (MURAKAMI; 2000, pp. 343-344).

A partir de 1934 torna-se comum o uso de altares mais elaborados nos velórios, sendo que essa elaboração começa a sentir-se nas cerimónias nos templos em detrimento dos cortejos fúnebres, como é o exemplo das flores naturais e de papel que agora, ao invés de serem levadas no cortejo, adornam os altares, acontecendo também que se tornam coloridas (outrora brancas) por influência Ocidental. Torna-se também prática comum e ainda hoje observada, colocar no altar o retrato do defunto. Por influência de todo este elaborado, também os postais e cartas de condolências se tornam mais requintados, bem como as refeições consumidas após as cerimónias (MURAKAMI; 2000, p. 344).

Verifica-se toda uma mutação nas práticas fúnebres, a começar pela preparação do corpo do defunto, outrora da responsabilidade dos familiares diretos, é agora uma tarefa relegada para os já mencionados *Sogisha*, monges budistas e trabalhadores do crematório, sendo que muitas vezes a família nem estaria presente nos últimos momentos de vida do defunto, se a morte ocorresse num hospital, já nos anos do pós-guerra, em que indústria funerária se começa a consolidar e a mostrar-se ao público sem tabus, ao invés de depender das ordens e necessidades dos templos, procurando agora angariar clientela através de anúncios publicitários. Isto vem tornar as cerimónias fúnebres inteiramente privadas, já que a comunidade não é mais necessária na organização (MURAKAMI; 2000, pp. 344-345).

Já durante o pós-guerra vem à luz uma questão também envolta em tabu e controvérsia, que era a da obtenção de uma sepultura familiar por famílias sem filhos ou apenas com filhas casadas com homens de famílias obviamente diferentes. Isto devia-se ao facto de, originalmente, para se poder obter uma sepultura, uma das condicionante ser ter pelo menos um herdeiro do sexo masculino. Caso contrário, revelar-se-ia extremamente difícil. Vários grupos lutaram contra esta tendência a partir de 1950, surgindo até o grupo *Onna no Ishibumi no Kai* (Associação pelas Lápides das Mulheres) composto por mulheres cujos maridos teriam morrido em combate sem deixar sucessores, e que pretendiam ter a sua própria sepultura, futuramente. Junte-se também a ação da *Moyai no Kai* (Associação pela Partilha), que fazia com que pessoas não aparentadas fossem sepultadas num mesmo local e a todos fossem feitas as devidas oferendas; bem como a ação da *Soso no Jiyu o Susumeru Kai* (Associação pela Liberdade nos Sepultamentos), que contestava as sepulturas tradicionais e defendia que as cinzas dos defuntos fossem espalhadas no meio

natural (*Shizenso*). Finalmente, merece também ênfase a ação dos *Yuigon Ginko* (Bancos de Testamentos), onde as pessoas guardariam os testamentos com as suas últimas vontades e com a explicação do funeral que desejavam, que poderia depois ser levado a cabo pelos seus amigos e família de forma legal e sem necessitarem do serviço de um templo ou de uma agência funerária (MURAKAMI; 2000, pp. 345-346).

Nos dias de hoje existe também a possibilidade, se for essa a escolha, de se ser sepultado no cemitério coletivo (chamado *Annon Byo*, ou seja, Santuário da Tranquilidade) do templo budista (*Nichiren*) *Myoko-ji* em Niigata (Prefeitura de Niigata). Todos os anos decorre aqui uma conferência destinada a instruir quem aqui quer ser sepultado a aceitar a morte e a celebrar o funeral, que aqui é um acontecimento mais pequeno e modesto. Isto mais não é, por um lado, que um protesto às normas sociais japonesas, que requerem uma cerimónia fúnebre de consideráveis proporções se o defunto em vida tiver atingido um bom estatuto social e se tiver sido bem-sucedido. Dá-se o oposto quando o defunto é já reformado e muito idoso, e aí os intervenientes mais não são que meros conhecidos da família que ainda resta, sendo isto particularmente frequente nos grandes meios urbanos em que as relações familiares cada vez mais se degradam (MURAKAMI; 2000, p. 349). Com efeito, isto leva muitos japoneses, já antevendo os seus próprios funerais, a crer que os típicos funerais budistas mais não são que meras formalidades desprovidas de todo e qualquer sentimento. Muitos poupam em vida para os seus próprio funerais bem como sepulturas nos cemitérios das cidades, refletindo tanto a individualização da cerimónia fúnebre bem como os cortes dos laços familiares, pois a participação da família é socialmente esperada no Japão, o que em parte também leva muitos a opinar, tal como acima dito, que isto não é mais que uma formalidade necessária e fria. É também de constatar que apesar de tudo, não existem muitos japoneses a doar os seus corpos à investigação científica, especialmente por oposição das suas famílias, que seriam impedidas de realizar aquilo que a sociedade espera delas nestes momentos (MURAKAMI; 2000, p. 350), o que me leva a considerar que se poderia torna, de certa forma, vergenhoso do ponto de vista social, pois não convém esquecer que até aos dias de hoje a sociedade japonesa permanece rigidamente hierarquizada.

Em suma, a crescente indústria da morte no Japão, desde a era Taisho tem vindo a permitir, até aos dias de hoje, a exclusividade da presença da família, bem como a individualização dos funerais, que agora podem ser “personalizados” consoante as escolhas da família e durante a vida do futuro defunto. O que não deixa de fazer com que haja uma oposição

entre quem apoia esta crescente privatização do funeral que está relegado apenas à família, e entre quem continua a considerar preferível manter a tradição Meiji de abrir a cerimónia fúnebre a toda a comunidade e até a desconhecidos, apesar de este último grupo, atualmente não ter muito eco.

Outro estudo de caso está patente no artigo de Nakami Hirochika intitulado Continuity and Change: Funeral Customs in Modern Japan, em que o autor analisa dois locais distintos: Hamamatsu (Prefeitura de Shizuoka), um meio extremamente urbanizado e Tokoro, uma pequena vila na ilha de Hokkaido (sub-prefeitura de Okhotsk, outrora denominada Abashiri). Tokoro apesar de ser um meio pequeno, não fica indiferente às mudanças que vão ocorrendo, porém estas acontecem muito mais rapidamente em Hamamatsu, naturalmente devido às suas proporções e natureza. Abaixo, constate-se as posições geográficas de Tokoro e Hamamatsu no mapa nipónico, respetivamente.



Figura 2 - Posicionamento da área de Tokoro no mapa japonês.  
Fonte: <http://www.tageo.com/index-e-ja-v-12-d-m346744.htm>



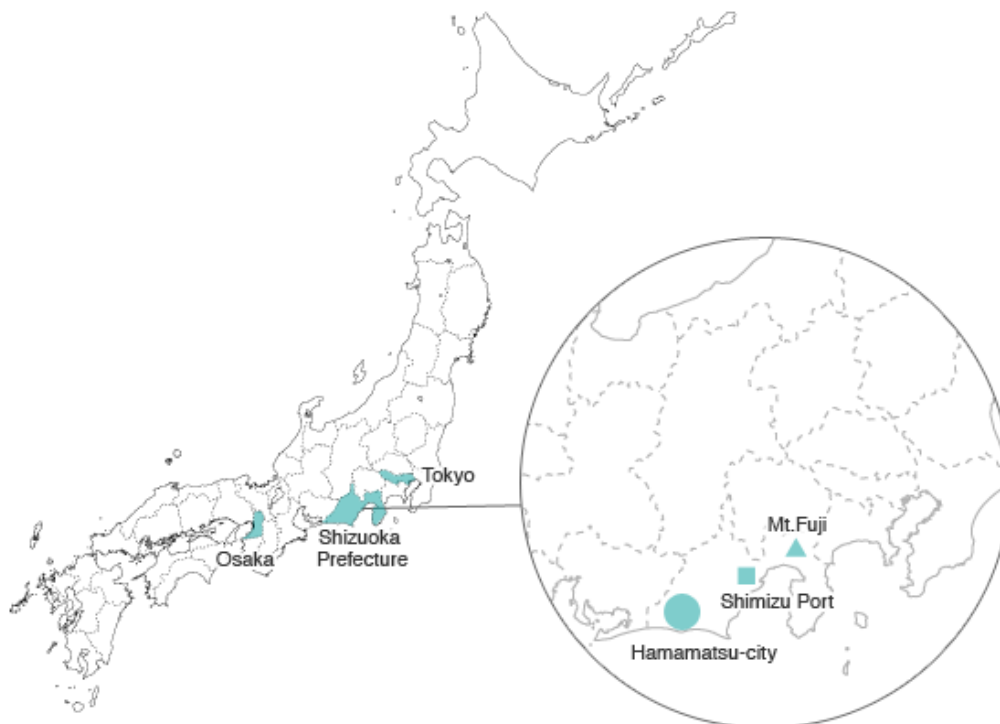


Figura 3 - Localização da área de Hamamatsu no mapa japonês.  
Fonte: <http://www.maruhon.com/en/access/>

Tendo em conta o posicionamento destes locais, torna-se fácil compreender por que é as mudanças ocorrem mais ou menos rapidamente. Note-se que Tokoro está posicionada numa área recôndita na ilha Hokkaido, no norte do arquipélago, enquanto a cidade de Hamamatsu está inserida na superdesenvolvida prefeitura de Shizuoka, não muito longe da capital japonesa.

Em Tokoro, o primeiro cangalheiro terá encetado a sua atividade no ano de 1963, mantendo o seu negócio sem grande competição. Antes dele, a influência estava nas mãos da cooperativa local, que era parte da comunidade e se dedicava ao bem-estar geral dos habitantes da localidade. Em zonas rurais estas cooperativas produziam todos os materiais necessários para os funerais, desde caixões a tabuletas memoriais e mortuárias e até mesmo arranjos florais. Já em áreas rurais, estes objetos eram encomendados aos carpinteiros e cooperativas do bairro em questão. Só após a II Grande Guerra é que estes bens se tornam acessíveis à escala nacional, sob aluguer.

Este primeiro cangalheiro de Tokoro abrange o seu negócio para além dos funerais, incluindo também arranjos florais e toda uma série de acessórios de cariz budista e xintoísta, que segundo o autor é bastante comum entre os coveiros da ilha de Hokkaido (NAKAMI; 1986, p. 178). Atualmente, a principal competição vem na forma das agências funerárias modernas, que terão surgido por todo o Japão, em especial nas áreas urbanas a

partir da década de 50 do século XX, que terão começado por realizar cerimónias muito simples, tendo até hoje modernizado e aperfeiçoado as ditas cerimónias, sendo muitas delas elaboradas e extravagantes. Enquadram-se perfeitamente no âmbito do anonimato que a vida nas grandes cidades implica, apesar de cada vez mais se incluírem nas zonas rurais, marcadas pela entreaajuda comunitária.

Uma questão que obviamente está incluída mas é pouco discutida é a dos preços das cerimónias fúnebres. É um tópico que por norma não surge aos olhos do público nem tampouco é habitual ser abertamente discutido nem que existam qualquer tipo de descontos ou negociações, apesar de por vezes o custo total poder ser reduzido no caso de as oferendas serem muito escassas, mas é raríssimo. É também uma questão de ética que o agente funerário não peça qualquer quantia aos clientes mais pobres e é por isto que muitas agências funerárias incluem nos seus nomes as palavras para “caridoso” ou “serviço público”. Os custos eram discutidos em privado entre o agente funerário e o herdeiro do falecido ou outro parente (NAKAMI; 1986, pp. 180-181) e não existem registos de que alguma vez os custos tenham sido contestados. Os preços são definidos tendo em conta uma série de fatores, como o estatuto da família.

Os altares têm normalmente a proporção de 2,7m de comprimento e são ornamentados com flores frescas, principalmente crisântemos e vários apetrechos dos cultos budista e xintoísta. Para além deste altar principal, é montado um outro mais pequeno, no qual se colocarão após as cerimónias, os ossos e cinzas do defunto dentro da devida urna, oferendas e velas durante o período de quarenta e nove dias depois da morte. Toda esta parafernália é fornecida pela agência durante o tempo necessário, exceto se um templo estiver envolvido nas cerimónias. As agências funerárias encarregam-se também do transporte dos corpos até ao crematório e durante o Inverno esse transporte era feito com trenós puxados por cavalos (não esquecer que os Invernos são muito longos e rigorosos na ilha de Hokkaido) e no Verão por carros também puxados por cavalos, sendo que só a partir da década de 1970 os transportes se modernizam e se tornam automobilizados (NAKAMI; 1986, pp. 181-182).

Na zona de Tokoro o enterramento dos corpos era a forma de deposição mais comum até ao virar do século e até à década de 1930 as poucas cremações realizadas, eram-no ao ar livre, até se construir o crematório e respetivo cemitério para abranger estas áreas rurais. As cremações estavam a cargo dos *onboyaki*, que não eram parentes nem de alguma forma relacionados com os defuntos e apenas desempenhavam estas tarefas por serem pessoas

de condições extremamente carenciadas. Nas áreas urbanizadas de Tokoro, a partir de 1951 as cremações centralizaram-se de forma a conter os custos de manutenção e em 1957 é construído um novo crematório ao qual se acrescenta um carro de transporte em 1963 para centralizar ainda mais estes processos e, finalmente em 1965 a fornalha alimentada a madeira é substituída por uma alimentada a combustíveis fósseis. Em 1970 têm lugar mais modernizações das instalações, nas quais se acrescentaram mais duas fornalhas que não libertam fumo nem odores (NAKAMI; 1986, pp. 182-183).

No ano de 1884 foram publicadas pelo governo central as “Regras Federais acerca do Controlo de Cemitérios e Sepulturas” e a vila de Tokoro selecionou um local nos subúrbios com o intuito de o tornar no cemitério público no ano seguinte e assim a zona em questão foi bloqueada para a construção da nova estrutura. Em 1972 foi elaborado o “Plano Detalhado para a Vila de Tokoro”, onde se delineava o melhor local para a construção de um parque memorial o que levou ao remodelar do já existente cemitério da vila entre 1974 e 1975 através do reposicionamento das sepulturas de forma a conferir um ambiente mais pacífico ao que se pretendia ser o parque, que a partir de 1975 começou a ser conhecido como Parque Memorial de Tokoro. Entre 1978 e 1979 é construído um novo crematório em ferro e betão numa área de 270 metros quadrados, com duas fornalhas duplas de combustão sem fumo e odores, sendo esta estrutura complementada com uma torre budista hexagonal para repouso dos espíritos desencaminhados (NAKAMI; 1986, pp. 183-184).

Juntamente com este modernizar de estruturas, também as mentalidades se foram alterando na questão da morte enquanto agente de impureza. Verifica-se que durante a época das celebrações do Ano Novo não se enviam quaisquer postais de agradecimento por se comparecer nas cerimónias fúnebres, nem estas se praticam e, se for caso disso, a primeira semana após a morte pode até ser celebrada uns dias antes da véspera de Ano Novo. Esta mudança de mentalidades está também patente nos locais onde se morre, pois atualmente o local mais comum é a cama de hospital e o corpo é totalmente desinfetado e esterilizado com soluções à base de álcool e é também no hospital que é vestido pois, com efeito, é raro nos dias de hoje que a morte e a preparação do corpo ocorram em ambiente doméstico. Os familiares mais próximos colocam, então, o corpo num caixão que é mantido em gelo seco até à cremação. O cangalheiro nem chega, sequer a manusear o corpo, apesar de já nem ser visto como uma figura poluída pela morte, apesar de a população preferir chamá-lo de “Florista”. Já não é muito comum, apesar de continuar a

acontecer em pequena parte, olhar quem manuseia os corpos como tocado pela impureza da morte. Os cemitérios continuam a ser vistos como algo mais lúgubre, é certo, mas os novos parques memoriais transmitem pureza e luz (NAKAMI; 1986, pp. 184-185).

Mudando agora para a zona de Hamamatsu, o autor divide em dois tipos as instituições encarregues da celebração de cerimónias fúnebres: as que lucram com os serviços prestados e as sem fins lucrativos (NAKAMI; 1986, p. 185). As primeiras instituições com fins lucrativos aparecem em Hamamatsu na primeira década do século XX acompanhando a rápida vaga de urbanização desta zona, que conhece um grande desenvolvimento após a Segunda Grande Guerra em especial nas áreas mais urbanas. Porém, isto não leva ao desaparecimento das organizações sem fins lucrativos, que na área de Hamamatsu são as chamadas organizações *Rinpo* das comunidades de cada bairro, que constituem as mais pequenas unidades de ordem local autónoma, funcionando também como cooperativas funerárias, apesar de os membros da comunidade cada vez menos recorrerem às ditas, em detrimento das agências funerárias modernas, que naturalmente manteriam um certo nível de competição entre si (NAKAMI; 1986, pp. 185-187). Regra geral, no espaço urbano são de longe mais comuns os velórios realizados nas casas mortuárias em detrimento das residências dos defuntos ou suas famílias. Estas empresas crescem rapidamente pois oferecem várias facilidades aos seus clientes, nomeadamente no pagamento dos serviços requisitados, como por exemplo, pequenas prestações mensais, o que acaba por tornar o funeral num bem comercializável, patente de ser publicitado, enfim, um investimento (NAKAMI; 1986, p. 186). Com efeito, estas agências empregam diversos trabalhadores especialmente formados, que, para além de cerimónias fúnebres, vendem também casamentos e outras cerimónias no formato de pacotes, para evitar a venda exclusiva de cerimónias fúnebres. Voltando à formação, a agência oferece aos seus funcionários seminários variados sobre legislação, seguros e preparação das cerimónias fúnebres, entre outras, de modo a que a família possa confiar totalmente no funcionário e na sua eficiência. Em suma, estes novos agentes funerários desempenham os papéis outrora pertencentes ao ancião da comunidade e ao coveiro (NAKAMI; 1986, pp. 188-189), baseando o seu serviço em cinco chavões fundamentais: orgulhar-se do seu trabalho; usar as palavras com graciosidade e elegância; tomar medidas responsáveis; ser sempre prestável e humilde; manter a sinceridade em tudo o que for feito. Em termos sociais, parecem refletir a atitude de qualquer outro funcionário de qualquer outra empresa nipónica, com o fim de fazer com que não se sintam denegridos

(a morte é ainda um assunto de certa forma tabu) e mantenham acima de tudo o seu profissionalismo. Porém, não deixa de ser uma área de trabalho “diferente e especial”, onde se reforçam algumas restrições, como a proibição de agradecer ao cliente por escolher os seus serviços ou de usar a expressão “*Volte sempre!*”. É dada uma ênfase extrema à escolha cuidada das palavras em uso, que devem ser sempre solenes, respeitosas e reconfortantes, como por exemplo: o funcionário não deve nunca referir-se ao seu cliente como “o corpo”, mas sim como “o defunto” ou “a pessoa que partiu” e é aconselhado a usar expressões vagas e indiretas. Acrescente-se que também a escolha das indumentárias é fortemente restringida ao uso de fato preto com gravata também preta, sendo que apesar disso o funcionário deve manter uma atitude que reflita que ele não é apenas mais um empregado da empresa (NAKAMI; 1986, pp. 189-190). E apesar de este modelo empresarial ser extremamente bem-sucedido nas áreas mais urbanizadas onde está em competição com outras empresas do mesmo ramo, nas áreas mais rurais perde em detrimento das organizações sem fins lucrativos, que têm nestas áreas as suas bases mais fortes (NAKAMI; 1986, p. 190).

Mais à frente, voltarei a abordar um outro estudo de caso, desta feita em Makabe, uma pequena vila na prefeitura de Ibaraki, mudando, porém, o foco para a ritualística levada a cabo. Em relação aos meios urbanos, é possível aplicar já há vários anos um modelo estandardizado, que será também abordado.

## ***2.2. Será que existem funerais xintoístas?***

Na presente parte irei abordar a temática que inicialmente considerei para tema principal desta dissertação: o funeral xintoísta. Vamos aqui expor o que é afinal o funeral xintoísta, se hoje se pratica e por que razão surgiu sequer a ideia de um cerimonial fúnebre usando aquela que é essencialmente uma religião de Vida e que vê na Morte a maior impureza que é possível ter-se.<sup>1</sup>

A ideia de funeral xintoísta surge em meados do Período Edo (por volta do século XVII) numa conjuntura que ditava que todos os japoneses, até mesmo os sacerdotes xintoístas, estavam obrigados à filiação num templo budista, pois eram estas instituições que se encarregavam das celebrações fúnebres bem como da vigia das práticas cristãs trazidas pelos visitantes portugueses, que nesta altura se encontravam já ilegalizadas. A partir de 1758, o Estado vem dar autorização aos mestres xintoístas e seus descendentes do sexo masculino para que possam ter funerais xintoístas se assim o desejarem, tendo em conta também que necessitariam ainda de autorização da família Yoshida, que tinha grande estatuto social e religioso. Com efeito, os membros da família Yoshida foram os primeiros a ter funerais que consideravam xintoístas, ainda antes do início do período Edo (KENNEY; 2000, p. 240).

Ora este fenómeno do funeral xintoísta vem também da criação, por esta altura, de “formas antigas de xintoísmo”, que não o eram de facto, mas sim, novas criações que visavam opor-se fortemente à influência budista, em que se dava grande ênfase à preocupação com o destino do corpo e à manutenção dos laços de união entre os vivos e os mortos. Assim, inicialmente, antes de Edo, a família Yoshida já os celebrava; a partir de 1758 esta prática estende-se aos sacerdotes xintoístas e seus descendentes homens mas, só com o período Meiji viria a estender-se a toda a população (KENNEY; 2000, p. 241).

Ao contrário do que se fazia crer na altura, este funeral xintoísta não pré-datava a chegada do budismo ao Japão, com efeito, o manual mais antigo a fazer-lhe referência tem “apenas” 400 anos e mostra que estas cerimónias foram, de facto, criadas e oficializadas no período

---

<sup>1</sup> Abordei anteriormente esta temática no âmbito do seminário de História da Ásia: Temas e Perspetivas, lecionado pela Professora Doutora Maria Leonor Garcia da Cruz e irei aqui apresentar a informação a que tive acesso e as conclusões a que cheguei.

Edo por sacerdotes xintoístas que pregavam a sua antiguidade como remontando aos séculos VII/VIII (KENNEY; 2000).

A autora que consultei para este estudo, Elizabeth Kenney, apresenta alguns casos-práticos destes funerais xintoístas, sendo o primeiro abordado o de Yoshida Kanehiro, como consta no diário do seu filho Kaneatsu (entrada datada de 1402) que nos diz que seu pai terá morrido pacificamente recitando a prece budista, tendo feito os votos budistas uma semana antes da sua morte e sendo o seu ritual também deste âmbito religioso. O seu filho conta-nos que ele próprio e todos os outros Yoshida com funções sacerdotais, com a iminência da morte de Kanehiro, tiveram que se afastar para não serem tocados pela sua poluição. Com efeito, é relatado que enquanto estava a morrer, Kanehiro tinha como acompanhantes somente os monges budistas, que depois trataram do seu corpo e o levaram para o templo para a celebração do seu funeral. O seu filho fala-nos em tom triste e frustrado nos seus diários, pois também ele sendo mestre xintoísta, não pôde acompanhar seu pai nos seus últimos suspiros nem banhar e vestir o seu corpo, pois a sua condição socio-religiosa proibia-o de tais ações. (KENNEY; 2000, p. 242).

De facto, não era só Kaneatsu que nutria frustração e tristeza por esta inibição, sendo que este sentimento era partilhado pelos xintoístas no geral e, em especial pelos sacerdotes e mestres que não apreciavam particularmente esta hegemonia e monopolização budista da morte. Os sacerdotes xintoístas começam, então, a realizar eles próprios os funerais, mantendo, porém, a ritualística budista, convivendo com os monges, numa que parecia ser uma separação apenas parcial e específica aos ritos fúnebres. Assim, os sacerdotes deixavam de ter que se afastar perante a morte dos seus entes queridos, podendo, até ajudar a preparar os seus corpos para os ritos fúnebres. Esta terá sido a primeira fase do fenómeno do funeral xintoísta, que surge como um movimento reacionário de oposição ao monopólio budista dos ritos fúnebres (KENNEY; 2000, p. 243).

O relato que é seguidamente apresentado diz respeito a um outro membro do clã Yoshida e mostra-nos os pontos de vista de Yoshida Kanemi sobre a morte de seu pai Yoshida Kanemagi (em 1573). Vemos nestes relatos que o funeral começa ainda antes da morte *per se* na forma de preces pelo moribundo e ministração de medicamentos muito ritualizada, combinando aqui conhecimento budista e xintoísta, pois a ritualística era executada pelos mestres xintoístas e os medicamentos e materiais necessários eram trazidos por monges budistas (KENNEY; 2000, p. 243). O início deste “funeral” parece estar datado do Inverno de 1572 quando Kanemagi (de 57 anos) adoece gravemente, nos

finais do 9º mês do calendário lunar. Isto leva o seu filho Kanemi a iniciar a recitação de fórmulas xintoístas de purificação, que são repetidas por 360 vezes na tentativa de curar a doença de Kanemagi. Contudo, a meio do 10º mês a saúde de Kanemagi agrava-se ainda mais e, já no 11º mês, Kanemi, ajudado por um grupo de sacerdotes, decora o quarto do já moribundo Kanemagi com um dragão e com os nomes de 64 *kami*. De seguida, estes executam um ritual budista de invocação dos antepassados da família Yoshida. Mas a saúde de Kanemagi continua a piorar e o seu filho relata-nos toda uma preparação para o pior cenário nos dias que se seguem durante esse 10º mês: no 18º dia é pintado o retrato do moribundo (que será usado nas cerimónias fúnebres); no 22º dia Kanemagi recebe a visita de amigos e é-lhe ministrada uma nova dose de medicação ritualizada; no 23º dia é visitado por um mestre xintoísta que lhe ministra 100 rituais de purificação. Já chegado o 11º mês o moribundo é visitado por mais amigos que pernoitam no templo, onde bebem *sake* e dançam nessa noite. O estado de saúde de Kanemagi melhora ligeiramente durante esse mês e no 25º dia ele, o seu filho e um amigo chegado visitam um templo xintoísta para tratar de assuntos do foro religioso (KENNEY; 2000, pp. 243-244).

No 1º mês do novo ano de 1574, Kanemagi vê a sua saúde agravar-se novamente e é obrigado a tomar mais medicação. No 8º dia recebe a visita de monges budistas que vêm rezar pela sua saúde e, mais tarde nesse dia, redige o seu testamento no qual afirma o tipo de funeral que deseja ter. Deixa instruções para que o seu corpo seja enterrado a este de Kannon (divindade feminina do budismo, personificação da generosidade) e que por cima da sua campa se construa um santuário xintoísta. Pretende também que seja construída uma casa mortuária temporária para albergar a sua urna antes do funeral (mostra aqui um afastamento do budismo, pois recusa que o seu corpo seja albergado no templo). Kanemagi aparenta ter noção que está a entrar nos seus últimos dias de vida e, no 9º dia desse 1º mês pede aos seus familiares que se reúnam com ele e, enquanto a família chora a sua morte tão próxima, ele troca algumas palavras com o neto. Finalmente, no dia seguinte, por volta das dez horas da manhã, Kanemagi solta o seu último suspiro (KENNEY; 2000, p. 244).

No 14º dia, estando já o corpo lavado, vestido e colocado na urna, tem início o funeral às duas horas da manhã. O relato diz-nos que nenhum monge budista esteve presente quando o corpo foi colocado na casa mortuária especialmente para si construída. De acordo com esta fonte, era exatamente isso que tornava um funeral xintoísta: a não presença de nem um monge budista. No dia seguinte, Kanemi diz-nos que, devido à morte de seu pai,



suspende as suas atividades enquanto mestre xintoísta. Contudo, neste dia já estão presentes monges budistas, que vêm rezar pela existência intermédia de Kanemagi, ou seja, o período de tempo que passa até ao seu renascimento (KENNEY; 2000, p. 245).

Ao 16º dia Kanemi faz uma cópia do *sutra* do Lótus, naquela que é uma ação meditativa e de cumulação de bom *karma* para o espírito de seu pai. No dia seguinte leva a cabo rituais e oferendas aos espíritos esfomeados para que estes não coloquem qualquer entrave à existência espiritual de seu pai (KENNEY; 2000, p. 245).

No 21º dia realizam-se mais ritos de cariz budista e ao 25º dia termina o período de existência intermédia do espírito, que por norma dura 10 dias, pelo que os monges budistas podem agora abandonar o santuário. No 27º dia Kanemi dá por terminada a sua cópia do *sutra* do Lótus e dedica-a à memória de seu pai (KENNEY; 2000, p. 245).

Importante é salientar que Kanemi não nos ilumina muito em relação ao funeral propriamente dito nem de que forma foi especificamente xintoísta, para além da exclusão deliberada dos monges budistas. Kanemi terá escrito um manual sobre ritos funerários e nele descreve um rito em que se fazem oferendas de lanternas, flores, *sake*, comida, água quente, arroz e queimas de incenso, incluindo também nesta descrição que o corpo seria enterrado levando consigo frases muito específicas, como por exemplo: “*A vida é o início da morte. A morte é o fim da vida.*” (KENNEY; 2000, p. 246).

O enterramento dos corpos como forma de deposição nesta altura não era invulgar entre as camadas inferiores da sociedade, sendo que nas elites era um exclusivo da família Yoshida, que se opunha à cremação budista. Porém, é de referir que os primeiros membros do clã Yoshida teriam também sido cremados, tendo os seus ossos sido levados e depositados no monte Koya, indo de encontro à crença xintoísta que os espíritos dos mortos habitariam as montanhas, refletindo-se aqui um certo hibridismo de práticas que viria a mutar-se com o tempo, naturalmente. Kanemi dá a entender que os rituais budistas feitos antes e depois do funeral em nada alterariam a sua essência que se cria xintoísta (KENNEY; 2000, p. 246).

Voltando ao funeral de Kanemagi, depois da construção do santuário por cima da sua campa, o seu filho Kanemi faria oferendas no local todos os meses, sendo que este era o único local onde podia exercer ritos xintoístas pois ainda estava tocado pela mácula da morte o que fazia com que, pelo menos durante 6 meses não pudesse nem entrar sequer no templo imperial (note-se que o Imperador do Japão é, também e ainda hoje, o sumo-

sacerdote xintoísta) nem no templo que estava à sua responsabilidade, estando impedido de aqui realizar qualquer cerimónia até a impureza da morte que lhe estava agregada se desvanecer (KENNEY; 2000, p. 247).

Ainda no relato do funeral de Kanemagi Yoshida, feito pelo seu filho Kanemi, no 10º dia de cada mês são feitos rituais *post-mortem* (10º dia neste caso pois foi neste dia que Kanemagi faleceu) por Kanemi, que se deslocava ao templo contruído por cima da sepultura do seu pai para fazer oferendas de cariz xintoísta, como *sake* ou de teor budista, como a queima de incenso. De acordo com o que está por si próprio relatado, Kanemi terá mantido esta rotina mensal durante os 11 anos seguintes. No 50º aniversário da morte de Kanemagi, sendo este já um antepassado da família são feitos rituais variados e no dia exato do aniversário da sua morte faz-se uma cerimónia especial no templo erigido acima da sua sepultura, estando no interior uma lápide superficial a assinalar o local onde jaz o corpo e contendo no seu interior um objeto simbólico (KENNEY; 2000, p. 247).

A autora aborda um segundo um segundo caso, um pouco mais tardio no tempo, no ano de 1764, o da morte e funeral de Nemoto Tanemaro, que de acordo com a informação por ela apurada, terá falecido aos 74 anos de idade, tendo a descrição do seu funeral ficado para a História graças ao seu sobrinho, Fujiwara Mikimaro. Este relato terá sido mais tarde retificado pelo neto do defunto, Nemoto Yoshitane. Quanto a Tanemaro, à data da sua morte, seria sacerdote num templo xintoísta naquela que é hoje a cidade de Chiba. Tanemaro terá eliminado do templo a que presidia, radicalmente, tudo o que fosse remotamente budista, o que inevitavelmente se refletiu também nas suas exéquias, supostamente inspiradas nos escritos do Japão antigo, o *Kojiki* e o *Nihonshoki*, tentando seguir os modelos ancestrais e combinando-os com detalhes da religião popular. Não se tem certezas, mas crê-se que o funeral tenha seguido à risca aquilo que foi pedido pelo defunto, apesar de isso não estar explicitado nos relatos nem se saber com exatidão se terá sido feito algum pedido em testamento (KENNEY; 2000, pp. 248-249).

O que se sabe, contudo, é que este funeral foi, de longe, muitíssimo mais elaborado que o de Yoshida Kanemagi, exigindo a participação tanto de familiares como de amigos nas mais diversas funções. Mas, já abordaremos essa questão. Primeiramente, antes do funeral foi necessário preparar a casa do falecido e fazer as roupas e objetos específicos a cada função, bem como distribuir as tarefas por cada familiar e amigo. Na fachada da habitação foi pendurado um pano branco, o indicador do estado de luto da família. No exterior é construída, tal como no funeral anterior, uma casa funerária para albergar o

corpo durante a cerimónia, bem como um portão temporário, destinado a fazer com que a Morte seguisse um caminho diferente daquele seguido pelos vivos, que se querem puros.

Abordemos, seguidamente, as funções necessárias a esta cerimónia, que estariam enquadradas nos papéis desempenhados por personagens várias das crónicas históricas, como por exemplo: *Nakime* (carpideiras e lamentadores), *Monomasa* (é como se fosse um ator que desempenha o papel do defunto entre os vivos), *Yocho* (os indivíduos que seguram e carregam a urna contendo o defunto) e *Kutsu-mochi* (os seguradores de sapatos, símbolo do caminho do defunto para o Além; considera-se que esta função teria um caráter essencialmente xamanístico), entre outros inúmeros papéis a desempenhar nesta cerimónia. Outra função seria a de *Watatsukuri*, ou seja, fazedores de algodão, que, além de serem responsáveis pelo algodão colocado no caixão para impedir a deslocação excessiva do corpo no interior da urna (ainda hoje isso se faz), eram também responsáveis pela lavagem do corpo. Em suma, colocariam algodão no fundo do caixão e depois depositariam o corpo, virado para cima e ostentando um talismã. Posto isto, o *Monomasa* purificaria o caixão e fechá-lo-ia, sendo depois levado para a casa mortuária, onde permaneceria por três dias até ao funeral (KENNEY; 2000, pp. 249-253).

Findos estes três dias, a família e amigos reúnem-se com os oficiantes e músicos perto ou no interior da casa mortuária. A cerimónia tem início com o *Monomasa* a virar-se de frente para a urna, perante a qual se curva e bate palmas, sendo este ato de cariz xintoísta, pois é desta forma que se ora ao *kami* num santuário. Depois de o espírito do defunto ser chamado desta forma, são feitas oferendas de comida em frente ao caixão pelo *Mikebito*. Antes ou depois destas oferendas os participantes poderão ou irão comer e beber, não se sabe com certeza o quê. Finda a refeição dos vivos, estes batem os pauzinhos que usaram, como se de um aplauso se tratasse, que aqui simbolizaria o choro causado pelo desgosto da perda do seu ente querido. Enquanto isto decorre, o *Monomasa* lê uma oração ao espírito do defunto (KENNEY; 2000, p. 253).

A seguir realiza-se o cortejo fúnebre e o relato fala-nos de 66 intervenientes com as já mencionadas funções atribuídas, admitindo-se até, que no total, tenham estado no funeral mais de 100 pessoas. Quatro indivíduos do sexo masculino foram destacados para carregar o caixão, quanto outro carregavam tochas, bandeiras, vassouras, lanternas, sacos, uma espada e um bastão. Não se conhece bem qual a função exata de cada um destes símbolos, que provavelmente seriam inspirados nas crónicas e religião popular. A presença de músicos neste funeral explica-se com a frequência com que a sua figura surge

nas crónicas antigas, em episódios célebres. Está também descrito que dois homens levariam um cavalo, que provavelmente seria propriedade de Nemoto ou então simbolizaria um cavalo propriedade de um *kami*. Os *Fukuro-o*, carregadores de sacas, levariam dentro de estas as roupas do defunto. Cada saca teria um *ho* e um *hakama*, que são partes integrantes do vestuário tradicional masculino (KENNEY; 2000, p. 254-255).

O cortejo termina com a chegada ao local onde a vala já está aberta para receber o corpo do defunto. O local da vala e a abertura da mesma correspondem a uma outra função, a de *Yama-tsukuri*, ou seja, fazedores de sepulturas. Depois de o caixão ser colocado em frente à vala, alguns intervenientes sentam-se enquanto outros preparam uma mesa alta em frente ao caixão e nela o *Mikebito* coloca *sake* e fruta enquanto ora para que o espírito aceite estas oferendas. O *Monomasa* dirige-se ao caixão, faz uma vénia e bate palmas de novo, pega em dois pauzinhos de comer e espeta-os na vertical numa taça de arroz (ato ainda hoje praticado e, fora dos funerais, é considerado extremamente rude). Continuando, ele espalha sal, para purificar, oferece água e oito tipos diferentes de cereais, o que revela o carácter agrícola do xintoísmo. Um assistente chama os carregadores de sacas e tira as roupas de dentro delas, passando-as ao *Monomasa* que as segura, eleva e as usa como adereço para uma dança ritual (possivelmente uma reminiscência das danças *kagura* de carácter xamânico). Findo este ritual, não se sabe qual seria o destino das roupas do defunto. O *Monomasa* começaria então a ler um sumário da vida do defunto que terminaria referenciando e lamentando a efemeridade da vida humana e a mágoa da perda de um ente querido (KENNEY; 2000, pp. 255-256).

Terminada esta cerimónia, a família e os amigos regressariam a casa e só depois de irem embora é que se procederia à inumação da urna. Segundo a fonte, na vala colocar-se-ia carvão e cinzas juntamente com o caixão, que era depois coberto com terra que seria empilhada até ter a forma de ovo. Exatamente neste sítio é plantada uma árvore e nos seus ramos é pendurado um espelho e tiras de cânhamo, que servem para assinalar este local como sagrado do ponto de vista xintoísta. Ao seu redor é construída uma cerca e assim terminou o funeral de Nemoto Tanemaro. Nesse mesmo dia, na casa da sua família é montado o altar ao seu espírito e lá se coloca a tabuinha memorial. Será aqui que serão feitas as oferendas de comida e preces ao espírito do defunto, à semelhança dos dias de hoje (KENNEY; 2000, p. 256).

Precisamente 30 dias após o funeral, o *Mikebito*, que seria Yoshida Sakyō, terá purificado a casa da família, de forma a livrar o espaço da poluição da morte, também para isso

mudando o fogo do fogareiro doméstico. A partir deste momento todos os membros da família Nemoto que não exercerem funções religiosas podem voltar à sua vida quotidiana. Quanto ao filho do falecido, deve passar 50 dias em luto confinado a uma cabana isolada. Terminado esse período de tempo poderia retomar as suas atividades mundanas se estas não fossem de índole religiosa, pois se o fossem, deveria deixar passar mais algum tempo de forma a livrar-se totalmente da mácula da morte (KENNEY; 2000, p. 256).

Passado o primeiro ano após a morte, efetuam-se mais oferendas ao espírito de Nemoto e, para esse efeito, família e amigos reúnem-se uma vez mais para partilharem uma simples refeição, que de novo não nos é explicitada. Repete-se a purificação da habitação e do fogareiro doméstico e o filho do defunto pode agora deixar de envergar as vestes de luto e voltar a exercer funções religiosas. É ainda nesta data que se coloca a lápide na sepultura e à frente desta lápide coloca-se um portão *torii* (é ao passar estes portões que se sabe estar a entrar-se em solo consagrado e purificado), tendo em seu redor uma cerca em pedra (KENNEY; 2000, p. 257).

Para concluir, é possível que à semelhança dos dias de hoje seja clara a permanência de laços de união entre o defunto e os vivos, o que terá sido uma das razões para a implementação desta prática nova no período Edo, que sabemos não ser de carácter ancestral, como os sacerdotes tentaram fazer crer. Continua a verificar-se, apesar de tudo, uma certa aversão ao cadáver e à morte, mas o defunto vê agora a si consagrado um espaço sagrado totalmente novo que o honra enquanto divindade antepassada, o que é de certa forma inédito e exclusivo a este período histórico. No momento da inumação o cadáver é evitado a todo o custo e os familiares preferem relembrar o seu espírito e não ter muito contato com o seu corpo maculado pela morte. O espírito do antepassado é neste momento uma tremenda força instável que deve ser apaziguada através das oferendas dadas, tal como nos funerais atuais.

Mudando o espetro cronológico para os dias atuais, constatei que a maior parte dos japoneses que questionei tem alguma dificuldade em conceber uma ideia de funeral ao estilo xintoísta.

Contudo, não significa que eles não existam. Segundo um artigo de Sadazumi Motegi na *Encyclopedia of Shinto* (portal *online* criado e atualizado pela *Kokugakuin University* de Tóquio) estes ritos funerários existem e quem os desejar pode tê-los nos dias de hoje.

São designados como *Shinsosai* e tratam-se dos rituais funerários xintoístas em oposição aos de carácter budista (que ocorrem cerca de 98% das vezes no Japão atual).

Como já vimos durante o período Edo, o *Tokugawa Bakufu* impôs um sistema de registos nos templos budistas de forma a aniquilar o impacto do Cristianismo. Porém, alguns clérigos xintoístas ficaram para lá de insatisfeitos com esta medida, pois consideravam a sua como a religião autóctone do Japão (ao contrário do Budismo, que originou na Índia e entrou no território japonês no século VI d. C.) e assim, obtiveram do *Bakufu* autorização para levar a cabo rituais funerários que consideravam xintoístas, baseando-se nas crónicas históricas para a sua execução (especialmente na obra *Kojiki*). Tentaram, assim, estabelecer no Japão uma forma “pura” de xintoísmo (*Yuiitsu Shinto*), completamente independente do Budismo, como vimos com Yoshida Kanetomo.

Perto do final do período Edo foram publicadas inúmeras obras e manuais que compilavam as práticas funerárias xintoístas, como por exemplo: *Sogiryaku* (de Furukawa Mitsura) e *Sogi-Yoroku* (uma obra do Clã Tsuwano), enquanto vários rituais se desenvolviam entre as diferentes seitas xintoístas.

Nos dias de hoje as principais obras pela qual a ritualística xintoísta se rege são as seguintes: *Sho-saishiki-yoko* (“*Essentials of all Festivals and Ceremonies*”) e *Shinsosai no Shion* (“*Guide to Shinto Funerals*”), ambos publicados pela *Jinja-Honcho* (Associação de Santuários Xintoístas).

De acordo com o *Shinsosai no Shion* (e com Sadazumi Motegi) os principais ritos que compõem o funeral xintoísta são 12: *Makura-naoshi no gi* (ritual de ajustamento da almofada); *Nokan no gi* (ritual do caixão); *Kyuzen-nikku no gi* (oferendas diárias de comida ao defunto); *Ubusuna-jinja ni kiyu-hokoku* (anúncio às divindades do regresso do espírito ao santuário-natal); *Bosho-jichinsai* (ou *Batsujo no gi*) (purificação do local de sepultamento); *Tsuyasai no gi* (velório); *Senrei no gi* (transferência do espírito do defunto); *Hakkusai no gi* (saída de casa da urna contendo o defunto); *Hakkyusai-go-batsujo no gi* (purificação da casa depois da saída da urna); *Sojosai no gi* (últimos ritos antes da deposição do corpo, ao lado da sepultura); *Maisosai* (ou *Kasusai no Gi*) (inumação ou cremação do corpo); e finalmente: *Kikasai no gi* (regresso a casa da família).

Repete-se toda uma série de rituais e preces pelo espírito do defunto até à colocação do altar temporário na casa da família, no dia seguinte ao do funeral. Repete-se depois a cada 10, 20, 30, 40, 50 e 100 dias depois da morte e, depois no centésimo dia do centésimo

aniversário da morte. Por vezes, ao serem assinalados os 50 ou 100 dias da morte, marca-se a passagem do espírito do defunto para o panteão dos antepassados da família, numa cerimónia chamada *Goshisai*, que acontece no santuário de filiação da família.

Como se pode constatar o único ponto em comum entre as práticas funerárias xintoísta e budista é o velório. Estas diferenças residem sobretudo nas diferenças entre as crenças de base para o Além entre os dois cultos. A continuação da partilha de comida com o espírito do defunto durante uns dias até ao funeral mostra como os xintoístas crêem na permanência do espírito na residência, ainda vivo apesar de já não ter corpo físico, o que aparenta ter um significado mais profundo que o das oferendas de comida dos funerais budistas (muitas vezes é meramente simbólica para os budistas).

Em relação ao *Senrei no gi*, em que o espírito é colocado num recipiente espiritual (*reiji*) (é essa a transferência) é executado durante o velório. Depois disso o corpo é normalmente inumado no cemitério (*okutsuki* é o termo xintoísta para sepultura). O *reiji* é colocado no altar doméstico temporário até o período de luto terminar (50 ou 100 dias depois da morte). Depois disso é colocado junto dos *reiji* dos outros antepassados familiares e assume a mesma função de divindade protetora da casa e da família.

A seguir à inumação dos restos mortais, a família regressa a casa (*kikasai no gi*) e executa o ritual de purificação *Seibatsu no gi*, em que se polvilha sal pela casa e pelo exterior. Este rito e o da oferenda de comida foram também assimilados pelo funeral budista (tal como o velório), mostrando a permanência das crenças do Além dos japoneses pré-budismo, bem como a persistência de ritos imemoriais demasiado enraizados na cultura autóctone para simplesmente desaparecerem.

Concluindo, e respondendo à pergunta colocada no título do presente capítulo: sim, efetivamente existem funerais xintoístas nos dias de hoje, apesar de formarem uma ínfima (quase inexistente) percentagem nos dias de hoje, não podemos negar que existem, ou pelo menos, instruções para serem realizados existem, lançados oficialmente na forma de manuais.

### 2.3. *Como o morto se torna morto – a conceção espiritual*

Segundo a *Nova Enciclopédia Larousse* (pub. 2001):

«**MORTE:** (*sub. Fem.*)

1. *Interrupção completa e definitiva da vida (...)*

2. *Falecimento, óbito*

(...)

*Na espécie humana o diagnóstico imediato da morte, de um ponto de vista clínico, passava, tradicionalmente por três aspetos principais: 1º) a cessação da respiração; 2º) a cessação da atividade cardíaca e, consequentemente, da circulação; 3º) a cessação das funções do sistema nervoso central. (...)*»

O autor Hyunchul Kim no seu artigo intitulado *Mortuary Rites in a Rural Japanese Town* refere que para um japonês, cada indivíduo possui o seu corpo (*karada*) e o espírito (*tamashii*) e a morte ocorre quando esse espírito abandona o corpo, o que por esta lógica implica que a pessoa se mantenha viva enquanto o espírito estiver a habitar o seu corpo. Assim, é importante ter em consideração a forma como a pessoa morre, pois isso condiciona a saída do espírito do corpo (KIM; 2012, p. 229).

Em vida, a pessoa é detentora de vitalidade (*ki* ou *genki*, é a energia vital), que varia consoante os indivíduos. É esta vitalidade que faz bater o coração e confere ao corpo vivo os seus tons rosados e temperatura quente. O corpo nestas condições não está rígido e, assim possibilita que o espírito nele viva, numa cooperação entre corpo e alma que permite à pessoa pensar, comportar-se e ter sentimentos.

Quando acaba a vitalidade destinada ao corpo, o coração cessa de bombear o sangue, que ao deixar de circular fará com o que o corpo se torne rígido e gelado, não podendo mais o espírito permanecer em tal corpo, deixando-o eventualmente. Dá-se a morte (KIM; 2012, pp. 229-230).

Mesmo após a paragem cardíaca e declaração médica do óbito, isso não significa exatamente que a pessoa esteja morta, pois o corpo nos primeiros momentos ainda se mantém macio e quente, o que faz com que o espírito não o abandone imediatamente. É de concluir então que para um japonês a morte não seja propriamente definida científica ou biologicamente, mas sim de forma espiritual e social.



Com o corpo em *rigor mortis*, o espírito abandona-o, porém, isso não implica que o espírito saia na sua totalidade, pois acredita-se que até à cremação o espírito se mantenha sempre em proximidade com o corpo físico, entrando e saindo dele (KIM; 2012, p. 230).

Inevitavelmente, começa a decomposição do corpo físico, que implica uma tremenda poluição do corpo do defunto e do ambiente à sua volta e família próxima, incluindo até que o próprio espírito fique afetado por essa impureza.

Essa poluição vai sendo aos poucos amenizada com o avançar dos ritos funerários, até desaparecer completamente e tudo voltar ao normal.

Essencialmente, o funeral japonês é um longo processo de purificação com vista a afastar a poluição espiritual causada pela morte (KIM; 2012, p. 230).

#### ***2.4. O funeral japonês contemporâneo – um modelo budista estandardizado***

Como foi explicitado anteriormente, as cerimónias fúnebres nipónicas com o passar do tempo foram-se tornando cada vez mais um negócio e uma fonte de investimento, empregando numerosas pessoas especialmente formadas para o efeito.

Assim, não é de estranhar que nos meios mais urbanos e modernizados, o funeral se tenha uniformizado, podendo até, seguindo o típico estilo budista, baseado em princípios comuns ao grosso da população, conhecida pelo pouco tempo livre que podem dispor, o que faz com que, regra geral, se tente ao máximo realizar as cerimónias fúnebres durante o fim-de-semana.

Desta feita, traçando as linhas gerais, é de salientar que o funeral comum japonês se enquadra na religião budista (que no Japão é em especial uma espiritualidade ligada à morte), dividida numa série de etapas, nunca esquecendo que estas podem variar consoante as ramificações religiosas a que o defunto pertence, apesar de isso não ser muito provável, como constataremos no capítulo relativo às recolhas feitas em campo.

Assim sendo, o presente capítulo serve a função de contextualização para que se torne mais fácil compreender a informação apresentada nos relatórios da recolha prática que se seguirão, onde vários dos seguintes conceitos serão abordados.

A primeira etapa é denominada de *Matsugo no Mizu* e tem lugar em casa do defunto ou, mais vulgarmente para os padrões atuais, no hospital ou lar de idoso. Consiste na colocação de água nos lábios do defunto, assim que o óbito se verifica e que a família se reúne em torno do falecido (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 167). Um dos membros humedece os lábios do defunto usando um pano húmido ou algodão molhado preso à ponta de um palito de bambu, sendo que o propósito deste ritual é o de tentar reanimar o recém-falecido. A base desta prática é a crença de a água ser considerada uma fonte de vitalidade ou de energia vital na cultura japonesa, sendo também uma fonte de pureza, pois a vitalidade é oposta à poluição ou impureza e assim, ao se aplicar água nos lábios do defunto, para além de se estar a tentar reanimar o corpo ao dar-lhe alguma energia vital, está-se também a anular parte da poluição trazida pela morte (KIM; 2012, p. 230).

Seguidamente, tem lugar a preparação do corpo em casa do defunto. O corpo é colocado num *futon* numa sala tipicamente japonesa, sendo que a cabeça deverá estar virada para Norte, pois Buda aquando da sua morte estava ele próprio virado para Norte (esta prática

de posicionar o defunto chama-se *Kita Makura*). Este posicionamento está somente reservado para os defuntos e crê-se que na vida quotidiana, se uma pessoa dormir virada para Norte, isso trará má sorte, pois esta posição de *Kita Makura* está intimamente ligada à morte, o que a liga também à impureza e ao azar (KIM; 2012, p. 231).

O corpo do defunto é então limpo com água ou álcool e vestido com um *Kimono* branco fornecido pela agência funerária (pode ser feito em papel ou tecido) (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 167) e a testa é decorada com o triângulo branco que todos os japoneses identificam com a figura do *Yurei* (tipo de fantasma particularmente temido na superstição japonesa).

As palmas das mãos são colocadas juntas no peito, como se estivesse em oração (*Gasshou*). De forma a retardar a decomposição são colocados vários pequenos blocos de gelo seco envoltos em tecido branco em locais estratégicos: de ambos os lados da face, entre as pernas e no peito (KIM; 2012, p. 231).

O corpo já vestido é então colocado num *Futon* e tapado com este ou com um lençol e sobre a face é colocado um lenço branco. Por cima deste lençol é colocado um *Haori* virado do avesso (é um casaco tradicional). A face do defunto é então coberta com um fino lenço branco (KIM; 2012, p.231). Uma pequena faca (no passado seria uma espada, isto no caso dos homens, pois para as mulheres é usada uma tesoura) é posta por cima do corpo com o objetivo de dele afastar os maus espíritos (*Muenbotoke*) e a seu lado é colocada uma pequena mesa onde se porá uma tigela de arroz com os pauzinhos espetados na vertical (usada em vida pelo defunto, que será quebrada em frente à sepultura quando os ossos lá forem depositados), um prato com bolinhos de arroz, incenso e uma vela (são oferendas ao espírito do falecido) (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 167) (KIM; 2012, p. 231).

Após a deposição correta do corpo do falecido, chega a hora de a família informar da morte os parentes mais próximos, o chefe do grupo comunitário e um monge budista do templo da família, sendo que após os comunicados deverá decidir a data do funeral, o local e quem virá a ser o homem encarregue de liderar a ritualística envolvida. Por norma é escolhido o familiar homem mais chegado do lado paterno do falecido e o mais habitual é que a cerimónia se realize no terceiro dia após a morte (KIM; 2012, p. 231). Porém, como veremos mais à frente nos relatos recolhidos, os funerais abordados nas entrevistas tenderam a realizar-se no dia seguinte à morte e não no terceiro dia.

Começa a ser feita a decoração do local envolvente pelos agentes funerários, que se encarregam também de fechar o altar xintoísta doméstico (se a família não o tiver feito) e de o cobrir também com um papel branco para afastar dele os maus espíritos e a poluição da morte (este ritual denomina-se *Kamidana Fujii*, ou seja, o encerrar das divindades domésticas). O pedaço de papel branco irá aqui permanecer durante quarenta e nove dias, o período que se crê que demore a passagem do espírito para o Além e que a poluição da morte na casa finde (KIM; 2012, p. 231).

A sala onde está o corpo é também decorada, as suas paredes desde o teto até ao chão cobertas com lençóis brancos e, como já foi mencionado, ao lado do corpo é colocada uma mesa baixa onde se expõem as oferendas ao espírito e que, para além das velas, incenso e oferendas de comida já explicitadas, inclui também um pequeno vaso com um crisântemo branco, um guizo, uma tigela com sopa *Miso* e um copo com água ou chá verde. A família deverá manter as velas e os pauzinhos de incenso sempre acesos pois o fumo do incenso e a luz bruxuleante das velas afastam os pérfidos espíritos e fantasmas penados do defunto bem como ajudam a purificar o ambiente manchado pela morte (KIM; 2012, p. 231). Junto do falecido coloca-se também um biombo de pernas-para-o-ar de acordo com a prática budista de *Sakasa Goto*, ou seja, “coisas ao contrário”, pois no Budismo japonês a morte foge ao habitual, é um reverso, um oposto da vida e por isso as ações e objetos devem ser o oposto ao feito e colocado na vida quotidiana. No dia-a-dia, um *Kimono* não se veste colocando a aba direita sobre a esquerda nem se torna a água do chá morna ao colocar água quente num copo com água fria. O objetivo destas práticas é o de separar os eventos que têm lugar numa altura de morte daqueles que marcam a vida de todos os dias, são um contraste entre a vida e a morte e, de certa forma são uma maneira de a família não mostrar aceitação perante a perda do ente querido ao desafiar a lógica natural das ações quotidianas, o que também expressa a sua homenagem ao espírito do defunto (KIM; 2012, p. 232).

Resta ainda à família decidir quanto pretende gastar nas cerimónias fúnebres, devendo informar disso o agente funerário, o qual ao dispor dessa informação aconselhará à família que parafernália deverá adquirir e qual será o plano estipulado para os rituais a ser executados, plano esse que será discutido com os monges budistas, pois dependerá do calendário lunar tradicional. Este é o calendário que ditará que dias serão mais auspiciosos para o realizar do funeral, tudo isto em conjugação com a disponibilidade da casa mortuária e do crematório (KIM; 2012, p. 232). Algo semelhante será constatável mais

adiante durante as entrevistas em que se menciona a conjugação com o melhor dia do calendário budista, bem como a escolha entre os “pacotes de serviços” disponibilizados pelas agências funerárias.

Começa a primeira fase de visitas ao defunto e família com a chegada de parentes e amigos próximos e vizinhos, que se dirigem à casa de família para dar as suas condolências. Nesta primeira visita, cada pessoa entrega *Omiiai*, que é uma oferta monetária de expressão de sentimentos, que coloca na mesinha baixa após ajoelhar-se no *Tatami*, oferecer incenso e agitar o guizo. O convidado ora em silêncio por alguns minutos, após os quais a família lhe propõe ver o rosto do falecido. O visitante aproxima-se e ajoelha-se junto do corpo, juntando as mãos em oração e, ao ver o rosto do falecido, dirá palavras de consolo aos familiares. Terminado este processo, o visitante sai da casa e à saída lava as mãos com água e esfrega-as com sal de forma a aplacar a poluição a que esteve exposto no interior da casa. São os membros do grupo comunitário que disponibilizam água, sal e toalhas aos convidados (KIM; 2012, pp. 232-233). O monge visita também a casa nesta fase mas, ao invés de oferecer *Omiiai*, oferece as já mencionadas *Makuragyo*. Ao regressar ao templo irá escolher o nome budista póstumo para o falecido (*Kaimyo*) de forma a separar o instável e perigoso espírito do seu corpo físico e transportá-lo em segurança para o reino de Buda ou para a Terra Pura. Este nome póstumo é determinado por vários fatores como a idade, estatuto social, género, feitos em vida e contribuições monetárias feitas ao templo a que a sua família está afiliada. Depois de escolher o nome, o monge escreve-o em duas tabuinhas mortuárias de cor branca: uma chamada de *Kariihai*, colocada no altar usado no funeral e depois disto a tabuinha é colocada no altar póstumo até ao 49º dia; e a outra que se denomina de *Noihai* que é deposta na sepultura juntamente com a urna após o findar das cerimónias fúnebres (KIM; 2012, p. 233).

Ao final da tarde do segundo dia após a morte, o corpo do defunto é colocado num caixão pelos membros da família orientados pelos agentes funerários (*Nokan*, ou seja, colocação do morto na urna). Porém, antes de ser deposto na urna, o corpo é rapidamente limpo pelos familiares com pequenas toalhas de algodão humedecidas, de forma a purificá-lo. Atualmente, várias agências funerárias oferecem um serviço de banhos aos defuntos em que a família apenas assiste à lavagem levada a cabo pelos agentes funerários. Este serviço tenta ir contra as conotações tradicionais da morte e mostra este serviço como uma última oportunidade de o defunto relaxar (KIM; 2012, p. 234), refletindo, é claro,

toda a comercialização que hoje envolve a morte. Após a lavagem do corpo, os familiares vestem o defunto com o típico *Kimono* branco (*Kyokatabira*) sobrepondo o lado direito ao esquerdo. São calçadas luvas que tapam as mãos e pulsos do defunto (*Tekko*), as suas pernas são cobertas com polainas que cobrem até aos joelhos (*Kyahan*) e nos pés são postas meias brancas (*Shirotabi*) e ainda é colocado um rosário de contas budista nas mãos (*Juzu*). No caso de o defunto ser do sexo feminino, é-lhe ainda aplicada uma discreta maquilhagem (*Shinigesho*) e os cabelos são penteados (KIM; 2012, pp. 234-235). O corpo está então em condições de ser depositado na urna, tarefa da qual o agente funerário e os homens familiares mais próximos se encarregam. Junto do corpo são colocados vários objetos simbólicos que ajudarão o espírito na sua travessia pelo Outro Mundo: sandálias de palha (*Waraji*), um bastão de madeira (*Tsue*), uma mala de pano branco (*Zuda Bukuru*, ou seja, mala de peregrino ascético) para ajudar a atravessar a Montanha Espinhosa (*Tsurugi no Yama*) e réplicas de papel-moeda (*Rokumonsen*) para poder cruzar o Rio das Três Travessias. O defunto será também acompanhado de alguns dos objetos de que mais terá gostado em vida, tais como: livros, óculos, fotografias, tabaco e até mesmo roupa e acessórios. Os restantes objetos que terão pertencido ao defunto e que por ele tenham sido usados, desde mobília, loiça, lençóis, roupas, enfim, tudo o que tenha sido seu e que tenha sido usado, será queimado depois do funeral, pois crê-se que terá uma imensa carga de poluição derivada da morte. Porém, outros objetos como relógios, *Kimonos* e joias não são destruídos. Como fundamento para este descartar dos objetos pertencentes ao morto, crê-se que a poluição da morte não abrange só o corpo *per se*, mas também tudo o que o rodeia. Poluídos ficam também todos os que lhe tocarem, que ao fazê-lo ficam expostos à impureza da morte e aos maus espíritos, que os podem magoar. Especialmente evitado é o *Futon* que o falecido terá usado em vida: a família tem muitas reservas em usá-lo depois da perda do ente querido pois vêem nele a forma do falecido e temem que se o usarem o espírito lhes possa aparecer em sonhos ou causar-lhe terríveis pesadelos (KIM; 2012, pp. 235-236). Veremos mais adiante esta ideia expressa nos relatos feitos pelo casal Sugimoto acerca das situações em que pouco se ora pelos espíritos dos defuntos.

Esta deposição de objetos de valor emocional do defunto na sua urna serve dois propósitos: o de fazer com que o espírito se sinta mais confortável durante esta fase de transição e durante a longa viagem que terá que fazer (função espiritual) e o de ajudar a manter o corpo na posição correta dentro do caixão durante o transporte para o crematório (função estética e prática) (KIM; 2012, p. 235).

Após a deposição do corpo na urna, chega o momento de ser transportado para a casa mortuária pelos agentes funerários, sendo neste local que se realizarão o velório e o funeral. Se, por outro lado, a família desejar que o velório e o funeral se realizem em casa, a urna contendo o corpo é colocada num altar preparado para o efeito na sala tradicional da habitação (veremos mais à frente um exemplo de um funeral em meio rural, relatado por Sugimoto Sayaka). No caso de se verificar a primeira situação, homens da família carregam o caixão até ao exterior da casa e colocam-no no carro funerário. O agente funerário, depois de se despedir da família numa longa vénia, liga o carro, buzina durante alguns segundos e, em marcha lenta, dirige-se para a casa mortuária. Enquanto isso, os familiares, parentes, amigos e vizinhos permanecem curvados em vénia até perderem de vista o carro e, seguidamente dirigem-se também para a casa mortuária (KIM; 2012, p. 236).

Na casa mortuária a urna é colocada em frente a um altar elaborado decorado com flores naturais, tabuinhas mortuárias (já acima referidas), duas velas, um queimador de incenso, uma fotografia do falecido e oferendas dos convidados. Alguns homens do grupo comunitário encarregam-se de contar e expor as grinaldas de flores oferecidas pelos convidados, colocando à frente de cada uma delas uma etiqueta com o nome de quem a ofereceu (KIM; 2012, p. 236).

Depois destes eventos, começa a fase do velório (*otsuya*), que ocorre na residência do defunto ou no templo a que a família está afiliada (GILDAY; KENNEY; 2000, pp. 168-169), existindo também e a possibilidade de se realizar numa casa mortuária, o que é a situação mais frequente de acordo com os relatos recolhidos. Parece tratar-se de uma tendência recente, sendo que em tempos idos esta noite serviria apenas para a família e o grupo comunitário planearem o funeral, conversarem e beberem *Sake*. Torna-se prática comum aquando do momento em que passam a ser os agentes funerários a organizarem todas as cerimónias que constituem o funeral (KIM; 2012, p. 237). O velório normalmente ocorre no mesmo dia em que o corpo do defunto é depositado na urna.

Os agentes funerários montam um elaborado altar e no exterior uma mesa para receber os hóspedes, ou seja, é aqui que estes ao chegar vão deixar o envelope com o postal de condolências acompanhado da respetiva oferenda monetária (conhecida como “incenso ofertório”), recebendo em troca pequenos presentes chamados *Okaeshi*. Enquanto isto ocorre, no interior estão monges a recitar *sutras* junto ao defunto à medida que os hóspedes vão entrando e tomando os seus lugares sentados, enquanto esperam, um a um,

pela sua vez de queimar incenso no altar montado dentro de casa. Normalmente o familiar mais próximo (*Moshu*) faz um breve discurso e os familiares e amigos mais chegados partilham uma refeição leve. Comum nos dias de hoje, quando se trata de morte devido a causas naturais (leia-se idade avançada), quando o defunto não tem muitas pessoas que lhe sejam próximas, o mais vulgar é quem visita o seu velório fazê-lo rapidamente deixando a sua oferenda e brevemente queimar incenso e deixar condolências à família, não se sentando nem ficando a ouvir a recitação de *sutras*.

O velório começa por norma às seis horas da tarde e tem a duração média de 40 minutos, começando com o anunciar da chegada do monge budista, a sua posição hierárquica, seita e templo. O monge toma o seu lugar em frente ao altar, queima um pauzinho de incenso e começa a entoar o *sutra*, o que demorará cerca de 20 minutos. Posto isto, anuncia-se o início das oferendas de incenso, por ordem hierárquica começando pela família mais chegada, sempre acompanhadas de *sutras*. O velório finda com um banquete oferecido pela família aos convidados (*Tsuyaburumai*) para agradecer a sua presença. Partilham-se histórias sobre a vida do defunto acompanhadas de comida e *sake* e, depois de terminada a refeição, a família e amigos mais chegados velam o corpo nas horas que restam da noite mantendo sempre velas e incenso acesos (KIM; 2012, pp. 237-238), o que nos relatos recebe muita ênfase (ver o relato de Sugimoto Keitaka) como uma parte muito importante do rito para a criação de uma memória comum do defunto.

Na manhã do dia seguinte ao velório realiza-se o funeral (*Missou*), que começa com o anúncio do seu início por um dos agentes funerários, o que enceta nova recitação de escrituras pelos monges. Dependendo da seita budista, um deles poderá ou não fazer um breve sermão ou recitar um ensinamento à alma do defunto. Depois desta intervenção pelos clérigos, dois ou três dos convidados leem curtos discursos de homenagem enquanto os monges queimam incenso e, de seguida, os familiares e amigos mais chegados queimam incenso também, por ordem específica de importância, refletindo o seu estatuto junto do falecido e da família. Terminadas as oferendas a urna é aberta uma última vez para que familiares e amigos possam olhar para o seu ente querido uma derradeira vez. Vão colocando crisântemos brancos e objetos pessoais dentro do caixão. Depois pegam em conjunto na tampa e tapam a urna. O agente funerário prega um prego até meio num dos cantos, o filho do defunto martela-o duas vezes com uma pedra grande, seguindo-se os restantes familiares e amigos próximos. Esta prática reflete o desejo da família de que o espírito do falecido atravessasse o rio em segurança no Além, mas também



é uma forma de se selar dentro do caixão a poluição causada pela morte. O agente prega então o que restar do prego e fixa também os outros cantos da urna, que é então carregada por seis homens do grupo comunitário para dentro do carro funerário. Dentro do carro entram também os familiares carregando a fotografia, as tabuletas memoriais, as oferendas de comida e dois arranjos florais. Começa então a procissão fúnebre em direção ao crematório, liderada por um carro mais pequeno onde segue o monge, seguido pelo carro funerário e pelo autocarro ou carros onde seguem os convidados (KIM; 2012, pp. 238-239).

Antes da partida, o familiar mais chegado, em princípio o filho mais velho, dirige-se aos convidados em agradecimento pela sua presença, acompanhado por outros familiares próximos que seguram a fotografia do falecido, a tabuleta memorial e oferendas de comida (*idem*).

Chega o momento da cremação (popularizada no período Edo como ritual budista e nos dias de hoje a prática mais comum), na qual só os monges e familiares e amigos mais chegados podem intervir. No crematório, junto do forno é montada uma mesa onde é colocada a tabuinha funerária, a fotografia do defunto, uma vela, incenso e flores e o caixão é colocado num carrinho. São os derradeiros momentos antes da cremação do corpo: o monge recita *sutras* enquanto os familiares e amigos queimam incenso e fazem uma profunda vénia à medida que o corpo vai sendo empurrado para dentro do forno e até a porta se fechar. O processo de cremação dura cerca de 1 hora e durante este período de espera os familiares e amigos podem esperar numa sala em anexo onde podem comer sushi e doces enquanto bebem chá e *Sake*. Finda esta hora de espera, o forno é aberto e os restos mortais são tirados. O caixão terá ficado reduzido a cinzas e estarão visíveis os ossos e cinzas do defunto (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 171). Na entrevista a Sugimoto Sayaka veremos esta parte do ritual com especial detalhe.

Terminado este período, o funcionário do crematório abre a porta do forno e faz deslizar para o exterior o tabuleiro onde agora só se deverão ver cinzas e ossos, passando então este tabuleiro para um carrinho que será levado para outra sala para o ritual seguinte. Antes que o dito comece, o funcionário separa as cinzas dos ossos e coloca estes últimos em ordem no tabuleiro. Recolhe os pedaços metálicos com um íman e varre pó e cinzas para um reservatório à parte (KIM; 2012, p.240).

Seguidamente, tem lugar a fase denominada *Kotsuage*, ou seja, o recolher dos ossos, na qual intervêm os familiares mais próximos. Novamente, no relato de Sugimoto Sayaka, ela fala-nos de alguns dos ossos especificamente recolhidos. Normalmente os pedaços de osso são recolhidos por duas pessoas, um homem e uma mulher, cada um usando dois pauzinhos e pegando em cada extremidade ou um deles pegando no pedaço e passando para o outro que coloca o osso numa urna ou ossário chamada *Kotsutsubo* (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 171). Esta é uma ação tabu na vida quotidiana e, se durante uma refeição duas pessoas avançarem em direção ao mesmo pedaço de comida, ambas recuam de imediato os seus pauzinhos. Concluída esta tarefa, o ossário é colocado dentro de uma outra caixa que é tapada com um pano de seda (*idem*).

É de salientar a importância e generalização da cremação no ponto de vista espiritual, pois no Japão crê-se amplamente nos poderes sobrenaturais do fogo enquanto forma de purificação e exorcismo de vários maus espíritos. Assim, a cremação de um corpo até restarem apenas os ossos secos e brancos, é uma forma de livrar o corpo da poluição que a decomposição provoca e no ponto de vista budista, os ossos brancos são um passaporte de entrada na Terra Pura (*Jodo*) ou no Nirvana. No caso de o corpo ser enterrado, levaria muito mais tempo ao corpo a atingir este estado de pureza pois estaria sujeito às várias fases da decomposição que podem levar vários anos até atingirem a fase de esqueleto, dependendo do ambiente. A cremação leva muito menos tempo, o que tem vindo a colaborar para uma atenuação do medo da impureza (KIM; 2012, p. 241).

O defunto, ou o que resta dele, regressa a casa e na tarde do dia da cremação ocorrerá mais uma cerimónia: *Kokubetsu Shiki* (“cerimónia do adeus”). Antes de entrarem em casa os familiares devem proceder a um pequeno ritual de purificação, polvilhando os seus corpos com sal e passando as mãos por água. A caixa contendo os restos mortais é colocada num altar temporário onde vai permanecer durante os próximos 49 dias (este período de tempo é muito importante e veremos nas entrevistas seguintes a sua frequente menção). Aqui um monge irá de novo recitar *sutras* ao espírito do defunto, em frente deste altar especial, que é mais simples do que o altar usado para o funeral, limitando-se a uma mesa baixa com uma prateleira elevada e coberta com um pano branco, onde se colocam a *Kotsutsubo*, a fotografia do defunto, a tabuinha funerária, incenso, um sino, uma vela, uma tigela com arroz e frutas, bem como flores, que podem ser tanto artificiais ou frescas e são colocados dois arranjos, um de cada lado da mesinha. Os familiares fazem soar o sino e oram duas vezes por dia, a partir daqui, na esperança de ajudar o espírito do

falecido na sua travessia e de forma a acumular-lhe bom *karma*. Novamente os convidados são recebidos e são-lhes oferecidos pequenos presentes em troca das suas oferendas, repetindo-se, posto isto, o processo de se sentarem e ouvirem um pequeno discurso feito pelo filho, ou chefe de cerimónias. Este pequeno ritual por norma começa às 13:00 horas do dia da cremação e tem a duração média de uma hora. Chega o momento de o monge ou monges oferecerem incenso e *sutras* ao defunto, durante cerca de meia hora, oferecendo novamente incenso quando os *sutras* terminam. Os familiares colocam-se do lado esquerdo do altar e oferecem incenso aos convidados quando estes terminam a sua homenagem ao defunto, em frente ao altar. É depois disto anunciado o início das celebrações do sétimo dia, sendo também importante o 35º dia. Segundo a crença budista mais generalizada, o espírito do falecido vagueia pela terra durante 35 dias e então, nesse 35º dia, parte para o mundo dos mortos e chega lá no 49º dia após a morte. Desta feita, é de extrema importância que o 7º e 35º dias sejam assinalados e devido à dificuldade em reunir os familiares nos dias devidos, atualmente, estes dois dias são vulgarmente assinalados nessa pequena cerimónia pós-cremação em que toda a família está presente. Contudo, segundo Sugimoto Keitaka, na sua entrevista, a cerimónia dos 49 dias poderá ser realizada no próprio dia da cremação de forma a aproveitar a presença de todos os familiares. Estes dias são assinalados com uma rápida oferenda de incenso e leitura de *sutras*, que dura cerca de 10 minutos. O chefe de cerimónias lê as mensagens de quem não pôde comparecer aos presentes, que tendem a ser muito numerosos. em especial se o funeral ocorrer em dias úteis e, de seguida, fala aos convidados sobre a vida e morte do defunto, terminando o discurso com uma profunda vénia (KIM; 2012, pp. 241-243).

Terminada esta pequena cerimónia da deposição da urna no altar, os monges recebem o seu pagamento e é servida uma pequena refeição. Assim termina a cerimónia fúnebre (GILDAY; KENNEY; 2000, p. 172). Se isto tiver ocorrido na casa mortuária, o discurso dado pelo chefe de cerimónias tem lugar após a desmontagem do altar e, findo o discurso, os monges acompanham a comitiva de familiares e parafernália até ao parque de estacionamento, numa pequena procissão, fazendo ecoar os seus sininhos. Em frente da entrada principal da casa mortuária o grupo por três vezes vira-se em sentido contrário aos ponteiros do relógio, para fazer com que o espírito se perca e não siga a família até casa, o que poderia conduzir ao seu regresso como fantasma. Os familiares distribuem então moedas (*Makisen*) pelos convidados, que as usam mais tarde para comprar bebidas, o que se pensa que trará boa sorte, juventude e regeneração, em suma, vitalidade. Devem,

porém, gastar todas as moedas que lhes forem dadas, pois se as levarem para suas casas, dita a superstição que estarão a atrair má sorte para os seus lares e famílias, pois estas estão tocadas pela impureza que deriva da morte (KIM; 2012, pp. 234-244).

Passados os primeiros 49 dias após a morte, a *Kotsutsubo* que contém os restos mortais é levada até ao cemitério local e depositada na sepultura da família, num compartimento reservado para o efeito. Algumas famílias são acompanhadas por um monge que recita *sutras* enquanto o ossário é depositado na sepultura familiar (GILDAY; KENNEY; 2000, pp. 172-173) (veremos menção a esta cerimónia no relato de Sugimoto Sayaka). Comum atualmente é também acumular as homenagens num só ritual, como já mencionei e, nesse caso, depois da derradeira despedida e de os convidados usarem todas as suas *Makisen*, chega o momento de depositar a *Kotsutsubo* na sepultura familiar. A família, monges e convidados dirigem-se para o cemitério e à entrada deste, ao som dos guizos agitados pelos monges fazem girar três vezes em sentido oposto aos dos ponteiros do relógio a pequena mesa de pedra que lá está (*Daisu*), com o intuito de impedir que o espírito do falecido os siga de volta para casa. É nesta mesinha que se colocam a fotografia, as tabuinhas memoriais e as oferendas de comida e flores. Os convidados permanecem em redor e curvam-se enquanto os monges recitam *sutras*. Enquanto isto acontece, alguns homens do grupo comunitário abrem o compartimento que está por baixo da sepultura, a última residência do falecido. Terminados os *sutras*, toda a parafernália que está colocada na *Daisu* é levada até à campa e a *Kotsutsubo* é colocada no compartimento acompanhada pela tabuleta *Noihai* e a sepultura é fechada. Na sepultura é então gravado o nome do falecido, o seu nome póstumo budista, a sua idade e data da morte e são colocadas flores em dois vasos de aço. Na fachada da sepultura ficam também a fotografia e a outra tabuinha memorial (*Kariihai*), bem como as oferendas de comida. Preparado este último “altar” são recitados *sutras* pela última vez. Nos últimos momentos antes de abandonarem o cemitério, a fotografia e a *Kariihai* são retiradas e familiares seguram-nas, enquanto um dos parentes mais chegados parte contra o chão a taça que o defunto terá usado em vida para comer o seu arroz, o que impedirá que o espírito de defunto retorne a casa em busca de comida (KIM; 2012, p. 244).

Ao regressarem a casa, familiares e restantes convidados levam a cabo um ritual de purificação ao verterem água e esfregarem sal nas suas mãos, crendo-se que estes dois elementos são eficazes no exorcismo da impureza imposta pela morte e de qualquer espírito que estivesse no cemitério e que os pudesse ter seguido. Findos estes rituais

purificadores, a família oferece então aos seus convidados e grupo comunitário uma refeição (*Kichubarai*, ou seja, saída da fase impura), cujo principal objetivo é o de comemorar e relembrar a vida do defunto, bem como agradecer toda a ajuda e participação de todos os intervenientes. Espiritualmente, esta dádiva de comida permitirá mitigar a poluição a que a família foi exposta e restabelecer a vitalidade dos convidados (KIM; 2012, pp. 244-245).

Terminada a refeição, a tabuinha *Kariihai* é colocada no altar pós-funeral na sala tradicional da casa até ao 49º dia após a morte, pois crê-se que neste intervalo de tempo o espírito ainda esteja numa fase de transição, o que o torna demasiado instável para ser considerado um antepassado venerado no altar familiar. Será também neste altar temporário que prestará uma última homenagem quem não conseguiu estar presente no funeral (KIM; 2012, p. 245). Podemos observar esta fase de transição no relato de Sugimoto Sayaka, quando ela menciona que a sua família assinalou todos os dias específicos até ao 49º dia.

Apesar de já se ter realizado o funeral, não significa isso que o espírito do falecido não deva ser apaziguado e estabilizado e, por isso, começa agora a fase dos ritos periódicos à memória do defunto, que seguem um padrão mais ou menos linear na sua forma tradicional: até à 7ª semana após a morte, devem realizar-se cerimónias semanais; ao 100º dia; no 1º aniversário após a morte; no 2º aniversário da morte (é chamado de terceiro ano, devido à contagem que segue um sistema de “mais um ano” a partir daqui); no 6º ano, considerado o 7º; no 12º, assinalado como 13º; no 16º contado como 17º; aos 22 anos após a morte (contabilizados como 23); aos 26, considerados 27; aos 32 contados como 33; aos 48, considerados como 49; e finalmente o 100º aniversário da morte (GILDAY; KENNEY; 2000, pp. 172-173). Estas datas devem, idealmente, ser sempre observadas pelas famílias, esperando-se que os antepassados sejam devidamente homenageados, como se vê pelo assinalar dos 100 anos após a morte. Como fica subentendido, além dos rituais purificantes, também o tempo é um fator-chave para a paz do espírito agora antepassado da família, pois a recuperação da purificação depois do impacto da morte, não pode ser atingida instantaneamente. Cria-se em tempos idos que, se a família não realizasse as sete cerimónias de sétimo dia, o espírito ficaria condenado a vagar pela terra e poderia até tornar-se perigoso para os seus parentes e outros vivos, crença essa que podemos também observar na entrevista a Sugimoto Sayaka. No sétimo dia da sétima semana realiza-se um banquete em honra do defunto e os monges recitam *sutras* e a

tabuinha *Kariihai* é substituída por uma tabuinha memorial permanente (*Hon Ihai*) de madeira negra lacada com o nome póstumo gravado a dourado, então colocada no altar da família. O espírito do defunto passa desta forma a ser um dos antepassados da família, que devem ser lembrados e homenageados, adquire um caráter sagrado, como também é afirmado nas entrevistas recolhidas. Este 49º dia assinala o final do luto (*Imiake*) e permite à família retomar as suas atividades quotidianas pois os vivos e o defunto estão agora em estado de pureza (KIM; 2012, p. 246).

Contudo, como acima se pode ler, as cerimónias não terminam por aqui, pois apesar de se crer que o espírito, por esta altura, tenha já entrado no reino de Buda, este não deixa de ser potencialmente instável e até ameaçador, pelo que deve ser purificado e protegido através de rituais. Com efeito, restam ainda três conjuntos ritualísticos após o 49º dia: o assinalar dos meses após a morte (*Tsuki Meinichi*); dos anos após a morte (*Shotsuki Meinichi*); e o assinalar das datas acima explicitadas (*Nenki*). Na provável circunstância de haver mais que uma morte a relembrar, o habitual será conjugar as duas celebrações numa só, como pude observar nos rituais domésticos budistas em casa de Sugimoto Chieko. Nos dias de hoje, é de enfatizar que não é muito comum as homenagens se prolongarem até ao 100º aniversário da morte, mas sim até ao 35º e 50º anos, crendo-se que por esta altura o espírito tenha já atingido a sua plenitude e esteja agora em condições de proteger a sua família e a sua casa, pois a poluição terá desaparecido completamente e já não é necessário qualquer luto ou ritual purificante (KIM; 2012, pp. 246-247).

Finalmente, terminada esta exposição da ritualística individual, resta-me explicitar as datas e cerimónias em que se homenageiam todos os defuntos da família. São elas: o primeiro dia de Ano Novo (*Shogatsu*); o festival dos mortos (o célebre *O-bon*, realizado entre 13 e 16 de Agosto); e os dias de equinócio de Primavera e Outono (*Higan*, que ocorre entre 18 e 24 de Março e entre 20 e 26 de Setembro, respetivamente). Nestas datas os antepassados são homenageados coletivamente todas as manhãs e noites com a oferta de comida, flores e incenso no altar da família. É de destacar o período do *O-bon*, que de todos é o mais elaborado, crendo-se que nestes dias os espíritos regressam a este mundo para visitar as suas famílias, por isso antes do festival as casas e sepulturas são limpas e preparam-se as refeições favoritas dos defuntos. As famílias dirigem-se ao cemitério no fim da tarde do primeiro dia do festival e acendem lanternas de papel para guiarem os espíritos até às suas casas, repetindo o processo no último dia do festival, desta feita desde casa até ao cemitério (KIM; 2012, p. 247). Veremos nos próximos

capítulos com mais detalhe dois relatos de experiências pessoais vividas durante o festival *O-bon*.

Apesar de os dados que acabei de abordar serem de uma contextualização elaborada nos anos 2000 (GILDAY; KENNEY; 2000) e 2012 (KIM; 2012), encontro indícios de que estas tendências se mantêm, pois ao visitar o Japão no início do ano de 2015 e, especificamente, ao conversar com vários colegas (que teriam assistido a funerais japoneses) do curso de japonês e ao visitar uma agência funerária na cidade de Kariya (prefeitura de Aichi), pareceu-me que a morte no Japão era algo cada vez mais comercializável e estandardizado. Nos testemunhos que recolhi em Osaka (em 2016) foi possível verificar também os relatos da crescente e agora vulgar adesão aos serviços prestados pelas agências funerárias, devido à sua conveniência e eficiência, como se verá nos respetivos capítulos.

### ***2.5. Inovação na continuidade***

Como já se verificou, é possível delinear um modelo comum para os funerais contemporâneos no Japão, de teor tipicamente budista. Porém, as práticas mortuárias podem apresentar ligeiras diferenças dependendo de alguns fatores como a religião do falecido e/ou da sua família, a idade e sexo do falecido e o estatuto social da sua família bem como o património em posse e dependendo também das circunstâncias em que a pessoa pereceu (como suicídio, aborto, morte acidental e até homicídio/morte violenta).

Como vimos até aqui, nos dias de hoje, o mais comum é que as cerimónias fúnebres ocorram nas comerciais casas mortuárias (que cobrem muitas vezes luxuosamente todas as necessidades básicas da família do defunto), não sendo, porém, invulgar que as cerimónias ocorram, em parte, na casa do defunto. Claro que a partir do momento em que passa a existir na cidade, ou localidade, uma casa mortuária, os ritos fúnebres normalmente são transferidos para este local. São habitualmente estruturas de fácil acesso e que dispõem de parques de estacionamento para conveniência de todos os intervenientes, incluindo até o transporte do falecido desde casa ou do hospital até aqui. É a família que adquire todos os objetos necessários à cerimónia e paga todos os serviços prestados pelo funcionário da agência funerária. Em suma, isto não mais que é uma transferência das tarefas outrora ao encargo dos grupos comunitários para o meio comercial. Hoje em dia, os grupos comunitários mantêm um importante papel na ajuda à organização da cerimónia e desempenham a tarefa de intermediários entre a família e a agência funerária nos preparativos do funeral, bem como desempenham as funções de receber os convidados e as suas oferendas e dádiva de pequenos presentes aos mesmos à entrada do velório. São eles que mantêm a coesão e cooperação a nível social entre a família do defunto e os convidados presentes no funeral.

A urbanização e consequente modernização do Japão, como já se disse, cada vez mais foram dando lugar à crescente indústria da morte, indústria essa que estende a sua influência ao mundo do simbólico e ritual. A separação física entre a família e o corpo permitiram que esta indústria conseguisse readaptar e recriar rituais antigos e a partir deles formar rituais contemporâneos de importância acrescida. Nos dias de hoje, o autor Mark Rowe concluiu que está a ocorrer uma crescente separação física entre o defunto (leia-se cadáver) e a sua família através de mudanças simbólicas e temporais no rito funerário; consequentes efeitos das novas tecnologias na simbologia e rituais, bem como a crescente individualização do defunto que tem vindo a ser transferida do foco no ritual funerário



que acalma os espíritos dos mortos para o tratamento do falecido como se ainda estivesse vivo e a necessitar de cuidados físicos (de consumo). O autor defende que os funerais contemporâneos não são mais que o reflexo dos valores sociais, do estado da economia, das superstições sobre o Além e do desenvolvimento tecnológico atuais (ROWE; 2000, p. 354). Daí, considero legítimo abordar o fenómeno do funeral japonês contemporâneo como uma variação de rituais antigos, marcada pelo impacto do mundo contemporâneo e paralelo do consumismo que marca os dias de hoje, como fica patente na crescente popularização das casas/agências funerárias cujos serviços oferecidos fazem lembrar um hotel luxuoso com capacidade de apaparicar tanto os mortos como os vivos. Com efeito, todas as cidades japonesas, grandes e pequenas, mais ou menos desenvolvidas, possuem hoje pelo menos uma casa funerária, que poderá ser local ou sucursal de uma agência funerária com importância regional ou nacional.

O atual negócio da morte no Japão ter-se-á desenvolvido a partir das já abordadas companhias e grupos comunitários que produziam os itens necessários para as cerimónias fúnebres, que terão então expandido o seu leque de ofertas para incluir serviços mais completos sem mudar de local e a preços mais acessíveis, em suma.

Atualmente, a população visita cada vez menos os templos budistas para assistir ou participar em cerimónias de alguma forma relacionadas com a morte, o que tem colaborado para o quebrar dos laços entre as pessoas e o templo a que outrora uma família terá pertencido. De facto, mesmo no caso de morte, o contacto entre família e templo não é feito diretamente mas sim através do intermédio da agência funerária que a família contacta após a morte do seu ente querido. É muito raro haver uma família que logo após a morte de um dos seus membros contacte de imediato um templo ou um santuário. É de evidenciar que este intermediário é recíproco, pois vários monges também recomendam certas agências funerárias, mantendo uma relação de cooperação entre elas (“dar e receber” – *Mochitsu, Motaretsu*) (ROWE; 2000, p. 356).

Nas últimas décadas, como já se tem vindo a mencionar, tem-se acentuado o papel das casas mortuárias em detrimento dos templos e habitações particulares, pois estas facilitam muito a celebração da cerimónia fúnebre na íntegra sem ser necessário transferir o defunto e toda a parafernália entre locais. Em suma, as agências funerárias com as suas casas mortuárias são um espaço que combina tanto o aspeto comercial com a maleabilidade em termos ritualísticos, eliminando templos e casas da equação e tornando a cerimónia mais cómoda para todos (ROWE; 2000, p. 356).

A Izumo Funeral Hall que visitei na cidade de Kariya (Prefeitura de Aichi) dispunha de um grande salão com um “palco” acessível através de escadinhas, onde são colocadas as urnas contendo os corpos, bem como altares prontos a serem adornados com todos os objetos necessários. Aquando da minha visita, esta sala não apresentava qualquer decoração. Foi-me permitido visitar a outra sala de que a agência dispunha, uma sala mais pequena, mais intimista, e aí sim pude observar um altar montado com a fotografia de um defunto e respetivas oferendas de incenso, comida e flores. Constatei também que esta casa mortuária era tal como as que tenho vindo a descrever ao longo desta dissertação: muito completa, apresentando todas as infraestruturas necessárias ao bem-estar das famílias e seus entes queridos defuntos, bem como vários tipos de cerimónias disponíveis à escolha de cada cliente, desde a cerimónia típica budista ao funeral cristão e ao ritual altamente personalizado (que vai de encontro às crenças de cada defunto/família), complementando a oferta destes serviços com a disponibilidade para compra de vários itens simbólicos e rituais e até flores tanto naturais como artificiais. Portas deslizantes tradicionais permitem fechar as salas e tornar as cerimónias mais privadas e as famílias dispõem até de quartos para as noites de velórios, bem como de alimentos e bebidas. Para além disso, os intervenientes dispõem também de aluguer de roupas, salas de fumo e pequenas lojinhas onde podem comprar os postais para as ofertas de incenso e até comprar refeições (tudo isto exposto em montras). No rés-de-chão está por norma o balcão de receção e informações, onde se podem averiguar os pacotes e descontos. É, essencialmente, como um “hotel”.

Por norma, estas agências não empregam os seus próprios sacerdotes ou padres, sendo que a maior parte das vezes é a família que contrata o clérigo ou é-lhe apresentada uma lista de monges locais disponíveis. Mark Rowe (ROWE; 2000, pp. 357-358) menciona as opiniões de três monges de seitas diferentes: um monge Nichiren referiu que, apesar de ser respeitosamente tratado, sentia muita frieza, pois era recebido à entrada da casa funerária, era-lhe dito onde esperar e a que horas devia começar e acabar a cerimónia, recebendo os devidos agradecimentos no fim. Este monge Nichiren afirmava que devido a este procedimento se teria perdido toda a ligação entre monges e famílias. Um outro monge, da seita Rinzaï, terá desabafado que quando realizava funerais em casas mortuárias se sentia como um funcionário a quem diziam o que fazer e onde e quando fazer. A mesma opinião foi também partilhada por um monge Jodo, que foi tão longe como ao ponto de aconselhar os visitantes assíduos do seu templo a não recorrerem às

agências funerárias. Este monge, porém, devido a grandes donativos conseguiu criar a sua própria casa mortuária no perímetro do seu templo, separado da estrutura principal (Templo Kurodani, pertencente ao templo principal Konkai-Komyoji, em Quioto).

Como já afirmei frequentemente, as agências e casas funerárias apesar de serem desenhadas para servir um propósito ritualístico, são inegavelmente comerciais e reflexo do consumismo aliado ao comodismo. Não é estranho nem invulgar que numa agência possam ocorrer vários funerais ao mesmo tempo, pois, friamente analisando, trata-se de um espaço alugado, sendo que os nomes das famílias e respetivos funerais são afixados num quadro à entrada do edifício.

Voltando às figuras espirituais, a função predominante do sacerdote budista consiste na transformação e apaziguamento do espírito do defunto através de atos simbólicos, entoação de *sutras* e transferência de mérito *kármico* e, no caso de o defunto ser praticante da seita Zen, pequenas frases (*Indoo*) para ajudar o espírito a atingir a Iluminação. Através destes rituais, o monge assegura o renascimento no paraíso para o defunto, bem como segurança para a família, que ficaria em perigo se o espírito do seu ente querido ficasse preso a este mundo. Neste prisma e de acordo com a indústria da morte dos dias de hoje, o monge é um especialista na ritualística (já não é a figura de autoridade), tendo sido obrigado a abdicar do controlo de várias fases devido muitas vezes a questões logísticas e práticas. O autor ROWE (ROWE; 2000, p. 358) apresenta-nos como exemplo disto a ordenação póstuma do defunto a monge budista. Esta ordenação teve que ser reajustada, pois hoje em dia, após os rituais *Makuragyo* o corpo é imediatamente colocado no caixão e já não é apresentado no templo para o ritual de rapar o cabelo (*Teihatsu*) e, assim, o ritual apresenta hoje um formato de muito menor duração e inibe, sem dúvida, o monge de deixar uma marca sagrada no corpo. Para além disto, cada vez mais se olha para o envolvimento dos sacerdotes nos funerais como apenas negócio. Com efeito, desde o pós-guerra na década de 1940 os rápidos crescimento e modernização do Japão têm certamente levado ao declínio dos valores e conhecimento tradicionais e, inevitavelmente, a fissura criada pelo êxodo rural massivo abrange também a fissura espiritual entre monges locais e “crentes”.

Apesar de as agências funerárias não conseguirem o mérito dos sacerdotes de transformar os espíritos dos defuntos, é muito claro que a sua influência económica se estendeu a todas as fases da cerimónia, incluindo aos aspetos mais simbólicos e rituais, sendo hoje estas agências os intermediários e mediadores entre as famílias e os representantes

religiosos. Hoje, mais que meros fornecedores da parafernália necessária, englobam também os monges budistas e o seu papel no funeral, bem como a participação da família e, muitas vezes, influenciam também a forma da cerimónia, não sendo hoje possível falar dos funerais japoneses sem falar destas agências funerárias (*Sogiya*) (ROWE; 2000, pp. 359-360). As agências fornecem também aos seus clientes vários panfletos que abordam ao pormenor todos os passos do funeral desde o momento da morte até ao último dos rituais dos 49 dias, bem como instruções na forma de vestir, colocar as coroas de flores no caixão, recolher os ossos após a cremação e o que dizer ao longo de toda a cerimónia, e ainda fornecem extensos glossários de termos budistas, xintoístas e cristãos. Veremos todos estes aspetos de forma mais prática nos relatórios da recolha prática, onde apresentarei o panfleto da Izumo Funeral, bem como alguns testemunhos desta influência.

É inegável a sua crescente autoridade social no Japão contemporâneo. Segundo Rowe (ROWE; 2000, pp. 360-361), em Abril do ano 2000 terá sido aberta a primeira escola profissional dedicada somente à organização de funerais, a Japan Human Life Ceremony Senmon Gakko, na prefeitura de Kanagawa e nela os pupilos são instruídos em História, Religião, Cultura, Ritualística, Gestão e Comunicação. Isto torna as *Sogiya* também na figura de autoridade não só da cerimónia, mas também do conhecimento, o que põe ainda mais em causa o papel dos sacerdotes budistas, que perderam sem dúvida a sua hegemonia.

Em relação ao cortejo fúnebre, este tem vindo a extinguir-se devido à construção dos crematórios e cemitérios nos limites das cidades e da introdução dos carros motorizados desde a era Taisho, fatores esses que têm transformado o funeral e gerado a necessidade de reformar e reinterpretar vários ritos adaptando-os à evolução tecnológica. Nos primeiros anos do seu uso, o carro funerário viu-se rodeado de oposição, pois com o seu uso o caixão já não seria carregado por membros da família, eliminando o contacto do defunto com os vivos, além de se argumentar que seria sem classe e de certa forma reles. Até ao virar do século as tendências seriam passadas das camadas superiores da sociedade para as inferiores, mas o caso do carro funerário ocorreu de forma oposta, tendo o seu uso começado nos estratos menos favorecidos da sociedade antes de ser notado pelas famílias de elite. O seu sucesso dependeu da sua capacidade de preservar a cerimónia do cortejo, tornando-a supérflua ao mesmo tempo. Apesar da sua oposição, o seu sucesso deveu-se também ao seu *design* ligado aos estilos arquitetónicos tradicionais, o que o tornava uma forma de “arquitetura em movimento” (*Ido Suru Kenchikubutsu*), muito semelhante aos altares móveis usados nos *Matsuri* (ou seja, festivais). Os primeiros consistiriam no

caixão e no seu suporte colocados na caixa aberta de uma carrinha, tornando-se mais elaborado e luxuoso com o passar dos anos e tornando-se um objeto reutilizável e de aluguer. Nos dias de hoje, este carro funerário adornado com elaboradas decorações em dourado e cores brilhantes lidera o cortejo fúnebre seguido de táxis e mini autocarros, não transtornando de forma alguma o trânsito nem causando impacto em quem o vê, verificando-se o desaparecimento de várias superstições ligadas ao avistamento de uma procissão funerária. A procissão feita nos dias de hoje mantém a ordem da procissão tradicional, com os familiares mais próximos a levar a fotografia do defunto e as tabuinhas memoriais num táxi logo atrás do carro funerário. Nenhum dos membros da família vai no carro funerário, que tal como tudo o que envolva lidar diretamente com o corpo do defunto está reservado para os agentes funerários (ROWE; 2000, pp. 361-362)

Hoje celebram-se, inclusivamente, funerais mais *hi-tech*, em que o corpo recebe um tratamento de celebridade, com música a ser tocada ao entrar no salão da agência funerária, luzes diversas e até mesmo fumo ao chegar à estrutura elevada onde permanecerá para o velório (ROWE; 2000, pp. 363-364)

Também a última lavagem do corpo está adaptada aos dias de hoje, sendo que nas agências existem salas de purificação específicas onde os corpos podem ser lavados com champô, condicionador e gel de banho antes de serem colocados nas urnas. Tradicionalmente, o corpo era lavado pelas mulheres da família (*Yukan*) e à água usada para esse fim era dado o nome de água invertida (*Sakasa Mizu*), pois para amenizar a temperatura da água o processo era feito de forma oposta, ou seja, juntando água quente a água fria para além de que estas mulheres usariam faixas na cabeça e ingeririam *Sake* para se protegerem da poluição da morte. Na versão dos dias de hoje o corpo é lavado por empregados da agência vestidos com batas de hospital e sem qualquer proteção ritual que num primeiro momento, devido à abundância de fluidos corporais, lavam o corpo à porta fechada. Depois disto, o corpo é totalmente despido e colocado numa banheira repleta de água aromatizada e os familiares podem então entrar na sala para lavar a sua cara e corpo. Vê-se uma adaptação do ritual aos dias e tecnologia da atualidade. É uma forma de reintegrar a família neste ritual, que atualmente está bem aceite como uma tarefa relegada para os enfermeiros, já que a maioria das mortes ocorre nos hospitais e os corpos são desinfetados com álcool. Esta lavagem completa do corpo na agência e com a ajuda simbólica da família mostra uma mudança de mentalidades face à impureza da morte,

sendo que o defunto está a ser tratado como se ainda fizesse parte do mundo dos vivos, usufruindo de cuidados especiais (ROWE; 2000, pp. 366-367)

Quanto aos crematórios, as mudanças começaram nos finais da década de 1960 através da reconstrução das estruturas antigas que passariam a incorporar novas tecnologias para atenuar a imagem negativa que lhes era conotada. Os objetivos seriam eliminar os fumos e seus odores. Atualmente, os crematórios apresentam um aspeto luxuoso, a fazer lembrar hotéis, o que contribui para o melhorar da sua imagem, bem como abordam a morte de forma mais clínica e afastam a família física e simbolicamente do corpo e dos rituais.

Os crematórios mais antigos eram estruturas extremamente pequenas, com apenas um ou dois empregados, o que fazia com que a maior parte das tarefas necessárias ficassem a cargo da família, já para não mencionar que o processo de cremação seria muito moroso, levando cerca de duas horas e meia a finalizar. Não estariam sequer providos de salas onde os familiares pudessem esperar pelo fim da cremação e estes ficariam muitas vezes a assistir a outros funerais que surgissem no crematório, pois não haveria paredes a separar os fornos. Quando o processo terminasse, a notícia seria passada entre familiares até todos se reunirem em volta dos restos mortais ainda fumegantes. Ser-lhes-ia então pedido para darem espaço ao empregado do crematório que iria esmagar os ossos maiores do esqueleto para que pudessem ser colocados no ossário, sendo que apenas os ossos maiores seriam usados e o empregado não seria muitas vezes educado no sentido de ter tato para com a família do defunto. Com efeito, Rowe (ROWE; 2000, pp. 367- 369) menciona que a solenidade dos empregados do crematório desapareceria quando o corpo estivesse totalmente cremado, pois criam que o defunto já teria atravessado a ponte para o paraíso e que os brancos ossos indicassem que tinha atingido o estado de Buda, não havendo qualquer problema ao tecer comentários sobre a saúde do defunto ao ver os seus ossos.

Nos dias de hoje, contrariamente, os crematórios tentam mascarar fortemente a sua função, através do uso de divisórias entre salas e chaminés muito discretas. O corpo é agora trazido pelos empregados do crematório por uma porta de entrada separada da porta principal, através de um carrinho elétrico. As salas estão todas separadas por paredes para que quem esteja na entrada não veja as cerimónias a decorrer nem os seus participantes, e a sala das oferendas finais está separada da sala de cremação para que a família não veja o corpo a entrar no forno nem o veja a sair nem a ser organizado em cima da mesa. Os familiares são notificados através de um discreto altifalante colocado na sala onde ficam

à espera que os restos mortais estejam prontos para serem colocados no *Kotsutsubo*. Isto faz com que a família já não esteja presente para ver o esqueleto fumegante logo após a saída do forno crematório. Aproveito para acrescentar aqui que atualmente a cremação demora apenas cerca de uma hora a completar. As temperaturas e tempo de incineração estão agora adaptados ao corpo do defunto para que o corpo creme mais rapidamente e de forma mais eficaz. As salas adquiriram um aspeto a fazer lembrar salas de hospital, sendo desprovidas de decoração. Isto transforma de certa forma o ritual, pois a cremação, que agora tem lugar num espaço altamente limpo e eficiente, retira grande parte da crença de poluição ao processo, o que está a criar um grande impacto social nas crenças de transformação do corpo e tempos simbólicos de espera. Em suma, este é um processo cada vez mais clínico. Porém, o crematório permanece o local predominante destes ritos, pois é aqui que os familiares encaram o corpo no seu estado mais reduzido, já não sendo a pessoa que em vida conheceram, perdendo-se o caráter da decomposição presente nos funerais mais antigos, em que nem sempre a cremação ficaria bem feita. Antes destas inúmeras melhorias era muito comum rezear-se que ao abrir o forno o corpo estivesse ainda provido de muitos tecidos moles, isto combinado com o cheiro pestilento e o previsível aspeto perturbador, o que contribuía grandemente para um estigma de poluição associado à morte e ao corpo como centro da mesma. Com estes novos crematórios isso já não acontece e já não é necessário sequer o receio, bem como no exterior do edifício o fumo já não é visível nem se sente o seu odor, pois o fumo resultante da cremação sofre uma segunda combustão para que perca o seu cheiro. Os corpos são rapidamente cremados longe da vista das suas famílias, que são cada vez mais afastadas deste processo. Este processo de cremação e recolha dos ossos, em suma, transformou-se de um ritual extremamente simbólico para um já de cariz médico-clínico e até científico (ROWE; 2000, pp. 369-371).

Para além destas mutações que acabei de abordar ao longo deste capítulo, a tendência predominante que se tem verificado nos últimos anos nos funerais japoneses é a crescente individualização do defunto. A transferência de rituais organizados e executados por grupos comunitários para eventos urbanos e cada vez mais privados tem sido cada vez mais evidente. A individualização entra aqui devido ao crescente leque de opções que as famílias têm para sepultar o seu ente querido, pois os funerais estão cada vez mais comercializados (o que pode levar à questão da existência de um processo de individualização mais aparente que real, pois a base do rito fúnebre mantém-se) e

pretende-se deixar um impacto na memória do defunto, a quem a cerimónia deve ser totalmente adaptada. Proporcional a este aumento de opções está a decrescente crença na poluição da morte, aumentando em muito as formas que cada pessoa adota para lidar com a perda de um ente querido. Com efeito, o funeral budista sempre serviu para servir o defunto de forma especial e ajudá-lo a atingir o paraíso, mas, com o transferir dos panoramas simbólicos e religiosos para os científicos e médicos, também os pontos de vista dos vivos se mutam da cerimónia religiosa rígida para as suas escolhas enquanto consumidores. Tradicionalmente os rituais de transferência de méritos tinham como alvo o espírito do defunto. Hoje, em contrapartida, as cerimónias fúnebres estão, sem dúvida, direcionadas para o corpo físico do defunto em detrimento do seu corpo espiritual. É também dada grande ênfase às condolências oferecidas por amigos e conhecidos do defunto à família, sendo que os rituais de passagem de tempo, como já se disse, passam para o próprio dia do funeral para que todos possam estar presentes. Agora todas as várias fases do funeral parecem ser de importância idênticas e indistinguíveis do funeral *per se* e com o diminuir do medo que o cadáver proporciona graças à grande evolução tecnológica no que toca ao manuseamento e processamento do corpo agregado à crescente visão da morte do ponto de vista médico, mudaram a ênfase do funeral: de ritual de pacificação do espírito para uma dádiva solene de condolências à família e de um último adeus ao defunto.

Com efeito, o medo da morte e dos mortos tem grandemente decrescido, acompanhando o receio da impureza da morte, o que tem vindo a alterar os limites comportamentais aceites nestas circunstâncias e, com as agências funerárias fortemente influentes na sociedade atual, é fácil prever um aumento nos rituais que possam ir para além dos esperados. Não é hoje invulgar que os banhos finais sejam ministrados em hotéis por pessoal não especializado, o que mostra a diminuição do receio da morte. É de mencionar também que um número cada vez maior de japoneses tem vindo a criar contas bancárias de poupança para os seus eventuais funerais bem como decide como pretende que eles se realizem, o que tem aumentado a individualização do defunto no seu próprio funeral. Rowe (ROWE; 2000, pp. 371-373) aborda brevemente uma ideia inovadora, que é a do funeral em vida, concretizando-a com o caso uma mulher chamada Mizunoe Takiko que em 1992 terá celebrado o seu próprio funeral em vida para poder agradecer a todos os presentes e a todos os que a ajudaram. Menciona também formas originais da deposição das cinzas, como o seu envio para o espaço (*Uchu-so*) pela empresa Sekise Inc. sediada



na cidade de Nagoia. Têm também surgido vários grupos de ajuda às famílias para espalhar as cinzas dos seus defuntos, como a Grave-free Promotion Society de Tóquio, com o objetivo de reduzir e até eliminar o uso de sepulturas.

Para finalizar, o funeral japonês atual, como já se viu, conserva os rituais tradicionais na sua essência, sendo, porém, inevitável que eles se mutem ao sabor da evolução tecnológica e da mudança de mentalidades (como se vê pelo decréscimo de pessoas a rezear a impureza da morte). Hoje o funeral pretende-se individual e marcante no seu cerimonial, bem como prático, para que todos os familiares e amigos possam presenciar os ritos mais importantes e deixar o seu adeus. Partes da cerimónia como o cortejo fúnebre são hoje raros fora das aldeias e já nem os familiares carregam a urna pois todo o funeral tem lugar num único edifício, a casa mortuária da agência, ao invés de em tempos passados em que teria que se transportar o corpo entre a sua habitação, o seu templo budista e até ao crematório. Apesar da modernização crescente, continua a ser importante a participação dos monges budistas, que surgem agora entre os funerais mais sofisticados tecnologicamente. A evolução tecnológica aliada às mudanças sociais terão criado lugar para as presentes reinterpretações e reajustamentos dos funerais, agora totalmente subjugados ao advento da sociedade consumista mas, ainda assim, tradicionais à sua maneira.

Pertinente será também mencionar que, apesar de serem uma minoria muito evidente, se realizam também funerais baseados noutras crenças que não o budismo e até com cerimoniais que, mesmo budistas, são muito simplificados. Nos relatos dos Sugimoto, mais adiante, veremos a menção a dois casos muito especiais: o de um funeral cristão (e o seu grande contraste face ao funeral budista japonês) e o de uma senhora que decidiu doar o seu corpo a uma universidade de Tóquio e cuja família optou por uma pequena e simples cerimónia de despedida.

Seguidamente, veremos em relatos reais (obtidos através de entrevistas) a concretização de vários conceitos abordados no presente capítulo de contextualização.

### 3. Apresentação e análise das recolhas obtidas em trabalho de campo

#### 3.1. A configuração do cemitério: Okazaki (Aichi-ken), Osaka e Maizuru (Kyoto-ken)

Ao longo da minha estadia no Japão tive oportunidade de observar diversos cemitérios durante as minhas deslocações entre Tóquio, Nagoia e Okazaki. Para efeitos de exposição nesta dissertação fotografei partes do cemitério da cidade de Okazaki e, através das imagens que capturei procederei à descrição de um cemitério japonês atual. Para efeitos de comparação, abordarei também aspetos formais do cemitério que visitei em Osaka (Abeno-ku) e também na área rural de Maizuru, acompanhando Sugimoto Sayaka na sua visita.

O cemitério apresenta vários aspetos simbólicos que à primeira vista podem apenas ser tomados como meras referências religiosas ou apenas manifestação do gosto estético de cada um, mas observemos:



Figura 4 - Área central do cemitério de Okazaki.

Como se pode ver, este cemitério não se encontra rodeado por qualquer tipo de cerca nem tem um portão principal de entrada, sendo este, em particular, acessível através de quatro entradas a cada extremidade. Esta fotografia era do local mais elevado, onde estava

montado um pequeno alpendre, uma secretária, uma cadeira e pequenas vitrinas onde se poderiam queimar velas de forma mais resguardada.



Figura 5 - Ainda na parte central do cemitério. Pormenor da escultura de Buda.

Atente-se ainda na estátua que aqui se encontra em destaque. Trata-se de Kannon, uma divindade budista que no Japão assume forma feminina (seguindo o padrão originário da China) e é uma das principais divindades, a personificação da generosidade e compaixão budistas, a quem as preces dos vivos se dirigem num esforço de acumular bom *karma* para os seus entes queridos defuntos. Muito presentes estão também as oferendas de flores, aqui na forma de crisântemos sobretudo de cor branca, que é a flor associada à doença e à morte (de acordo com o que uma professora japonesa me disse) apesar de serem muito comuns as flores coloridas, de influência ocidental.



Figura 6 - Uma sepultura familiar.

Aqui está representada a típica sepultura de família, que já abordei brevemente nos capítulos alusivos à deposição das cinzas dos falecidos. Gravada na pedra está informação relativa ao templo da família, o seu nome e os nomes dos vários membros que aqui têm a sua última morada. Está também apresentado o símbolo ou emblema da família, acompanhado de locais específicos para a colocação de flores e, entre eles o local para a colocação de velas ou incenso, abaixo em pormenor.



Figura 7 - Detalhe do queimador de velas e incenso.



Note-se que à direita da sepultura principal está feito um acrescento, provavelmente por na sepultura principal já restar mais espaço para inscrições. À esquerda podemos ver uma estatueta de um *bodhisattva*, *Jizou*, que assume na sua representação japonesa a forma de um monge. Trata-se de um *bodhisattva* “infernai” que atingiu este nível de espiritualidade pela sua recusa de atingir o estado de Buda enquanto os seis infernos ainda tivessem ocupantes. Na cultura japonesa adquire uma tremenda importância, pois é o padroeiro das crianças. É ele quem guia na viagem pelo Além os espíritos de crianças e fetos que morrem devido a abortos.



Figura 8 - Pormenor do bodhisattva Jizo.

É uma figura muito comum nos cemitérios japoneses e é um bom indicador para averiguar, *grosso modo*, a mortalidade infantil no local. Constatemos que surge representado como um monge budista segurando um bebé ou uma criança pequena no seu colo, envolvendo-a de forma protetora no seu manto.

Vemos agora as também já mencionadas tabuinhas memoriais.



Figura 9 - Novo detalhe de tabuinha memorial, esta mais elaborada e complexa.

Abordemos agora um detalhe do cemitério japonês que me despertou a curiosidade desde o primeiro momento em que tive a oportunidade de o observar, que é o da presença de coloração vermelha em alguns dos caracteres gravados nas sepulturas ou seus acrescentos.



Figura 10 - Lápide acrescentada à sepultura original com os nomes dos parentes ainda vivos.

Neste caso estamos perante os ditos caracteres vermelhos no acrescento de uma sepultura. Ao perguntar o porquê da sua presença foi-me dito por Sugimoto Keitaka que se tratava dos nomes de pessoas da família proprietária da sepultura que ainda não tinham falecido mas que, por questões económicas tinham escolhido deixar o seu nome já previamente gravado na pedra. No campo da superstição é também por este motivo que na vida

quotidiana os japoneses evitam usar canetas de tinta vermelha, em especial se tiverem que escrever nomes pois esta coloração está, como se vê, ligada à morte, o que seria como desejar a morte da pessoa cujo nome se escrevesse, o que torna este ato deveras rude na vida mundana. Quando essa pessoa morre, o vermelho é então tirado da inscrição que poderá então ser deixada sem qualquer preenchimento ou então colorida com tinta preta ou branca.



Figura 11 - Vista geral do cemitério de Okazaki.

Como, em suma, se pôde observar ao longo desta secção, o cemitério é uma estrutura bem organizada, seguindo um padrão ou uma norma obedecendo a regras sociais. Nos cemitérios que observei não vemos sepulturas “originais” ou individuais, mas sim estruturas uniformizadas e não muito grandes, pois tal como os vivos também os mortos japoneses não podem ocupar demasiado espaço num país em que a pouca terra disponível é cada vez mais dispendiosa. É também por isso que a cremação é uma forma de deposição do corpo tão popular, para além da sua tradição budista.



Contudo, e numa nota mais pessoal, achei deveras interessante observar as pessoas locais durante as manhãs, devotamente, a trocar as flores e a acender incenso e, enquanto este queimava delicadamente, juntavam as mãos em oração e rezavam, provavelmente por uma boa travessia pelo Além para os seus entes queridos. Também em Osaka pude experienciar todo o relato feito até aqui e até de forma mais direta, estando a devida descrição num capítulo posterior acerca da Preservação da Memória. O cemitério que visitei no distrito de Abeno em Osaka era, em comparação, muito maior que o de Okazaki, sendo que a cidade de Osaka tem uma área muito mais extensa que Okazaki. Em termos formais, a planta era semelhante, de forma ortogonal e bem organizado, mantendo-se o que descrevi para o cemitério de Okazaki e também no de Osaka vi uma estátua de *Jizou*. Aproveito para acrescentar que neste cemitério vi uma sepultura que considerei original, fugindo às características básicas que se observam no grosso das sepulturas japonesas (ver figura 43 na secção de anexo).



Figura 12 - Vista geral do cemitério da área de Abeno-ku em Osaka

Na região de caráter rural de Maizuru, na prefeitura de Quioto, visitei o cemitério da área ocidental, onde estão sepultados os antepassados de Sugimoto Sayaka, a família Saito. Este cemitério destacou-se pelas grandes diferenças aos que anteriormente abordei, estando (tal como o de Osaka) no topo de uma colina, não apresentando porém, uma planta retilínea, sendo que as lápides vão aproveitando os espaços disponíveis. Tem



apenas uma entrada e uma saída, sendo que a restante área está delimitada por área florestal. Vi aqui lápides de aspeto muito antigo e aproveito para destacar que este cemitério se encontra rodeado por florestas em ambiente montanhoso, sendo até possível, por vezes encontrar aqui ursos, segundo o que a família de Sayaka me disse. Contrariamente aos cemitérios de Osaka e Okazaki, aqui foi possível observar muitas lápides de aspeto bastante antigo e desgastado, sendo consideravelmente mais pequenas e menos elaboradas que as utilizadas atualmente.

Novamente muito representado também aqui, é a figura do *bodhisattva Jizou*, inclusive presente nas lápides familiares dos Saito, devido a algumas mortes de crianças da família no passado, segundo o que Sayaka me disse.

Aqui, juntamente com Sayaka, queimei incenso pelos seus antepassados, sendo que as 9 gerações da sua família, Saito, estão aqui lembradas numa epígrafe junto à lápide principal. É aqui que descansam os restos mortais do avô de Sayaka, cujo relato do funeral veremos mais adiante. Não trocámos flores, sendo que apenas fizemos as já mencionadas oferendas de incenso e também de água, pois já não faltava muito tempo para o festival *O-bon* e nessa altura as lápides são devidamente limpas e as flores trocadas.



Figura 13 - Sepultura coletiva da família Saito.

### **3.2. A preservação da memória dos defuntos - relatório da recolha prática**

No passado dia 8 de Junho (de 2016) tive a oportunidade de assistir à prática da oração budista mensal no altar da família Sugimoto, com quem vivi nos últimos 3 meses. Esta família identifica-se primariamente com a Escola *Soto-shu* (*Za-zen*) e está sobretudo afiliada no templo da comunidade desta zona geográfica, Izan-ji.

Todos os meses, no dia 8, o monge budista visita a residência de Sugimoto Chieko. Com efeito, o dia 8 reveste-se para ela de significado pois o seu marido faleceu neste dia e, assim, todos os meses a sua morte é assinalada e o seu espírito lembrado, não se esquecendo os restantes antepassados da família.

Enquanto o incenso e as velas vão queimando, o monge vai recitando *sutras* em que agradece a compaixão dos antepassados, bem como alguns *sutras* previamente escolhidos.

O altar budista da família Sugimoto ostenta tiras de papel provenientes do templo familiar, que funcionam como proteção contra os maus espíritos naquele espaço.

Sendo o altar budista predominantemente mortuário, estão presentes as tabuinhas à memória dos defuntos, em que estão inscritos os seus nomes próprios e os seus nomes póstumos atribuídos pelo templo da família (por norma o nome póstumo aproveita um dos *Kanji* do nome próprio do defunto). Neste altar existem três tabuinhas: uma para o marido de Chieko, outra para a nora e uma terceira que engloba os restantes antepassados Sugimoto. Os antepassados estão também lembrados noutros dois documentos que adornam o altar: um é uma listagem com todos os nomes póstumos e próprios dos mortos da família e o outro é um pequeno livro-calendário onde estão assinalados também os nomes póstumos e próprios no dia correspondente ao da morte.

Em suma, este ritual consiste na vinda do monge, por norma de manhã, para a leitura de *sutras* num processo que demora cerca de 15 minutos, que é também aproximadamente o tempo que demora para as velas e o incenso arderem até se extinguirem. Além destas, outras oferendas, que poderão ser diárias, incluem chá verde e comida. Com efeito, para Chieko, todos os presentes que recebe, antes de ficarem na sua posse, são oferendas no altar por algumas horas, para que os antepassados também os recebam. Eu própria também fiz uma oferenda e oração quando trouxe presentes para os professores depois de um fim-de-semana fora. Coloquei os presentes no altar, fiz soar o pequeno címbalo duas vezes e ofereci uma pequena prece aos antepassados da família Sugimoto.

Voltando à leitura de *sutras*, os familiares assistem em silenciosa oração enquanto o monge as vai recitando, marcando o ritmo com recurso a um pequeno tambor junto do altar. Este pequeno rito permite manter viva a memória dos antepassados e ao mesmo tempo assegura o seu bem-estar no plano espiritual de existência, devido à consequente acumulação de bom *karma*. Os *sutras* e preces rogam-lhes também que continuem a proteger a família enquanto antepassados divinizados. Esta acumulação de bom *karma* vai também contribuir para uma próxima existência mais agradável quando o momento da reencarnação chegar.

Os japoneses crêem que se a morte foi natural o espírito deverá sempre ser bom, mesmo que em vida a pessoa não tenha tido os melhores comportamentos e atitudes (este ponto de vista tem origem na crença xintoísta da divinização dos mortos da família - *Kamis* domésticos). Consideram que especial cuidado deverá ser reservado para os espíritos dos mortos em acidentes, por doença, homicídio e suicídio, pois pela natureza frequentemente violenta dessas mortes, o espírito poderá ter uma grande carga negativa e traz muito má sorte e até mesmo doença à sua família. As orações e leitura de *sutras*, bem como as oferendas são aqui essenciais pois irão apaziguar o espírito e ajudá-lo na sua viagem para a próxima existência terrena, como se expôs no capítulo referente à contextualização.

Ainda no mesmo dia (8 de Junho), depois do monge *Soto-shu* veio o padre xintoísta para fazer a purificação mensal do espaço. Considero pertinente incluir aqui esta passagem, pois a crença xintoísta diz-nos que após a morte todos os espíritos se convertem em *Kamis* no panteão doméstico, por isso considero que se possa incluir na preservação da memória dos mortos já revestidos de carácter divino.

O padre xintoísta em questão é proveniente do santuário *Ouji* (*Ouji-jinja*), que é o santuário ao qual os Sugimoto se encontram ligados.

Antes de dar início ao ritual, o padre acende as velas do altar e faz duas vénias perante o mesmo. De seguida, executa o ritual *O-harai*, que é um rito de purificação do espaço e das pessoas nele presentes, agitando o *Nuki* em frente ao altar e depois em frente aos Sugimoto. Estando o espaço e os intervenientes purificados, o padre xintoísta invoca então os *Kami* domésticos através do procedimento também em prática nos santuários: *Ni-rei* (duas vénias); *Ni-hakushu* (duas batidas de palmas); *Ichi-rei* (uma vénia).

Depois de chamar a atenção dos *Kami* desta forma, inicia a recitação de um documento. A este rito dá-se o nome de *Norito* e o objetivo é o de pedir com a máxima sinceridade

que os *Kamis* não assustem nem tragam má sorte às pessoas da casa, mas sim que tragam saúde, prosperidade, boa sorte e que sejam bondosos.

Posto isto, os familiares fazem uma pequena oração silenciosa e depois uma oferenda: ramos de *Sakaki* (pertence à espécie *Cleyera Japonica*), que é a planta mais sagrada no culto xintoísta, pois representa a fronteira entre os planos de existência superior (deuses) e o dos humanos.

De acordo com Sugimoto Keitaka, por norma, os altares domésticos xintoístas são dedicados a pelo menos três entidades: no centro está *Amaterasu-Omikami* (*kami* principal, é a personificação do Sol e Mãe da Família Imperial); à esquerda venera-se o santuário da comunidade e ao qual a família está afiliada (neste caso é o *Ouji-jinja*) e à direita veneram um santuário à escolha (neste caso é o *Abeno Seimei Jinja*, consagrado a Abeno Seimei, um sacerdote, escoliasta e astrólogo do período Heian, que terá nascido neste distrito da atual Osaka que hoje tem o seu nome).

Após a oferenda supracitada, o ritual chegou ao fim (teve uma duração aproximada de 15 minutos) com uma última prece de agradecimento aos *Kamis* da casa.

No dia seguinte, 9 de Junho, tive novamente a oportunidade de observar uma leitura de *sutras* no altar budista dos Sugimoto, desta feita por um monge da Escola *Nichiren* (mais precisamente do templo *Onmyou*). Este monge, à semelhança do da Escola *Soto-shu*, vem todos os meses no mesmo dia, sendo que Chieko é muito próxima desta escola por causa da sua irmã e até reservando uns dias, todos os anos, para rituais de meditação. É de salientar que, apesar de existirem várias Escolas (ou Seitas) Budistas no Japão e de cada família, tradicionalmente seguir uma, os japoneses são extremamente flexíveis na sua prática religiosa, frequentemente visitando e praticando em templos de outras Escolas, bem como santuários xintoístas e muitas vezes seguindo também preceitos confucionistas. Ao nível do Budismo, os ritos quotidianos não apresentam diferenças radicais na sua execução mas mais ao nível dos *sutras* recitados, que dependem da Escola.

Essencialmente, o monge *Nichiren* levou a cabo um ritual muito semelhante ao executado pelo monge *Soto-shu*. Ajoelhado diante do altar, acendeu velas e incenso e, marcando o ritmo com o pequeno tambor, recitou três passagens do *sutra Hokekyou*, chamadas *Myouhourengekyou*, que se compõem pelas últimas 28 partes do penúltimo *sutra* ensinado por Buda antes da sua morte. Esta recitação demorou também cerca de 15 minutos até as velas e o incenso se extinguirem.

Posto isto, já enquanto bebia um chá, explicou-me alguns aspetos acerca destes *sutras* que referi acima, bem como acerca de um derradeiro *sutra* que Buda terá revelado apenas um dia antes da sua morte. No dia seguinte, ter-se-á deitado de cabeça virada para Norte e terá ascendido ao plano de existência de Nirvana (Iluminação plena). O monge disse também que, por esta razão, os edifícios imperiais mais importantes de Quioto estão virados para Norte e que os próprios Imperadores dormiam também virados para esta direção. Contudo, para um japonês que não o Imperador, dormir nesta orientação trará suposta má sorte pois é assim que são dispostos os restos mortais nos velórios e funerais. Porém, outro ponto de vista poderá haver: se Buda escolheu esta posição, poderá até dar sorte dormir assim. A cada um a sua crença...

No dia 10 de Junho pude acompanhar Sugimoto Keitaka e Akiko (sua tia, irmã da falecida mãe) na sua rotina mensal de visitar o templo e cuidar das sepulturas familiares.

Começámos por ir ao *Isshin-ji*, um complexo de templos budistas que tem inclusivamente agregado um dos cemitérios da cidade.

Tomei parte num pequeno ritual de purificação com eles, na queima de incenso (o fumo resultante e que nos rodeia purifica o corpo e espírito). Depois de nos purificarmos, dirigimo-nos para um dos edifícios anexos ao templo principal onde estão três estátuas de Buda muito especiais, sendo que na do meio estão depositados (no seu interior) alguns ossos da mãe de Sugimoto Keitaka. Por isso, todos os meses tia e sobrinho vêm visitar e orar junto ao edifício (o acesso ao interior está reservado aos monges). Keitaka explicou-me também que este é um templo moderno, no sentido em que ao longo do dia, todos os dias, os monges vão recitando *sutras* e orando de acordo com aquilo que os crentes pedirem, desde *sutras* à memória dos seus antepassados, às relações/casamento, à saúde, à longevidade e até aos objetos do quotidiano.

Depois de sairmos de *Isshin-ji*, fizemos uma pequena paragem na florista, onde compraram velas, incenso e ramos, não de flores, mas de uma planta, que achei semelhante ao pinheiro, por uma questão de comodidade pois não é tão dispendiosa como são as flores.

Dirigimo-nos para o cemitério, que fica numa colina (no distrito de Abeno-ku) quase tão alta como a do castelo de Osaka. Aqui estão as sepulturas familiares dos Sugimoto e a dos avós maternos de Keitaka (pais de Akiko). Este espaço cemiterial é muito vasto, estendendo-se por “patamares” ou “andares” que aproveitam a inclinação da colina.

Na sepultura familiar, despejam-se e limpam-se os compartimentos destinados às flores, coloca-se água fresca e os ramos (que neste caso são mais duradouros que flores naturais). A pedra tumular e os sítios destinados ao incenso e oferta de água também. Coloca-se aí água fresca (que os espíritos irão beber) e por cima da pedra tumular verte-se alguma água, que escorrerá. Keitaka não me soube explicar a razão pela qual isto se faz, mas imagino que a finalidade seja a de purificar o local. Disse-me também que juntamente com a oferta de água havia o costume de se deixar comida mas que, por causa dos animais, isso deixou de se fazer. Por fim, acendeu o incenso no respetivo compartimento, ajoelhou-se perante a sepultura e orou aos seus familiares.

Como já se viu antes, nas sepulturas japonesas está normalmente uma série de inscrições. Neste caso, à frente está o nome da família e o templo de filiação; nos lados, a vermelho, está o nome de Sugimoto Yoshitaka (pai de Keitaka) ainda vivo (foi ele a comprar este espaço no cemitério). Sem cor estão gravados os nomes dos Sugimoto que ocupam esta sepultura, tanto os nomes póstumos budistas como os nomes próprios, juntamente com o dia, mês e ano da morte.

Na proximidade vê-se um espaço vazio mas já com uma tabuleta a indicar que este espaço já tem dono: lê-se Sugimoto. Com efeito, é o espaço do irmão de Sugimoto Yoshitaka. Keitaka diz em tom de brincadeira que já se estão a precaver para o futuro.

Um pouco à frente, na sepultura dos pais de Akiko o processo de limpeza e meditação silenciosa repete-se. Tia e sobrinho oram junto às duas sepulturas.

Invariavelmente, vê-se também ao longe uma estátua grande de *Jizou*, o *bodhisattva* protetor das crianças, que quando presente em cemitérios protege e guia os espíritos de crianças, bebés, nados mortos e fetos que tenham sofrido abortos, como já foi referido.

Contudo, *Jizou* protege também as crianças vivas e na proximidade, no complexo de Shitenno-ji, está colocada uma pequena estátua de *Jizou* dedicada aos jovens alunos do *Mutsumi Youchien* (Jardim de Infância Mutsumi, onde estagiei durante 3 meses). E esta foi precisamente a próxima e última paragem, para a prece mensal pelo bom crescimento dos alunos. Neste templo fiquei a perceber que, pelo menos nesta área, *Jizou* é o *bodhisattva* favorito: estão aqui um sem fim de estátuas com um sem fim de objetivos: desde zelar pelas crianças a tentativas de melhorar personalidades (como a esperança que alguém perca a teimosia). Existe aqui também um enorme cemitério (ou parque

memorial) que alberga e relembra os espíritos de todos os japoneses mortos em batalha (à semelhança do controverso *Yasukuni-jinja* em Tóquio).

De qualquer forma, e voltando o tópico principal, Keitaka disse-me que para ele visitar as sepulturas familiares é sempre uma experiência que lhe confere grande paz interior, pois fá-lo sentir-se muito ligado aos seus antepassados e sentir a sua presença junto a si.

Por outro lado, em Maizuru, na cidade-natal de Sayaka, os seus familiares não assinalam com tanta frequência os dias da morte dos antepassados a cada mês com leituras de *sutras* feitas pelo monge, mas sim nas já referidas datas especiais. Ao invés disso, é a avó de Sayaka que todos os dias oferece parte do arroz de cada refeição no altar da família enquanto queima incenso e recita *sutras*, que terá memorizado através desta prática diária ao longo dos anos.

Concluindo, a minha interpretação é a que no contexto das minhas recolhas e observações a experiência da morte e da preservação da memória seja exatamente isto: através de pequenos ritos, simples preces e oferendas, conseguir sentir que os antepassados estejam sempre presentes e vivos na memória, mesmo que não os tenham conhecido em vida.

### **3.3. Recolha de Testemunhos**

Na presente secção irei apresentar os relatórios das entrevistas que levei a cabo de forma a conhecer as experiências pessoais de conhecidos e amigos de nacionalidade japonesa. O objetivo destas entrevistas, como já disse, foi o de ficar a conhecer experiências pessoais face a rituais fúnebres em que o entrevistado tenha participado, bem como ficar a conhecer opiniões acerca das suas preferências em ritos integrantes no funeral, bem como de ritos de outras crenças religiosas.

Estas entrevistas foram realizadas em inglês, o que se revelou a maior limitação a este processo, pois não permitiu uma grande amostra, focando-se, sim, num grupo restrito que consegue falar a língua, tratando-se de pessoas relativamente jovens e com nível de ensino superior, sendo que o intervalo de idades vai desde os 19 anos aos 40 anos de idade. Consta-se também na amostra que nem todos os intervenientes seguem a mesma Escola budista. Porém, como já referi anteriormente, dada a grande flexibilidade nas práticas religiosas que se verifica na sociedade japonesa, não considero este seja um fator determinante para tirar conclusões específicas, sendo que a informação a isto relativa, apesar de o número de inquiridos ser baixo, serviu sobretudo para fins estatísticos, pois como se verá adiante, mesmo que se pertença a escolas diferentes o modelo do funeral mantém-se generalizado e inalterado.

Seguidamente serão apresentadas as cinco entrevistas que levei a cabo, sendo duas delas estão também em formato audiovisual (as de Sugimoto Keitaka e Sugimoto Sayaka).

A lista de questões que coloquei (com a respetiva tradução para inglês) é a que se segue:

- A) Nome / *Name*
  - B) Idade / *Age*
  - C) Naturalidade / *Hometown*
  - D) Escola Budista seguida / *Buddhist Sect followed*
- 
- 1) Quando foi a última vez que esteve presente num funeral? (*When was the last time you attended a Japanese funeral?*)
  - 2) Onde se realizou? Em casa, no templo ou numa agência funerária? (*Where did it take place? Was it at home, at a temple or at a funeral home?*)
  - 3) Qual a sua relação/parentesco com o defunto? (*What was your relationship with the deceased person?*)



- 4) Que significado tiveram para si estes rituais? (*What did these funerary rites mean to you?*)
- 5) O que considera mais importante no ritual funerário? Que objetivos acha que serve? (*What do you consider to be the most important parts in the funeral rite? Which do you think are its objectives?*)
- 6) Tem alguma forma preferida de ritual? (*Do you have a favorite ritual in the funerary practice?*)
- 7) Sabe dizer-me as diferenças entre os funerais praticados por xintoístas e pelas várias seitas budistas? (*Can you tell me about the differences between the funerals celebrated by each Buddhist Sect and Shinto practitioners?*)
- 8) Já assistiu a algum funeral diferente? Se sim, qual é a sua opinião? (*Have you ever attended a different funeral? If so, what's your opinion about it?*)

Seguidamente apresentarei os resultados escritos desta recolha. Disponibilizarei também duas destas entrevistas em vídeo, como mencionei acima.

**Recolha Número 1**

- A) Yamada Mayu
- B) 25 Anos
- C) Osaka
- D) Desconhece

A última vez que assistiu a um funeral tinha 10 anos de idade (há 14 anos atrás, no ano 2002). Foi o funeral do avô paterno e ter-se-á realizado numa agência funerária.

Não esteve no velório, apenas assistiu ao funeral e não tem memórias específicas desse dia. Esteve com a família a aguardar pelo fim da cremação, mas logicamente, devido à tenra idade não participou no ritual *Kotsuage*.

Em suma, apesar de ter estado presente, não se lembra claramente do evento, nem tal teve grande significado para ela, pois não compreendeu o que se estava a passar.

(Informação recolhida a 5 de Junho de 2016)

**Recolha Número 2**

- A) Miyamoto Tetsuya
- B) 19 Anos
- C) Osaka
- D) Desconhece

Terá assistido a dois funerais durante a sua infância. As suas memórias desses acontecimentos são muito escassas. Não sabe qual era a sua relação com os defuntos e a sua memória mais clara é a sua tia a chorar.

Lembra-se também de ter achado a leitura de *sutras* demasiado longa e aborrecida, e lembra-se também vagamente que ambos os funerais se realizaram em espaços muito grandes, deduzo que agências funerárias.

(Informação recolhida no dia 5 de Junho de 2016)

**Recolha Número 3**

- A) Okano Tatsuya
- B) 40 Anos
- C) Kobe
- D) *Jodo Shinshu*

O último funeral a que assistiu foi o da sua avó há cerca de 20 anos atrás. Ter-se-á realizado numa casa mortuária e terá seguido a ritualística típica do funeral budista, tendo-se realizado na tarde do dia seguinte à morte, respeitando também o *Rokuyo*, o calendário que indica quais os dias de sorte e azar, seguido tradicionalmente para eventos importantes como casamentos e funerais, que já foi anteriormente mencionado aquando da passagem sobre a decisão do dia do funeral.

Nessa noite, antes do funeral participou no velório, permanecendo até ao funeral.

Questionado acerca do rito para si mais importante, respondeu que o funeral era o mais importante, no sentido dos eventos que têm lugar logo após o velório: vinda do monge, recitação de *sutras* e *Shoko* (oferenda de incenso junto do corpo do defunto) são para ele os processos mais importantes. *Shoko* teve especial relevo na sua experiência pessoal pois enquanto o fazia terá relembado várias memórias partilhadas com a sua avó.

Considera que o principal objetivo do funeral é o de fazer com que os vivos não esqueçam os mortos, em detrimento da purificação espiritual do defunto. Segundo o que me disse, para os japoneses, após a morte, todos os espíritos se tornam divinos, mesmo os dos maus vivos. Disse que os japoneses acreditavam também na acumulação de bom e mau *karma* que influenciará as próximas existências (crença na reencarnação) ao mesmo tempo que o espírito passa a ser divino.

Não crê que existam funerais xintoístas mas considera muito provável que os atuais funerais budistas tenham sido influenciados pelas práticas xintoístas a dada altura.

Mencionou que durante a infância terá assistido a uma cerimónia fúnebre (japonesa) em que durante alguns minutos os familiares fizeram uma espécie de dança junto do corpo do defunto. Porém, não me soube explicar o porquê desse rito nem que grupo religioso essas pessoas seguiam. Fora esse episódio, disse ter assistido a um ou dois funerais de seguidores de outras Escolas que não a sua, não sabendo especificar. Disse-me que os

rituais não são diferentes e que, com efeito, os japoneses não valorizam as distinções entre seitas budistas tanto no funeral como no geral.

(Informação recolhida a 5 de Junho de 2016)

**Recolha Número 4**

- A) Sugimoto Sayaka
- B) 38 anos
- C) Maizuru (Quioto)
- D) Escola *Soto-shu*

O último funeral a que terá assistido ocorreu em Dezembro do passado ano de 2015 e foi de um parente do marido. Aconteceu numa agência funerária e terão participado numa pequena cerimónia de despedida. Ouviram a recitação de *sutras* e no fim puderam ver a face do defunto e rezar junto dele enquanto queimavam incenso (*Shoko*). Por não serem familiares directos, não participaram nas cerimónias seguintes, pois essas estão reservadas exclusivamente à família mais chegada.

Esta foi a última cerimónia fúnebre na qual esteve presente. Por isso, na entrevista a Sayaka focámo-nos mais na experiência pessoal através do relato da primeira experiência de Sayaka com a morte de um familiar direto e com quem tinha grande ligação: o seu avô materno.

O funeral e velório do avô materno de Sayaka realizaram-se na sua terra-natal, Maizuru (a Norte de Quioto, uma aldeia costeira e rural), na residência do defunto e a cremação foi na agência funerária. Sayaka não ficou a noite toda no velório. No dia seguinte assistiu ao funeral (ouviu os *sutras*) e realizou *Shoko* (queimou incenso ao lado do corpo e rezou).

Depois da cremação participou na recolha dos ossos (*Kotsuage*) e lembra-se que restavam a maioria dos ossos. Lembra-se de ver a maçã-de-Adão (que neste contexto se reveste de simbolismo e é recolhida como se de um osso se tratasse), ossos dos braços, pernas, costelas... eram muitos, segundo me conta. Diz-me que não são guardados todos os ossos, apenas os de valor simbólico e também porque a caixa (*Kotsutsubo*) é demasiado pequena para um esqueleto completo. Lembra-se de ver guardar a maçã-de-Adão e alguns outros ossos e que, finalmente, o último osso a ser colocado é o do topo do crânio (como se fosse uma “tampa”) antes de a caixa ser fechada.

Posto isto, a caixa *Kotsutsubo* regressou a casa com a família e aí permaneceu durante 49 dias, durante os quais, todas as noites liam *sutras* em frente em frente ao altar budista onde o recipiente estava colocado. Isto deve-se ao facto de os japoneses acreditarem que até aos 49 dias após a morte, o espírito do defunto ainda se encontra presente no mundo

terreno, nomeadamente, em casa com a sua família e os *sutras* lidos todas as noites são um presente para o ajudar quando chegar a altura da grande viagem pelo Além. Findos os 49 dias, o espírito terá ascendido ao plano espiritual e abandonado o seu lar terreno e, assim, o recipiente contendo os ossos e cinzas é levado para o cemitério e depositado na sepultura da família.

Sayaka fez-me um relato bastante completo e pessoal e começou por me falar do choque inicial de ver o corpo do seu avô logo a seguir à sua morte, pois ele terá falecido inesperadamente. Sayaka contou-me que no dia antes da morte do seu avô tinham celebrado o aniversário da sua mãe numa festa em casa. O avô, que normalmente não gostava de bolos nem de doces, surpreendentemente, nesse dia comeu bolo, para espanto de todos os presentes.

Sayaka tinha na altura 15 anos e lembra-se de, no dia seguinte chegar a casa da escola e o seu pai já lá estar, o que não era usual pois a essa hora ele estaria no trabalho. O seu pai sentou-se com ela e disse-lhe: “Não te assustes... O teu avô faleceu.” Sayaka contou-me que foi um choque tremendo no momento e que perdeu todo o raciocínio. Apenas chorou e incessantemente perguntou “Porquê? Porquê? Posso vê-lo de novo? Posso falar com ele de novo?”. O seu pai decidiu levá-la ao hospital para que ela pudesse ver a cara do avô. Lembra-se de ver uma cara muito diferente, roxa, rija e gelada, o que foi uma experiência marcante pois nunca tinha estado tão perto da Morte, nunca tinha visto tão de perto essa realidade.

Foi por isso que para Sayaka, aquele funeral em particular foi uma experiência transcendente, marcante, como se estivesse a flutuar noutro mundo onde muitas memórias cruzaram a sua mente, sentindo picos emocionais (palavras da própria). Por isso, não tem memórias claras do que fez exatamente nesse momento.

Para Sayaka, a parte mais importante do funeral será, talvez, a leitura de *sutras* do monge. É longa, mas segundo ela, dá para pensar no defunto, nas memórias, em tudo. Marcante também na sua experiência pessoal foi a cerimónia de recolha dos ossos (*Kotsuage*) após a cremação. Esta experiência teve tanto impacto pois viu a cara e o corpo do avô como ele era em vida e, passadas umas horas, estava totalmente diferente, grande parte do seu corpo físico tinha desaparecido, só restava o esqueleto. Nesse momento, Sayaka apercebeu-se que os seres humanos são meras criaturas que devem voltar à Natureza e que não duramos para sempre, sendo que de um momento para o outro tudo pode mudar.

Esta visão ajudou-a a aceitar a morte do avô. Antes disso, não tinha conseguido, tentou acordar o avô, tentou falar com ele, sempre na esperança que ele acordasse e lhe respondesse. A cremação foi marcante por isto mesmo, pois com o esqueleto exposto e o desaparecer da pessoa como a lembramos em vida, não há outra escolha se não aceitar.

Passando à questão seguinte, Sayaka disse-me que já tinha tido oportunidade de assistir a funerais de crentes de outras Escolas Budistas, mas não achou que fossem diferentes. Disse-me que talvez só um grande conhecedor das práticas de cada Escola Budista conseguisse ver as pequeníssimas diferenças, se existissem. Disse-me que o funeral mais diferente do qual já tinha ouvido falar tinha sido o do irmão do ex-namorado de uma amiga sua, que se terá suicidado. A sua amiga contou-lhe que o seu funeral, cristão, tinha sido uma experiência completamente diferente dos funerais típicos budistas, até alegre, reconfortante e positivo. O padre terá falado da vida do defunto e terão cantado várias canções alegres. Esta experiência terá contrastado fortemente com a experiência do funeral budista, muito sóbrio e calmo e sem qualquer alegria ou canções. Efetivamente, no funeral budista é de mau tom e até tabu sorrir demasiado.

Falou-me também de outra situação, segundo ela, extremamente rara no Japão, que é a doação do corpo para estudos deixada em testamento. Este foi o caso de uma tia-avó do seu marido, Sugimoto Keitaka. Contou-me que neste caso, foram a uma pequena cerimónia de corpo presente para se despedirem, na residência da defunta e que, depois disso, o pessoal da morgue de um hospital universitário de Tóquio lá se dirigiu para ir buscar o corpo.

Sayaka disse-me que considerava, pelo menos há uns anos atrás, os funerais das zonas rurais diferentes dos das zonas urbanas. Como já vimos, ela nasceu numa zona rural e nessa altura, até à sua juventude, os funerais e velórios eram predominantemente realizados na residência do defunto e, por isso, era a família e o grupo comunitário que preparavam tudo o que era necessário: um grupo preparava a comida, outro grupo as flores, outro os apetrechos religiosos, etc. O monge e os participantes dirigiam-se à casa do defunto e lá lhe diziam adeus. Só a cremação era realizada noutro local, normalmente na agência funerária ou crematório. Contou-me que nas zonas rurais o funeral era um evento de cariz muito privado por isto mesmo.

Contudo, disse-me, nos dias de hoje mesmo nas áreas rurais, as pessoas preferem recorrer às agências funerárias, pois é muito difícil para a família preparar tudo o que é necessário



em tão pouco tempo. A agência funerária apresenta-se como uma solução melhor e conveniente, pois oferecem “pacotes” à escolha das famílias consoante o tipo de cerimónia pretendida, sendo mais fácil e rápida toda a preparação.

Por norma, desde a morte até ao funeral, passam 2 dias. O velório acontece antes do funeral, no dia da morte ou no dia seguinte. Todos os defuntos recebem nomes póstumos (*Kaimyo*, que já foram anteriormente abordados como a forma de separar o espírito do corpo físico) atribuídos pelo templo budista de filiação, como já vimos e o do avô de Sayaka é *Kotokouhun Sekiunjikouji*, sendo difícil perceber o seu significado. Sayaka disse-me que para o efeito de formar o nome budista, é costume aproveitar um dos *kanji* do nome próprio do defunto e mostrou curiosidade em relação a si própria pois o seu nome, Sayaka escreve-se com *hiragana* (caracteres japoneses) e não com *kanji* e, por isso acha que não deverão aproveitar nenhum dos seus caracteres.

Contou-me também que ao contrário de Chieko (da família Sugimoto) a sua família não faz as leituras de *sutras* no altar budista todos os meses, mas sim em ocasiões especiais: nos 49 dias depois da morte todos os dias e, depois, 2 ou 3 vezes a cada ano, talvez. Porém, não deixam de assinalar as datas fixas específicas que vimos anteriormente. Nessas alturas a família reúne-se, rezam com o monge e queimam incenso.

Em relação ao Festival *O-bon*, o festival dos mortos, na sua zona crê que é diferente daquele celebrado nas cidades, apesar de não saber muito bem como é este último. Na sua zona dura 4 dias e acontece durante o mês de Agosto. Sayaka e a sua família dão as boas-vindas aos antepassados de volta à casa de família, leem *sutras* e queimam incenso para eles. Os antepassados permanecerão com eles durante 4 dias. A família prepara refeições especiais tradicionais para os antepassados, composta por 5 pequenas doses (inclui-se arroz e sopa *miso*) servidas num tabuleiro alto à mesa durante as refeições familiares desses dias.

Sayaka contou-me que durante a sua infância o mar (Mar do Japão) chegava perto da sua casa, por isso, a sua família fazia um pequeno barco onde colocavam a comida e *sutras* e lançavam à deriva no mar para que o antepassado recolhesse as oferendas.

Com o recuar do nível do mar devido à ação humana, deixaram de fazer este ritual familiar de lançar o barquinho à deriva. Passaram a levar o tabuleiro com a oferenda de comida ao sítio onde o mar chegava e aí oravam e depois levavam o tabuleiro de volta para casa.

Fazem esta pequena cerimónia na primeira e última refeição do antepassado durante o Festival *O-bon*.

Sayaka considera que o principal objetivo do Festival dos Mortos será o de refazer, todos os anos, a ligação dos antepassados com os vivos, mas serve também outro propósito: o de reunir todos os familiares, que de outra forma provavelmente não se veriam. Todos juntos voltam a relembrar os antepassados e a reforçar laços.

Em suma, para Sayaka, o funeral (e festividades associadas) serve sobretudo para manter viva a memória dos mortos, sendo uma forma de agradecimento e de manter o espírito em paz. Ela crê que se a família não orar o suficiente pelo seu ente querido falecido, a alma deste irá sentir-se só e triste e não conseguirá ascender ao plano espiritual, ficando preso ao mundo terreno e à sua família, podendo até manifestar-se na forma de ratos (ouviu histórias disto na sua infância) e trazendo muito má sorte à sua família. Acredita até que em morte violentas, como homicídios, se torna quase impossível para o espírito do defunto sentir paz, especialmente se o corpo nunca for encontrado, pois sem os ritos funerários necessários e todos os *sutras* e orações, nunca poderá seguir para a próxima vida.

(Informação recolhida e gravada no dia 9 de Junho de 2016)

**Recolha Número 5**

- A) Sugimoto Keitaka
- B) 38 anos
- C) Osaka
- D) Escola *Soto-shu*

O último funeral no qual esteve presente ocorreu em Março do presente ano (2016) em Tóquio. Foi uma cerimónia muito simples, em que a família se reuniu no crematório, sem monges e rezaram pela defunta. O corpo foi então cremado e realizou-se a cerimónia *Kotsuage* de recolha dos ossos mais importantes, enquanto se fazem orações pelo espírito. Posto isso, todos os convidados almoçaram juntos.

A falecida era tia-avó de Keitaka, irmã mais velha de Chieko, uma antiga bailarina de danças clássicas que costumava viver em Osaka, mas há uns anos tinha-se mudado para Tóquio para estar mais perto dos filhos, tendo ficado a viver num lar de idosos. Os filhos quiseram fazer uma cerimónia mais simples que o típico funeral budista. Depois da cremação e recolha dos ossos, levaram o *Kotsutsubo* para Osaka e colocaram-no na sepultura familiar, passados os 49 dias. Nesse momento sim, monges estiveram presentes a recitar *sutras* junto à sepultura enquanto os ossos eram depositos na sua última morada. Keitaka relembra-me que 49 dias são o tempo que o espírito necessita para abandonar o plano de existência terreno. Até ao 49º dia, o *Kotsutsubo* é mantido em casa da família e noutros tempos assinalavam-se com mais frequência os dias que passavam desde a morte até ao 49º dia.

Keitaka falou-me da defunta: era uma senhora muito idosa, de 95 anos que durante muito tempo viveu num lar de idosos em Tóquio. Chieko, a sua irmã, durante muito tempo esteve preocupadíssima com ela. Keitaka disse que mais cedo ou mais tarde esperava receber a notícia da sua morte, o que também o preocupava muito. Disse que durante a sua infância teve uma relação muito próxima com a sua tia-avó e que ela lhe ensinou muitas coisas. Lembra-a como uma pessoa de educação rígida mas muito gentil. Durante o funeral terá lembrado estas memórias. Naturalmente, quando soube da sua morte, o choque foi muito grande. Porém, nessa altura, Chieko estava no hospital num estado muito debilitado e Keitaka optou por não dizer nada e foi a Tóquio com o seu pai para assistir ao funeral.

Keitaka crê que o funeral ajuda a pacificar o espírito e, por isso, rezou muito pela sua tia-avó e pelas melhoras da sua avó. Mais tarde, acabou por lhe contar da morte da irmã, mas ela estava ainda muito fraca depois dos 49 dias e, por isso, Keitaka tomou o seu lugar na cerimónia de deposição dos ossos na sepultura da família. Considera que talvez tenha sido um alívio para Chieko que o corpo da irmã tenha voltado para Osaka, pois agora estão mais próximas.

Para Keitaka a parte mais importante do funeral é a reunião familiar e a recitação de *sutras* em conjunto. Diz ter muito significado, pois todos os intervenientes se concentram nas memórias e no desejo que a defunta descanse em paz. Considera também importante a refeição mais tarde partilhada entre a família e amigos, pois muitas vezes lembram-se de passagens engraçadas e constroem uma memória comum, aceitando aos poucos a sua morte. Diz que, apesar da gradual aceitação, o dia do funeral é difícil.

Contudo, diz-me que os japoneses crêem que a morte pode ser uma ocasião feliz se não for acidental, por suicídio, doença ou homicídio, pois chegar aos 95 anos de idade é algo impressionante e acreditam que o espírito da defunta também estará feliz, pois agora pode reencontrar o seu marido, que faleceu há muitos anos atrás. Os seus restos mortais descansam agora junto dos dele na sepultura familiar, por isso Keitaka crê que ela deverá estar feliz.

Keitaka já esteve em funerais de diferentes escolas budistas e considera que o procedimento às vezes poderá ter ligeiras diferenças mas que as crenças em relação ao espírito se mantêm praticamente inalteradas, sendo os objetivos comuns. Crê que basicamente são todos iguais ou partilham traços gerais comuns. Diz que nos dias de hoje vai com frequência a grandes funerais de empresários e antigos professores, aos quais muitos convidados assistem, não se conhecendo entre eles a esmagadora maioria das vezes. Considera estes funerais como algo artificial e impessoal. Disse que o habitual é realizarem-se em grandes salões (nas agências funerárias), ao contrário de há uns anos atrás, em que o funeral se realizava em casa e, logicamente muito menos pessoas assistiam e tudo o que era necessário desde comida a flores e objetos religiosos era feito para ser usado no momento e de acordo com o que o defunto e a família pretendiam. Porém, diz que nos dias de hoje é mais fácil, pois as diversas cerimónias fúnebres possíveis vêm em “pacotes” já pré-preparados com música, flores, parafernália, etc. As famílias apenas têm de escolher o “pacote” que vá mais de encontro às suas preferências e podem até fazer a cerimónia dos 49 dias no próprio dia da cremação, pois alguns membros da família

poderão não ter disponibilidade no dias em que seria suposto fazê-lo. Pessoalmente, Keitaka não aprecia estas novas abordagens mas admite que são convenientes e é por isso que muitas famílias optam por fazê-las.

Contou-me que há uns anos atrás, quando o marido de Chieko faleceu, o funeral se realizou no 3º andar do jardim-de-infância, que consiste numa sala bastante grande e que muita gente compareceu e todos os dias oraram por ele. Diz que foi muito difícil, pois tiveram que preparar tudo e convidar muita gente. Porém, fizeram um funeral muito pessoal, o que Keitaka considera ser bom para a aceitação da morte, pois com tanto a fazer e a preparar, fica-se muito ocupado e de certa maneira fica-se distraído da dor da perda. Seria essa a razão pela qual os japoneses tradicionalmente celebrariam funerais tão elaborados e complexos, assinalando a morte 1 dia, 3 dias, 9 dias até aos 49 dias e, depois disso iam assinalando 1 ano, 3 anos, 9 anos depois, etc., até às datas que anteriormente já vimos.

A partir dos 49 e com a ascensão do da alma ao plano espiritual, esta torna-se um dos antepassados divinizados da família. Os japoneses crêem de certa forma que o espírito em parte permanece na casa de família e que regressa totalmente durante o festival *O-bon* para conviver com a sua família durante uns dias. Keitaka diz gostar muito deste festival. Inicialmente, acende-se um pequeno fogo junto da sepultura para conduzir o espírito até à casa da família. Depois disso os espíritos dos antepassados são integrados em todas as atividades quotidianas da sua família, desde o banho até às refeições. Este período de integração dos antepassados dura entre 4 a 5 dias e toda a família se reúne para conviver durante esse tempo. Findo esse tempo, voltam a orientar o espírito de volta ao cemitério para que possa regressar ao Além em segurança. Keitaka conta que antes de trazerem os antepassados, a casa deve ser toda limpa e preparada e a família deve já estar reunida e pronta para os receber. Este pequeno relato é uma das suas memórias de infância.

Diz-me que, nos dias de hoje, o Festival *O-bon* é muito mais simples nas grandes cidades e apenas dura cerca de meio dia, durante o qual os familiares e antepassados partilham um almoço, pois esta festividade está adaptada às vidas ocupadas da maioria das pessoas, que não dispõem de muito, o que considera ser triste.

Contudo, diz-me que em meios rurais o *O-bon* ainda é bastante tradicional e muitos ritos antigos ainda sobrevivem, muito mais que nas grandes cidades como Osaka.

(Informação recolhida e gravada no dia 8 de Junho)

Em conclusão vemos que na amostra apresentada o ritual mais importante é o da recitação de *sutras* onde se poderá incluir *shoko*, pois segundo as informações presentes nas três amostras, é durante este processo que é possível relembrar com mais vividez as memórias partilhadas com o defunto.

Vimos também no plano individual (para Sugimoto Keitaka) grande valorização na refeição partilhada entre convidados depois do funeral, novamente na perspetiva de relembrar o defunto e de se criar uma memória coletiva daquilo que o defunto foi em vida. Por outro lado, a cerimónia *Kotsuage*, na perspetiva de Sugimoto Sayaka, foi a mais marcante, pois ao ver o esqueleto do seu avô aceitou permanentemente a sua morte e isso ajudou-a a perceber a imprevisibilidade dos acontecimentos em vida bem como a efemeridade da existência humana.

Finalmente, em relação ao objetivo do funeral, penso que os pontos expressos têm muito em comum, sendo que destaco essencialmente o objetivo de fazer com que a memória do defunto não desapareça (Okano Tatsuya considera até este aspeto mais importante que a purificação espiritual do defunto) e o de agradecer por tudo o que fez em vida, de forma a manter o espírito do defunto feliz, sendo que de outra forma este sentir-se-á triste e não conseguirá fazer a sua viagem para o plano espiritual. Assim, para Keitaka e Sayaka o funeral serve também o propósito de apaziguar o espírito para que este possa fazer uma travessia segura para o Além. É também de se destacar o ponto comum da realização das cerimónias fúnebres nas agências funerárias e como mesmo em espaços rurais essa é hoje a opção predominante.

### **Análise e tradução de panfleto da agência funerária e de livro de *sutras* budista**

Nesta secção passarei a apresentar os materiais que recolhi em campo, pois no passado ano de 2015 consegui visitar uma agência funerária, a Izumo Funeral, na cidade de Kariya (Aichi-ken).

O pessoal foi muito prestável e teve a gentileza de me deixar fotografar alguns dos principais espaços do edifício, oferecendo-me até um panfleto explicativo dos serviços prestados e um livro de *sutras* usado nos funerais.

Em relação ao panfleto, foi-me possível obter uma tradução, graças à valiosa ajuda do colega André Pinto (FLUL). Já o livro de *sutras* revelou-se impossível, pois nem os próprios japoneses, pelo que me disseram os Sugimoto, conseguem traduzir ou entender verdadeiramente os *sutras* que recitam, se não tiverem estudos específicos para tal.

Seguidamente, passarei a apresentar o folheto da Izumo Funeral. Este folheto descreve as salas mais importantes do edifício bem como explica quais os principais serviços oferecidos.

Logo à entrada, os convidados são recebidos no *lobby* muito espaçoso «... *de modo cortês.*» Esta casa mortuária dispõe de quatro salas cerimoniais: duas salas mais pequenas para cerimónias mais privadas, nomeadamente, a Sala das Dálias (com 40 lugares sentados) e a Sala dos Lírios (com capacidade para 50 lugares sentados), ambas recomendadas no panfleto para cerimónias budistas de cariz mais pessoal. As duas maiores salas têm capacidade para 90 e 186 lugares sentados e são, respetivamente, o Hall de Pérola, uma sala cerimonial cuja principal característica é simular na perfeição uma iluminação natural; e o Hall de Diamante, que é uma sala para grandes cerimónias com uma capacidade total para até 300 pessoas: «*Um pequeno gesto para a sua família, para que, na hora da despedida com os entes idos, não reste nenhum arrependimento. Providenciamos um espaço elegante e nobre, adequado para a realização de cerimónias fúnebres distintas e solenes.*»



Figura 14 - Apresentação das várias salas possíveis em cada "pacote" de serviços, bem como das restantes condições oferecidas.

Existe também uma sala de espera da qual a família pode dispor para descansar «... *para curar a fadiga do coração e do corpo, mesmo que só um pouco*», uma sala de espera para os sacerdotes, bem como uma casa de banho com a principal função de tomar banho. Como se vê estão assim cobertas duas grande necessidades da família na noite do velório. No panfleto consta também que, nesta empresa, se realizam funerais de acordo com as crenças religiosas mais populares do Japão: budistas, xintoístas e cristãos. Esta agência providencia todas as soluções para funerais destes credos, desde música, flores a altares bem como a objetos mais específicos.

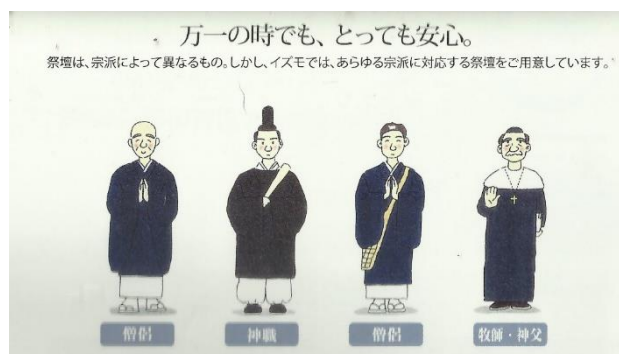


Figura 15 - Da esquerda para a direita: monge budista, sacerdote xintoísta, monge budista e padre cristão



非会員祭壇価格 **259,400円** (税込)

会員祭壇価格 満期1口でご利用頂けます。

《一口》月1,000円×120回=120,000円

※但し、施行時には消費税相当額をお預かりします。  
消費税相当額を含む支払い額は120,000+消費税となります。



高級白木祭壇



御棺・葬儀小物



受付・焼香具



後飾り祭壇

門前飾り

- 【祭壇】白木4段彫刻祭壇造花付
- 【飾り付け】飾り片付け一切をご奉仕
- 【焼飾り】三具足、経机
- 【御棺】窓付内張寝棺及び棺覆
- 【納棺具】天冠、経帷子、頭陀袋、手甲、御絆、白足袋、草履、数珠、杖
- 【御位牌】白木位牌
- 【記帳類】香典帳、芳名帳
- 【印刷紙】駐車場ご案内紙、告知紙
- 【会葬礼状】葉書100枚
- 【お清め塩】100g
- 【後飾り】後飾り祭壇
- 【外飾り】門前飾り(生花付)
- 【司会】式進行司会
- 【焼香台】白布付
- 【塔婆】7枚塔婆、3尺塔婆
- 【ローソク】祭壇用ローソク2本
- 【焼香具】親族用、会葬者用、香炭
- 【受付所】白布張テーブル、香典受付書類箱
- 【その他小物】線香、喪主リボン
- 【御霊燈】門前オリジナル灯一對、忌中灯、家紋付提灯
- 【幕張】後幕、前幕、横幕、忌中幕、受付幕、焼香幕
- 【夜間警備手続】火葬場時間設定、霊柩車の使用手続

Figura 16 - Alguns exemplos das soluções que a agência oferece, neste caso para os funerais budistas.

No panfleto vem também a informação sobre os vários pacotes oferecidos:

«Emolumentos por Sacerdote externo: 259,400 ienes (imposto incluído);  
Emolumentos por Sacerdote interno: possibilidade de pagamento a prestações: 1000  
ienes/mês x 120 meses = 120.000 ienes.  
NOTA: No momento do débito da prestação, será aplicada uma taxa de impostos  
proporcional ao estipêndio. O preço total consiste, por isso, no preço base de 120.000  
ienes mais a tarifa associada aos impostos »

Isto significa que a família poderá escolher os sacerdotes que pretende para a cerimónia fúnebre, seja os do seu templo, santuário ou igreja pessoal, seja o sacerdote contratado pela agência funerária, ficando mais em conta a segunda opção.

Como vimos na segunda imagem, esta agência oferece também nos seus pacotes os altares fúnebres em madeira, bem como os caixões e outros acessórios e o incenso que será usado ao longo da cerimónia. Contudo, discriminam que de acordo com a sala escolhida alguns aspetos poderão variar e que a família deverá sempre informar-se junto de um funcionário.

Como já vimos, as salas poderão ser alugadas de acordo com o funeral que a família pretende realizar, sendo que esta também terá ao seu dispor instalações para descansar e tomar banho, mas também está incluída uma ampla sala de refeições ao lado da sala cerimonial com o altar, onde família e convidados podem partilhar um almoço ou jantar.

A Izumo Funeral oferece ainda uma outra opção de sala para as famílias que queiram realizar um funeral o mais pessoal possível: o Pavilhão do Lótus Sagrado, que tem uma capacidade para 30 pessoas sentadas, sendo exclusiva para os familiares mais chegados do defunto. Este Pavilhão inclui também no seu pacote o acesso à sala de espera/descanso, casas de banho (WC e banhos), lavatório e sala de refeições, sendo possível encomendar *Bento* (caixas com refeições) com antecedência aquando da reserva do serviço e a empresa oferece também cestos ornamentais decorados em agradecimento pela escolha dos seus serviços.

Este panfleto apresenta também uma tabela de preços muito completa para os serviços de funeral e velório, que consistem no aluguer de uma das salas durante um ou dois dias. A tabela é a que se segue:

<b>Preçário (impostos incluídos)</b>	<b>Preço para Sacerdote Interno</b>	<b>Preço para Sacerdote Externo</b>
<i>Hall</i> de Diamante	54,000 ienes	108,000 ienes
<i>Hall</i> de Pérola	32,400 ienes	64,800 ienes
Sala dos Lírios Sala das Dálías Pavilhão do Lótus Sagrado	32,400 ienes	64,800 ienes
Sala de espera para familiares	10,800 ienes	21,600 ienes

A Izumo Funeral oferece também outros serviços em apoio da memória dos defuntos: além dos velórios e funerais, realizam também vários rituais budistas e oferecem ainda o transporte do defunto do hospital para casa, bem como ajudam na escolha de altares e sepulturas, se necessário. A agência compromete-se a acompanhar e a apoiar as famílias em todos os passos do funeral.



Figura 17 - Estas duas imagens ilustram todo o processo acompanhado desde a morte até ao sepultamento [gentilmente traduzidas pelo André Pinto]

Segundo o panfleto, a agência oferece os seus serviços todo o ano 24 horas por dia, 7 dias por semana, sem distinções com base na religião. Os funcionários poderão também ajudar as famílias nas questões burocráticas, como a emissão de certidões de óbitos e participações dos óbitos às respetivas entidades competentes (*Yakusho*). Oferecem também os seus serviços na receção dos convidados em nome da família durante o velório e funeral.

Esta agência está baseada na prefeitura de Aichi com edifícios nas cidades de Nagoia, Horita, Nakagawa, Kasugai, Kozoji, Seto, Owarihasahi, Higashiura, Toyota, Wakabayashi, Anjo e Kariya.

Em relação ao pequeno livro de *sutras*, o colega André Pinto fez também o seu melhor a traduzir o que era possível e conseguiu obter-me algumas informações. O título deste

livrinho é Shoushinge (o que significa “O Hino da Fé Verdadeira”) e tem como principal objeto de adoração Amida Nyorai / Amithaba Tathagata, pertencendo à Escola *Jodo Shinshu* (Budismo da Terra Pura), fundada pelo Sagrado Shinran, cujo templo é Higashi Hongan-ji (*Shinshuu Honbyou*) em Quioto. Esta Escola baseia-se nos ensinamentos dos Três *Sutras* da Terra Pura, como explicados pelo seu fundador. Os três *sutras* são os seguintes: *Sutra do Buda da Vida Imensurável (Bussetsu Muryoju Kyo)*; *Sutra da Contemplação do Buda da Vida Imensurável (Bussetsu Kammuryoju Kyo)*; *Sutra Menor do Buda Amida (Bussetsu Amida Kyo)*. No primeiro *sutra* é contada a história do Buda Amida e da Terra Pura e todos os seres são incentivados a nele confiarem, sendo este *sutra* particularmente importante nesta Escola Budista<sup>2</sup>.

Na 6ª página, fala-nos do refúgio dos crentes nas Três Joias do Budismo, num pequeno texto lido durante os funerais: *«Só agora o ser humano veio a compreender, pela primeira vez, o valor e sentido profundo da sua vida. Conseguiu, por fim, conhecer a alegria de seguir os ensinamentos de Buda e com ele se encontrar.*

*Se este corpo condenado, estulto, em constante perdição, não tivesse sido salvo, durante a sua vida não mais acharia a salvação.*

*Que nós, as almas aqui congregadas, por ligação aos ensinamentos budistas, tomando como base as Três Joias deste mundo - Buda, Dharma e Sangha - busquemos com modéstia o verdadeiro sentido da vida.*

*Eu devo conduzir este corpo estulto até à verdade, seguindo, durante toda a vida, os ensinamentos de Shaka/Shakyamuni (Buda Histórico), que nos abriu os olhos para o significado e valor da vida que conosco nasce. Ademais, tomando como nosso pedido fervoroso todas as preocupações que afetam a nossa vida, e experienciando no corpo, de modo profundo, a invocação do Buda (Nenbutsu) que conduz à verdade, não podemos deixar de rogar pela descoberta da verdadeira felicidade e satisfação de viver neste mundo.*

*Daqui em diante, para toda a minha vida, aceitarei a invocação do Buda como única verdade neste momento e alicerce. Por conseguinte, tomando como pedido fervoroso todas as preocupações que afetam a minha vida, irei levar a minha vida aprendendo dos ensinamentos do Buda (Shakyamuni), rogando ininterruptamente para que os meus olhos, que penetram a verdade e as preocupações deste mundo, se abram por inteiro.*

---

<sup>2</sup> Consultado em [http://amida-ji-retreat-temple-romania.blogspot.jp/2016/03/algumas-nocoes-gerais-do-budismo-jodo\\_30.html](http://amida-ji-retreat-temple-romania.blogspot.jp/2016/03/algumas-nocoes-gerais-do-budismo-jodo_30.html) a 20 de Julho de 2016

*Quero conduzir a minha vida com base nos instrutores preciosos e companheiros inestimáveis com que me encontrei graças ao Budismo. Ademais, tomando como pedido fervoroso todas as preocupações que afetam as nossas vidas, invoquemos em uníssono, nós aqui reunidos, o Buda, ultrapassando as dificuldades e tristezas que assolam este mundo e suplicando juntos que, ao longo da vida que trilhamos, sejamos capazes de achar a verdadeira satisfação.*

*Ah, encontrar os maravilhosos ensinamentos do Buda, que ultrapassam qualquer coisa valiosa deste mundo, não poderá ser descrito de outro modo senão como um "milagre". Agora que eu encontrei o Budismo, tão difícil de encontrar, dedico, com total certeza, este corpo. Rogo, do fundo de coração, que, daqui em diante, este corpo possa experienciar com maior profundidade o verdadeiro significado da vida sobre o qual o Budismo ensina.» [Tradução de André Pinto (FLUL)]*

Na página seguinte, apresenta-se o Hino *Shinshuu* (do Budismo da Terra Pura):

*«Não há felicidade que se compare*

*Ao encontro com o Dharma supremo.*

*Ouvindo e, assim, abrindo caminho com dedicação*

*Receberemos a verdadeira intenção (de Amida).»*

Na 8ª página é apresentado outro hino, o Hino da Compaixão (*Ondokusan*), que André Pinto traduziu da seguinte forma:

*«Mesmo que o nosso corpo se torne pó, devemos retribuir em gratidão*

*A benevolência da infinita compaixão de Nyorai/Tathagata.*

*Mesmo que se nos rachem os ossos, devemos retribuir em gratidão*

*A benevolência dos mestres e dos instrutores.»*

Nesta já mencionada página, apresenta-se também o sermão (*Ofumi*):

*«Quer sejam homens ou mulheres, todas as pessoas que, neste mundo perpétuo, levam uma vida laica sem conhecerem a verdadeira sabedoria, devem procurar intensamente o Buda Amida, tornando unos os seus corações. Ademais, as pessoas que se dedicam de toda a mente e coração ao Buda Amida, sem inclinarem o coração a outros Budas e Bodhisattvas, mesmo tendo cometido pecados pesados, serão sem dúvida salvas pelo Buda Nyorai.*

*Daqui em diante, falecerão em paz e renascerão no paraíso por invocação a Amithaba (念仏往生 Nenbutsu Oujou), como jurado na 18ª Oração.*

*Como acima expresso, pela determinação alicerçada na fé, quer durmamos quer acordemos, enquanto estivermos vivos, devemos entoar e invocar o nome do Buda (Nenbutsu).*

*Anakashiko, Anakashiko*» [De acordo com o colega esta é uma expressão arcaica utilizada no final de cartas para demonstrar preocupação].

No posfácio vem indicado que este manual se trata de uma cuidadosa compilação de textos/*sutras* para serem usados, lidos e recitados nas cerimónias fúnebres, sendo essenciais a qualquer seguidor da Escola Budista da Terra Pura, sendo também indicado para os memoriais fúnebres anuais (aqueles anos específicos assinalados após a morte que já vimos anteriormente).

Os *sutras* propriamente ditos, como já foi explicado, são praticamente impossíveis de traduzir pois são frases recitadas, com a pronunciação muitas vezes adaptada da língua chinesa tradicional, sendo que os próprios japoneses têm dificuldade em entender o seu verdadeiro significado, sendo estes usados para preces e meditações rítmicas.

Trata-se de uma edição a cargo do Comité Editorial da Editora Kyouku (Escola de Budismo da Terra Pura, Seita Otani) da cidade de Okazaki.

Em suma, como se pôde constatar as atuais agências funerárias cobrem todos os aspetos e necessidades dos seus clientes, oferecendo infraestruturas luxuosas, amplas e bem iluminadas, em conjugação com “pacotes” constituídos pelo velório e funeral (de qualquer crença religiosa), caixões, altares e outra parafernália religiosa, bem como serviços de cremação e rituais posteriores e até serviço de refeições, sendo que estas agências têm como objetivo acompanhar as famílias ao longo de todo o processo, até mesmo findos os 49 dias simbólicos, poderão oferecer o serviço de sepultamento ou até mesmo fazê-lo no próprio dia do funeral, como já se disse. As atuais agências funerárias, por um lado, poderão até ser vistas como uma espécie de hotel tanto para os vivos como para os defuntos, simplificando extremamente todo o processo do funeral desde a os aspetos burocráticos aos mais simbólicos, o que explica o facto de nos dias de hoje serem a escolha maioritária das famílias que procuram facilidade e conveniência nestes momentos, o que acontece a esmagadora maioria das vezes e cada vez mais.

### Conclusão

Como vimos ao longo desta dissertação, as cerimónias fúnebres japonesas nem sempre foram como hoje são, de facto desde o período Edo que têm passado por várias mutações em conteúdo e forma, sendo que é durante este período, no século XVI, que se faz a demarcação entre funerais budistas e xintoístas, derivada de medidas políticas tomadas na altura para combater a disseminação do cristianismo (registo obrigatório de todos os japoneses num templo budista). Famílias influentes de padres xintoístas defendem as origens antigas e professam a superioridade do xintoísmo enquanto o culto nativo e mais antigo de Japão. Por isso, a partir das crónicas mítico-históricas *Kojiki* e *Nihon Shoki* vão buscar uma série de rituais e intervenientes específicos que consideram formar um verdadeiro funeral xintoísta. Tal como se mostrou, nessa altura o aspeto que demarcava o funeral xintoísta como tal era a proibição da participação a monges budistas. Como vimos estes funerais ainda existem nos dias de hoje mas têm pouquíssima incidência nas estatísticas, pois o funeral budista é predominante em praticamente todo o território japonês.

Com efeito, no período Edo, os funerais, regra geral, eram modestos e pequenos para a maioria da população e as cerimónias decorriam durante a noite e quase (ou não de todo) se usavam adereços religiosos. Os poucos em uso eram produzidos no momento, o que para a maioria das pessoas se poderia revelar demasiado dispendioso.

Em finais do século XIX os funerais tornam-se mais elaborados e os adereços necessários podem agora ser alugados e, por isso, são mais baratos e, assim as famílias mais pobres começam também a poder realizar funerais mais vistosos e à luz do dia.

No período Meiji (1868-1912), acima supracitado, o funeral é encarado como um evento social e as demonstrações públicas de luto são bem aceites. Em Tóquio surgem as primeiras agências funerárias que preparam toda a parafernália religiosa e organizam o cerimonial dos funerais mais modestos. Este negócio compete com os já existentes *Koshiya*, cujos serviços prestados eram muito mais dispendiosos. Estas novas agências funerárias foram também um polo de criação de novos empregos, pois eram necessários funcionários específicos para cada parte do processo. É também neste período que se começa a disseminar e vulgarizar a cremação dos corpos (no período Edo, eram sobretudo inumados) e atinge-se o auge (entre quem tinha possibilidades financeiras) da celebração de funerais mais exuberantes e complexos.

Na era Taisho (1912-1926), em grande parte devido ao Grande Terramoto de Tóquio de 1923, o processo fúnebre é encurtado, devido às inúmeras mortes ocorridas (muitíssimas baixas em funcionários das agências funerárias). Entra em voga uma nova prática, a das cerimónias domésticas de última despedida que incluíam, além da família, amigos, parentes, conhecidos e colegas do defunto. O luto também se simplifica e popularizam-se os postais e cartões de homenagem e oferenda. Dá-se também nesta altura o corte de laços e a diminuição da esfera social da família, pois o grupo de vizinhos do bairro já não tem qualquer papel na organização das cerimónias fúnebres, pois tudo é agora totalmente organizado pelas agências funerárias, que vêm neste período um grande crescimento económico enquanto indústria e empresas prestadora de serviços.

Com a era Showa (1926-1989) surgem novidades, com destaque para os parques cemiteriais (*Kouen-bochi*) e a modernização dos crematórios, o que leva à crescente popularização da cremação. Em 1926 é inaugurado o primeiro parque cemiterial do Japão, o *Tama Reien Bochi* e em 1926, pela primeira vez, é possível recolher os ossos do defunto no próprio dia da cremação, pois agora nesta altura começaram a ser usados combustíveis fósseis, o que acelerou muito o processo. Nesta era os ritos funerários simplificam-se e começa a esbater-se a imagem negra e tabu da morte.

Em 1934, os altares usados nos velórios tornam-se mais elaborados e por influência Ocidental começam a ser usadas flores naturais coloridas (tradicionalmente, usavam-se flores brancas, em especial crisântemos) e também os postais e cartões de luto se tornam mais elaborados.

Com efeito, todas as etapas do ritual funerário estão agora a cargo das agências funerárias e dos monges budistas.

Nos anos do pós-guerra (leia-se durante a ocupação americana) a indústria fúnebre começa a tornar-se mais ousada através do uso de anúncios publicitários.

Nos dias de hoje, na era Heisei (1989 - ...) as famílias procuram resolver em vida todos os problemas relacionados com os seus eventuais funerais: poupam dinheiro, compram espaços para sepulturas (caso não tenham a familiar), escolhem o funeral ao seu gosto, etc. Verifica-se nos dias de hoje um misto de obediência continuada à norma social ao mesmo tempo que se busca a individualização e o afastamento de cerimoniais mais “frios”. Ao contrário da era Meiji, o funeral é hoje um evento privado e familiar, sobretudo, exceto



nos casos que já vimos de grandes empresários, por exemplo, como abordado no relato de Sugimoto Keitaka.

Segundo o que consegui apurar, o funeral atual é predominantemente budista e encontra-se encurtado ao máximo, decorrendo até muitas vezes durante o fim-de-semana e estando dependente da disponibilidade (ou falta dela) dos vários familiares mais próximos. Em traços gerais, pode ser dividido numa série de sub-cerimónias:

- 1) *Matsugo no Mizu* assim que se participa o óbito, coloca-se água nos lábios do defunto, sendo esta a primeira de muitas purificações do corpo;
- 2) Preparação do corpo, estando este deitado no *futon* com a cabeça virada para Norte, tal como Buda (*Kita Makura*). O corpo é lavado e vestido com o *kimono* fúnebre tradicional e as suas mãos são colocadas junto ao peito em oração;
- 3) O corpo já vestido e preparado é colocado num *futon* e tapado com uma mortalha branca e a face é coberta com um lenço branco. Ao seu lado coloca-se uma mesa baixa com oferendas;
- 4) Resolução de questões burocráticas: o resto da família é informado da morte e decide-se a data do funeral e quem vai liderar os rituais e orações (por norma é o filho mais velho);
- 5) A casa é decorada e preparada para o funeral. O altar xintoísta doméstico é fechado para que a poluição da morte não atinja as divindades (*Kamidana Fuji*). Resolvidas as questões burocráticas acima explicitadas, a família informa o agente funerário das datas escolhidas e de quanto pretende gastar e, a partir daí, o funeral é planeado em conjugação com o calendário budista (para que se realize no dia mais auspicioso possível), com a casa mortuária e crematório;
- 6) Começam as primeiras visitas de familiares, parentes e amigos mais próximos que oferecem *Omiiai* (presente monetário de expressão do luto), rezam e queimam incenso junto do corpo. É nesta altura também que vem o monge para recitar *sutras* junto ao corpo do defunto e se escolhe o nome póstumo budista, bem como se colocam as tabuinhas funerárias no altar;
- 7) Chega a altura de colocar o corpo do defunto no caixão depois de uma rápida purificação. Nesta altura o corpo estará a envergar todo o vestuário fúnebre tradicional e dentro da urna, junto a si, são colocados alguns objetos que em vida tiveram valor sentimental;

- 8) O defunto é transportado até à casa mortuária e aqui é devidamente posicionado junto a um elaborado altar decorado com oferendas várias;
- 9) Decorre o velório (*Otsuya*) em que vários parentes e amigos vêm visitar o defunto e fazer diversas oferendas, especialmente na forma de incenso e preces. Por norma este processo dura uma noite;
- 10) No dia que se segue, celebra-se o funeral propriamente dito (*Missou*), em que monges budistas recitam *sutras*, os familiares mais chegados discursam acerca do defunto e se fazem mais oferendas de incenso. É o derradeiro adeus ao defunto e a urna é definitivamente fechada;
- 11) Segue-se a cremação, que está restrita aos monges, família direta e amigos mais chegados. A incineração do corpo tem a duração aproximada de 1 hora e dá-se por concluída quando resta apenas o esqueleto do defunto. Após a cremação do corpo, ocorre o processo denominado de *Kotsuage* que consiste na recolha dos ossos de maior significado simbólico e na sua deposição num recipiente destinado para o efeito (*Kotsutsubo*). Esta recolha é feita com a passagem intercalada dos ossos entre homens e mulheres, com recurso a pauzinhos, até chegarem ao recipiente onde são depositados.
- 12) Finalmente o *Kotsutsubo* contendo ossos e cinzas do defunto permanece na residência familiar durante 49 dias. Findo esse tempo, o recipiente é colocado na sepultura familiar. Como já vimos, nos dias de hoje não é invulgar que a caixa seja logo depositada na sepultura depois da cremação, numa aceleração do processo. Como já vimos, no caso anteriormente abordado a mãe de Sugimoto Keitaka, alguns familiares optam também por doar alguns ossos dos seus entes queridos para serem integrados em estátuas budistas nalguns templos, como é o caso Isshin-ji.

Nos dias de hoje, como já foi muito abordado, devido ao estilo de vida da maioria dos japoneses que trabalham muitas horas e têm pouca disponibilidade, os funerais tendem a encurtar-se e a realizar-se na sua totalidade nas agências funerárias, que têm ganho cada vez mais popularidade por serem extremamente convenientes ao oferecer todos os serviços necessários tanto aos mortos como aos vivos. Isto reflete-se no grande crescimento da indústria da morte no Japão, em que não escapam nem os mais ínfimos pormenores. Há cerimónias para todos os gostos, credos e carteiras (o que é um fator importante). Contudo, mesmo sendo acelerado e encurtado, o funeral típico

budista que expus acima continua de longe a ser o mais popular, embora um muitíssimo reduzido número de pessoas considere funerais cristãos e xintoístas.

Cada vez mais o simbólico e o tradicional vão dando lugar ao rápido, moderno e conveniente e na sociedade japonesa é relativamente fácil ser-se bem-sucedido quando o produto em oferta se constitui como uma solução conveniente, rápida e em conta. É fácil deixar fora desta equação o aspeto espiritual face às atuais tendências consumistas e comerciais, mesmo sendo as casas mortuárias concebidas segundo a ritualística fúnebre tradicional. São também estas agências funerárias que contratam os monges necessários para a celebração do funeral, o que tem levado indiscutivelmente à sua liderança face à própria religião/espiritualidade (é hoje raríssimo fazer-se o funeral num templo), não se mantendo esse aspeto tradicional da cerimónia fúnebre no templo ou mesmo na residência do defunto.

Isto leva-me a considerar que a busca pelo ritual personalizado terá, ao invés dado lugar a um rito impessoal e altamente comercial, pois como já se referiu, são as agências funerárias que fornecem tudo o que é necessário, não escapando a uma norma, pois a parafernália usada e os ritos realizados seguem um modelo estandardizado, não deixando grande lugar à originalidade e individualidade, com exceção feita para o funeral já mencionado da idosa que terá doado o seu corpo à investigação e para o relatado funeral cristão.

Existe, inclusive, um curso académico especializado na formação de agentes funerários. A meu ver isto revela uma clara influência (mesmo que discreta) desta indústria na sociedade contemporânea do Japão, que cada vez mais, neste caso, poderá ver a morte como um negócio extremamente rentável ao invés de algo puramente negativo e poluidor, como anteriormente. De facto, até nos meios rurais, onde a mudança demora mais a chegar, segundo Sayaka, as agências funerárias são também já predominantes face aos funerais realizados nas residências, devido às soluções “empacotadas” e rápidas que oferecem. Estas empresas exercem hoje um inegável domínio tanto comercial como ritualístico.

Tudo isto apesar de os japoneses continuarem a dar grande importância à permanência e conservação da memória dos seus entes queridos, bem como à necessidade das preces para a paz e bem-estar dos espíritos dos seus entes queridos. De facto, todas as pessoas com quem falei, bem como outras não aqui registadas manifestaram essa ideia

de certa forma, de que o espírito que não seja pacificado pode ficar preso ao mundo terreno e ficar muito infeliz e até trazer má sorte ou tornar-se um *Yurei* (fantasma), na pior das hipóteses.

Porém, nas gerações mais jovens, como já se constatou nos relatos recolhidos, o nível de desconhecimento do rito funerário é elevado e até aliado a um desinteresse geral, sendo que grande parte do significado original destas cerimónias se terá já perdido. A meu ver isto reflete-se no fenómeno do encurtar dos rituais fúnebres, visto que estes nos dias de hoje são comprimidos ao máximo de forma a irem de encontro à pouca disponibilidade dos intervenientes. É também aqui fulcral o papel das agências funerárias, que rapidamente fornecem os espaços, materiais e funcionários especializados num só local, contrariando a minha ideia inicial que os funerais japoneses se mantinham totalmente tradicionais e realizados nas residências dos defuntos.

## **Bibliografia**

### **Geral:**

LAROUSSE; READER'S DIGEST; Extremo Oriente; Coleção Países e Povos do Mundo; Lisboa; 1994.

NELSON, John; Social Memory as Ritual Practice: Commemorating Spirits of the Military Dead at Yasukuni Shinto Shrine; *The Journal of Asian Studies*; Volume 62; Número 2; Association for Asian Studies; 2003; p. 443-467.

OLIVEIRA, Leonel de (Dir. Editorial); Enciclopédia Larousse; vol. 16; Círculo de Leitores; Rio de Mouro; 2002; pp. 4886.

WIJAYARATNA, Mohan; Funerary Rites in Japanese and Other Asian Buddhist Societies; in *Japan Review*; Número 8; 1997; p. 105-125.

### **Específica:**

CARMO; Alexandra; A temática da Morte no fenómeno da troca de olhares entre Portugueses e Nipónicos no século XVI; dissertação redigida no âmbito do seminário de História da Ásia: Temas e Perspetivas, sob a orientação da Professora Doutora Maria Leonor Garcia da Cruz; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Lisboa; 2014.

GILDAY, Edmund T.; KENNEY, Elizabeth; Mortuary Rites in Japan – Editors' Introduction; *Japanese Journal of Religious Studies*; Volume 27; Números 3-4; Nanzan University; Nagoia; 2000; p. 163- 178.

KIM, Hyunchul; The Purification Process of Death – Mortuary Rites in a Japanese Rural Town; *Asian Ethnology*; Volume 71; Número 2; Nanzan Institute for Religion and Culture; Nanzan University; Nagoia; 2012; p. 225-257.

MURAKAMI, Kokyo; Changes in Japanese Urban Funeral Customs during the Twentieth Century; *Japanese Journal of Religious Studies*; Volume 27; Números 3-4; Nanzan University; Nagoia; 2000; p. 336-352.

NAKAMI, Hirochika; Continuity and Change: Funeral Customs in Modern Japan; *Japanese Journal of Religious Studies*; Volume 13; Números 2-3; Nanzan University; Nagóia; 1986; p. 177-192.

ROWE, Mark; Stickers for Nails – The Ongoing Transformation of Roles, Rites, and Symbols in Japanese Funerals; *Japanese Journal of Religious Studies*; Volume 27; Números 3-4; Nanzan University; Nagoia; 2000; p. 353-378

.TSUJI, Yohko; Mortuary Rituals in Japan: The Hegemony of Tradition and the Motivation of Individuals; *Ethos*; Volume 34; Número 3; Wiley; American Anthropological Association; 2006; p. 391-431.

**Webgrafia Geral:**

<http://www.yale.edu/macmillan/pier/resources/lessons/geography.htm>

<http://afe.easia.columbia.edu/japan/japanworkbook/geography/japgeo.html>

<http://www.japan-guide.com/list/e1000.html>

<https://www.pref.aichi.jp/global/en/summary/profile/background.html>

[Em Linha. Última consulta a 17/08/2015]

[http://k-amc.kokugakuin.ac.jp/DM/detail.do?class\\_name=col\\_eos&data\\_id=23262](http://k-amc.kokugakuin.ac.jp/DM/detail.do?class_name=col_eos&data_id=23262)

[Em linha. Última consulta a 11/06/2016] [Plataforma *online* criada pela Kokugakuin University, Tóquio]

[http://amida-ji-retreat-temple-romania.blogspot.jp/2016/03/algumas-nocoes-gerais-do-budismo-jodo\\_30.html](http://amida-ji-retreat-temple-romania.blogspot.jp/2016/03/algumas-nocoes-gerais-do-budismo-jodo_30.html) [Em linha. Última consulta a 20/07/2016]

<http://buddhistchurchesofamerica.org/welcome/essentials-of-jodo-shinshu/> [Em linha. Última consulta a 20/07/2016]